

Universidade do Sul de Santa Catarina

Ontologia I

Disciplina na modalidade a distância

Palhoça
UnisulVirtual
2011

Créditos

Universidade do Sul de Santa Catarina | Campus UnisulVirtual | Educação Superior a Distância

Avenida dos Lagos, 41 – Cidade Universitária Pedra Branca | Palhoça – SC | 88137-900 | Fone/fax: (48) 3279-1242 e 3279-1271 | E-mail: cursovirtual@unisul.br | Site: www.unisul.br/unisulvirtual

Reitor

Ailton Nazareno Soares

Vice-Reitor

Sebastião Salésio Heerd

Chefe de Gabinete da Reitoria

William Corrêa Máximo

**Pró-Reitor de Ensino e
Pró-Reitor de Pesquisa,
Pós-Graduação e Inovação**
Mauri Luiz Heerd

Pró-Reitora de Administração Acadêmica

Miriam de Fátima Bora Rosa

Pró-Reitor de Desenvolvimento e Inovação Institucional

Valter Alves Schmitz Neto

Diretora do Campus Universitário de Tubarão

Milene Pacheco Kindermann

Diretor do Campus Universitário da Grande Florianópolis

Hércules Nunes de Araújo

Secretária-Geral de Ensino

Solange Antunes de Souza

Diretora do Campus Universitário UnisulVirtual

Jucimara Roesler

Equipe UnisulVirtual

Diretor Adjunto

Moacir Heerd

Secretaria Executiva e Cerimonial

Jackson Schuelter Wiggers (Coord.)
Marcelo Fraiberg Machado
Tenille Catarina

Assessoria de Assuntos Internacionais

Murilo Matos Mendonça

Assessoria de Relação com Poder Público e Forças Armadas

Adenir Siqueira Viana
Walter Félix Cardoso Junior

Assessoria DAD - Disciplinas a Distância

Patrícia da Silva Meneghel (Coord.)
Carlos Alberto Azeites
Cláudia Berh V. da Silva
Conceição Aparecida Kindermann
Luiz Fernando Meneghel
Renata Souza de A. Subtil

Assessoria de Inovação e Qualidade de EAD

Denia Falcão de Bittencourt (Coord.)
Andrea Ouriques Balbinot
Carmen Maria Cipriani Pandini

Assessoria de Tecnologia

Osmar de Oliveira Braz Júnior (Coord.)
Felipe Fernandes
Felipe Jacson de Freitas
Jefferson Amorin Oliveira
Phelipe Luiz Winter da Silva
Priscila da Silva
Rodrigo Battistotti Pimpão
Tamara Bruna Ferreira da Silva

Coordenação Cursos

Coordenadores de UNA

Diva Marília Flemming
Marciel Evangelista Catâneo
Roberto Iunskovski

Auxiliares de Coordenação

Ana Denise Goularte de Souza
Camile Martinelli Silveira
Fabiana Lange Patrício
Tânia Regina Goularte Waltemann

Coordenadores Graduação

Aloísio José Rodrigues
Ana Luísa Müllbert
Ana Paula R. Pacheco
Artur Beck Neto
Bernardino José da Silva
Charles Odair Cesconetto da Silva
Dilsa Mondardo
Diva Marília Flemming
Horácio Dutra Mello
Itamar Pedro Bevilacqua
Jairo Afonso Henkes
Janaina Baeta Neves
Jorge Alexandre Nogueira Cardoso
José Carlos da Silva Junior
José Gabriel da Silva
José Humberto Dias de Toledo
Joseane Borges de Miranda
Luiz G. Buchmann Figueiredo
Marciel Evangelista Catâneo
Maria Cristina Schweitzer Veit
Maria da Graça Poyer
Mauro Faccioni Filho
Moacir Fogaça
Nélio Herzmann
Onei Tadeu Dutra
Patrícia Fontanella
Roberto Iunskovski
Rose Clér Estivalette Beche

Vice-Coordenadores Graduação

Adriana Santos Rammé
Bernardino José da Silva
Catia Melissa Silveira Rodrigues
Horácio Dutra Mello
Jardel Mendes Vieira
Joel Irineu Lohn
José Carlos Noronha de Oliveira
José Gabriel da Silva
José Humberto Dias de Toledo
Luciana Manfroi
Rogério Santos da Costa
Rosa Beatriz Madruga Pinheiro
Sergio Sell
Tatiana Lee Marques
Valnei Carlos Denardin
Sâmia Mônica Fortunato (Adjunta)

Coordenadores Pós-Graduação

Aloísio José Rodrigues
Anelise Leal Vieira Cubas
Bernardino José da Silva
Carmen Maria Cipriani Pandini
Daniela Ernani Monteiro Will
Giovani de Paula
Karla Leonora Dayse Nunes
Leticia Cristina Bizarro Barbosa
Luiz Otávio Botelho Lento
Roberto Iunskovski
Rodrigo Nunes Lunardelli
Rogério Santos da Costa
Thiago Coelho Soares
Vera Rejane Niedersberg Schuhmacher

Gerência Administração Acadêmica

Angélica Marçal Flores (Gerente)
Fernanda Farias

Secretaria de Ensino a Distância

Samara Josten Flores (Secretária de Ensino)
Giane dos Passos (Secretária Acadêmica)
Adenir Soares Júnior
Alessandro Alves da Silva
Andréa Luci Mandira
Cristina Mara Schaufert
Djeime Sammer Bortolotti
Douglas Silveira
Evilym Melo Livramento
Fabiano Silva Michels
Fabricio Botelho Espíndola
Felipe Wronski Henrique
Gisele Terezinha Cardoso Ferreira
Indyanara Ramos
Janaina Conceição
Jorge Luiz Vilhar Malaquias
Juliana Broering Martins
Luana Borges da Silva
Luana Tarsila Hellmann
Luiza Koing Zumblick
Maria José Rossetti

Marilene de Fátima Capeleto
Patrícia A. Pereira de Carvalho
Paulo Lisboa Cordeiro
Paulo Mauricio Silveira Bubalo
Rosângela Mara Siegel
Simone Torres de Oliveira
Vanessa Pereira Santos Metzker
Vanilda Liordina Heerd

Gerência Documental

Lamuniê Souza (Coord.)
Clair Maria Cardoso
Daniel Lucas de Medeiros
Jaliza Thizon de Bona
Guilherme Henrique Koerich
Josiane Leal
Marília Locks Fernandes

Gerência Administrativa e Financeira

Renato André Luz (Gerente)
Ana Luise Wehrle
Anderson Zandrê Prudêncio
Daniel Contessa Lisboa
Naiara Jeremias da Rocha
Rafael Bourdot Back
Thais Helena Bonetti
Valmir Venício Inácio

Gerência de Ensino, Pesquisa e Extensão

Janaina Baeta Neves (Gerente)
Aracelli Araldi

Elaboração de Projeto

Carolina Hoeller da Silva Boing
Vanderlei Brasil
Francielle Arruda Rampelotte

Reconhecimento de Curso

Maria de Fátima Martins

Extensão

Maria Cristina Veit (Coord.)

Pesquisa

Daniela E. M. Will (Coord. PUIP, PUIIC, PIBIC)
Mauro Faccioni Filho (Coord. Nuvem)

Pós-Graduação

Anelise Leal Vieira Cubas (Coord.)

Biblioteca

Salette Cecília e Souza (Coord.)
Paula Sanhudo da Silva
Marília Ignácio de Espíndola
Renan Felipe Cascaes

Gerência Docente e Discente

Enzo de Oliveira Moreira (Coord.)

Capacitação e Assessoria ao Docente

Alessandra de Oliveira (Assessoria)
Adriana Silveira
Alexandre Wagner da Rocha
Elaine Cristiane Surian (Capacitação)
Elizete De Marco
Fabiana Pereira
Iris de Souza Barros
Juliana Cardoso Esmeraldino
Maria Lina Moratelli Prado
Simone Ziguonovas

Tutoria e Suporte

Anderson da Silveira (Núcleo Comunicação)
Claudia N. Nascimento (Núcleo Norte-Nordeste)
Maria Eugênia F. Celeghein (Núcleo Pólos)
Andrea Talles Cascais
Daniela Cassol Peres
Débora Cristina Silveira
Ednéia Araújo Alberto (Núcleo Sudeste)
Francine Cardoso da Silva
Janaina Conceição (Núcleo Sul)
Joyce de Castro Peres
Karla F. Wisniewski Desengrini
Kelin Buss
Liana Ferreira
Luiz Antônio Pires
Maria Aparecida Teixeira
Mayara de Oliveira Bastos
Michael Mattar

Patrícia de Souza Amorim
Poliana Simão
Schenon Souza Preto

Gerência de Desenho e Desenvolvimento de Materiais Didáticos

Márcia Loch (Gerente)

Desenho Educacional

Cristina Klipp de Oliveira (Coord. Grad./DAD)
Roseli A. Rocha Moterle (Coord. Pós/Ext.)
Aline Cassol Daga
Aline Pimentel
Carmelita Schulze
Daniela Siqueira de Menezes
Delma Cristiane Morari
Eliete de Oliveira Costa
Eloisa Machado Seemann
Flavia Lumi Matuzawa
Geoviana Japiassu Martins
Isabel Zoldan da Veiga Rambo
João Marcos de Souza Alves
Leandro Romanó Bamberg
Lygia Pereira
Lis Airé Fogolari
Luiz Henrique Milani Queriquelli
Marcelo Tavares de Souza Campos
Mariana Aparecida dos Santos
Marina Melhado Gomes da Silva
Marina Cabeda Egger Moellwald
Mirian Elizabet Hahmeyer Collares Elpo
Pâmella Rocha Flores da Silva
Rafael da Cunha Lara
Roberta de Fátima Martins
Roseli Aparecida Rocha Moterle
Sabrina Bleicher
Verônica Ribas Cúrcio

Acessibilidade

Vanessa de Andrade Manoel (Coord.)
Leticia Regiane Da Silva Tóbal
Mariella Gloria Rodrigues
Vanessa Montagna

Avaliação da aprendizagem

Claudia Gabriela Dreher
Jaqueline Cardozo Polla
Nágila Cristina Hinckel
Sabrina Paula Soares Scaranto
Thayanny Aparecida B. da Conceição

Gerência de Logística

Jeferson Cassiano A. da Costa (Gerente)

Logística de Materiais

Carlos Eduardo D. da Silva (Coord.)
Abraão do Nascimento Germano
Bruna Maciel
Fernando Sardão da Silva
Fylyppy Margino dos Santos
Guilherme Lentz
Marlon Eliseu Pereira
Pablo Varela da Silveira
Rubens Amorim
Yslann David Melo Cordeiro

Avaliações Presenciais

Graciêl M. Lindenmayr (Coord.)
Ana Paula de Andrade
Angelica Cristina Gollo
Cristilaine Medeiros
Daiana Cristina Bortolotti
Delano Pinheiro Gomes
Edson Martins Rosa Junior
Fernando Steimbach
Fernando Oliveira Santos
Liseise Nunes Felipe
Marcelo Ramos
Marcio Ventura
Osni Jose Seidler Junior
Thais Bortolotti

Gerência de Marketing

Eliza B. Dallanhol Locks (Gerente)

Relacionamento com o Mercado

Alvaro José Souto

Relacionamento com Polos Presenciais

Alex Fabiano Wehrle (Coord.)
Jeferson Pandolfo

Karine Augusta Zanoni
Marcia Luz de Oliveira
Mayara Pereira Rosa
Luciana Tomadão Borguetti

Assuntos Jurídicos

Bruno Lucion Rosa
Sheila Cristina Martins

Marketing Estratégico

Rafael Bavaresco Bongioiolo

Portal e Comunicação

Catia Melissa Silveira Rodrigues
Andréa Drewes
Luiz Felipe Buchmann Figueiredo
Rafael Pessi

Gerência de Produção

Arthur Emmanuel F. Silveira (Gerente)
Francini Ferreira Dias

Design Visual

Pedro Paulo Alves Teixeira (Coord.)
Alberto Regis Elias
Alex Sandro Xavier
Anne Cristyne Pereira
Cristiano Neri Gonçalves Ribeiro
Daiana Ferreira Cassanego
Davi Pieper
Diogo Rafael da Silva
Edison Rodrigo Valim
Fernanda Fernandes
Frederico Trilha
Jordana Paula Schulka
Marcelo Neri da Silva
Nelson Rosa
Noemia Souza Mesquita
Oberdan Porto Leal Piantino

Multimídia

Sérgio Giron (Coord.)
Dandara Lemos Reynaldo
Cleber Magri
Fernando Gustav Soares Lima
Josué Lange

Conferência (e-OLA)

Carla Fabiana Feltrin Raimundo (Coord.)
Bruno Augusto Zunino
Gabriel Barbosa

Produção Industrial

Marcelo Bittencourt (Coord.)

Gerência Serviço de Atenção Integral ao Acadêmico

Maria Isabel Aragon (Gerente)
Ana Paula Batista Detóni
André Luiz Portes
Carolina Dias Damasceno
Cleide Inácio Goulart Seeman
Denise Fernandes
Francielle Fernandes
Holdrin Milet Brandão
Jenniffer Camargo
Jessica da Silva Bruchado
Jonatas Collaço de Souza
Juliana Cardoso da Silva
Juliana Elen Tizian
Kamilla Rosa
Mariana Souza
Marilene Fátima Capeleto
Mauro dos Santos Augusto
Maycon de Sousa Candido
Monique Napoli Ribeiro
Priscilla Geovana Paganini
Sabrina Mari Kawano Gonçalves
Sheila Cristina Martins
Tatze Muller
Tatiane Crestani Trentin

Leandro Kingeski Pacheco

Ontologia I

Livro didático

Design instrucional
Leandro Kingeski Pacheco

1ª edição revista

Palhoça
UnisulVirtual
2011

Copyright © UnisulVirtual 2011

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização desta instituição.

Edição – Livro Didático

Professor Conteudista
Leandro Kingeski Pacheco

Design Instrucional
Leandro Kingeski Pacheco

Assistente Acadêmico
Aline Cassol Daga (1ª ed. rev.)

Projeto Gráfico e Capa
Equipe UnisulVirtual

Diagramação
Pedro Teixeira
Fernanda Fernandes (1ª ed. rev.)

Revisão
Papyrus Textos Ltda.

ISBN
978-85-7817-330-2

111

P11

Pacheco, Leandro Kingeski
Ontologia I : livro didático / Leandro Kingeski Pacheco ; design
instrucional Leandro Kingeski Pacheco ; [assistente acadêmico Aline Cassol
Daga]. – 1. ed. rev. – Palhoça : UnisulVirtual, 2011.
232 p. : il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7817-330-2

1. Ontologia. I. Daga, Aline Cassol. II. Título.

Sumário

Apresentação.....	7
Palavras do professor.....	9
Plano de estudo	11
UNIDADE 1 - A Ontologia e algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas	17
UNIDADE 2 - A posição ontológica dos sofistas e a perspectiva de Sócrates, a Ontologia idealista de Platão e a Ontologia realista de Aristóteles.....	67
UNIDADE 3 - Ontologia cética, epicurista ou estóica?	127
UNIDADE 4 - Ontologias cristãs: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.....	173
Para concluir o estudo.....	205
Referências	207
Sobre o professor conteudista.....	211
Respostas e comentários das atividades de autoavaliação	213
Biblioteca Virtual.....	231

Apresentação

Este livro didático corresponde à disciplina **Ontologia I**.

O material foi elaborado visando a uma aprendizagem autônoma e aborda conteúdos especialmente selecionados e relacionados à sua área de formação. Ao adotar uma linguagem didática e dialógica, objetivamos facilitar seu estudo a distância, proporcionando condições favoráveis às múltiplas interações e a um aprendizado contextualizado e eficaz.

Lembre-se que sua caminhada, nesta disciplina, será acompanhada e monitorada constantemente pelo Sistema Tutorial da UnisulVirtual, por isso a “distância” fica caracterizada somente na modalidade de ensino que você optou para sua formação, pois na relação de aprendizagem professores e instituição estarão sempre conectados com você.

Então, sempre que sentir necessidade entre em contato; você tem à disposição diversas ferramentas e canais de acesso tais como: telefone, e-mail e o Espaço Unisul Virtual de Aprendizagem, que é o canal mais recomendado, pois tudo o que for enviado e recebido fica registrado para seu maior controle e comodidade. Nossa equipe técnica e pedagógica terá o maior prazer em lhe atender, pois sua aprendizagem é o nosso principal objetivo.

Bom estudo e sucesso!

Equipe UnisulVirtual.

Palavras do professor



Caríssimo(a) estudante:

Com o apoio deste livro didático, você mergulhará no mundo fascinante da Ontologia.

Ele compõe parte da primeira etapa de estudos que você realizará sobre o tema, por meio da disciplina Ontologia I.

Uma pergunta já deve estar se esboçando: – Afinal, o que é Ontologia?

Bom, esta questão será estudada na sequência, assim como diferentes perspectivas ontológicas defendidas por filósofos expoentes.

Especificamente, na disciplina Ontologia I, você conhece o objeto de estudo da Ontologia e um modo básico de investigação deste saber, bem como o contexto de surgimento deste saber em função de sua relação com a Metafísica. Também estuda a perspectiva ontológica de alguns pré-socráticos, com destaque para o conflito entre as ideias de Heráclito e Parmênides. Estuda, ainda, a posição ontológica dos sofistas e de Sócrates, a Ontologia de Platão e a Ontologia de Aristóteles. Na sequência, conhece elementos da Ontologia cética, da estóica e da epicurista. Por fim, estuda a perspectiva ontológica cristã de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino.

Embora tais conteúdos impliquem certa complexidade, tenho certeza de que você desenvolverá uma excelente aprendizagem. Para tanto, sua dedicação é essencial. Assim, conceitos, teses e teorias serão desvelados passo a passo.

Pelo menos duas ressalvas, neste começo de estudo, são pertinentes. A primeira é a seguinte: os conteúdos da disciplina Ontologia I seguem uma abordagem histórica, o que não significa que você estará estudando uma História da Filosofia, e sim as questões clássicas da Ontologia, situadas historicamente. Como nosso tempo é escasso e nosso objeto de trabalho delimitado, vamos nos concentrar nas questões de Ontologia. Certo?

A segunda ressalva é básica, válida para qualquer livro didático: este livro não tem a pretensão de esgotar o assunto Ontologia, mas somente de desenvolver “uma” abordagem didática e sistemática e, enquanto tal, humildemente parcial. Diante desta limitação, procure ampliar seus conhecimentos sobre Ontologia, consultando os textos originais dos próprios filósofos, como sugerido na seção “Saiba mais”, ao final de cada uma das unidades de seu livro. Procure, também, consultar dicionários e outras obras, sempre que considerar pertinente.

Bons estudos!

Professor Leandro Kingeski Pacheco



Plano de estudo

O plano de estudos visa a orientá-lo no desenvolvimento da disciplina. Ele possui elementos que o ajudarão a conhecer o contexto da disciplina e a organizar o seu tempo de estudos.

O processo de ensino e aprendizagem na UnisulVirtual leva em conta instrumentos que se articulam e se complementam, portanto, a construção de competências se dá sobre a articulação de metodologias e por meio das diversas formas de ação/mediação.

São elementos desse processo:

- o livro didático;
- o Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA);
- as atividades de avaliação (a distância, presenciais e de autoavaliação);
- o Sistema Tutorial.

Ementa

Noções introdutórias. O problema da “fundamentação”. O horizonte da Physis. O confronto entre Heráclito e Parmênides, Sofistas e Sócrates, a visão ontológica de Platão e Aristóteles. A Ontologia do ser criador: a visão tomista.

Objetivos

Geral:

Conhecer características de perspectivas ontológicas de alguns filósofos clássicos da Antiguidade e da Idade Média, assim como refletir sobre elas.

Específicos:

- Identificar e compreender o significado de Ontologia;
- Identificar o caráter radical da pergunta pelo ser, assim como noções básicas e gerais próprias das teorias ontológicas;
- Conhecer e compreender características ontológicas defendidas por diferentes pensadores pré-socráticos;
- Identificar o conflito ontológico pré-socrático protagonizado por pensamentos de Heráclito e de Parmênides;
- Identificar a posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates;
- Conhecer e compreender características da Ontologia de Platão e da Ontologia de Aristóteles;
- Conhecer e compreender características da Ontologia cética, da epicurista e da estóica;
- Conhecer e compreender características da Ontologia de Santo Agostinho e da Ontologia de São Tomás de Aquino; e
- Desenvolver exercícios de análise e síntese de trechos ontológicos.

Carga Horária

A carga horária total da disciplina é 60 horas-aula.

Conteúdo programático/objetivos

Veja, a seguir, as unidades que compõem o livro didático desta disciplina e os seus respectivos objetivos. Estes se referem aos resultados que você deverá alcançar ao final de uma etapa de estudo. Os objetivos de cada unidade definem o conjunto de conhecimentos que você deverá possuir para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à sua formação.

Unidades de estudo: 4

Unidade 1 – A Ontologia e algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas

Nesta unidade, você estuda o significado de Ontologia. Também conhece características de diferentes perspectivas ontológicas pré-socráticas. Ainda estuda o conflito ontológico pré-socrático protagonizado por pensamentos de Heráclito e de Parmênides. Você compreende que a noção de *Physis* é básica para as primeiras teorias formuladas sobre o ser.

Unidade 2 – A posição ontológica dos sofistas e a perspectiva de Sócrates, a Ontologia idealista de Platão e a Ontologia realista de Aristóteles

Com esta unidade, você identifica a posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates. Também conhece características básicas da Ontologia idealista de Platão, entre elas a noção de ideia, de mundo sensível e de mundo inteligível. Ainda conhece características básicas da Ontologia realista de Aristóteles, entre elas a noção de substância, de ato e de potência.

Unidade 3 – Ontologia cética, epicurista ou estóica?

Por meio desta unidade, você estuda, brevemente, características básicas da Ontologia cética, da epicurista e da estóica. Com a perspectiva cética de Pírron, você identifica o caráter indeterminado do ser, uma crítica às posições dogmáticas e a ênfase no fenômeno como aquilo que há. Com a perspectiva ontológica e materialista de Epicuro, você identifica o corpo – distinto como átomo (elemento) ou composto – e o espaço (vazio) como existentes básicos. Com os estóicos, você identifica que algo pode ser considerado corpóreo ou incorpóreo, respectivamente, como existente ou subsistente.

Unidade 4 – Ontologias cristãs: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino

Nesta última unidade, você conhece características básicas da Ontologia cristã de Santo Agostinho e da Ontologia cristã de São Tomás de Aquino e, ao fazê-lo, identifica o caráter fundamental da perspectiva criacionista, concepção que procura justificar como as coisas têm origem.

UNIDADE 1

1

A Ontologia e algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas



Objetivos de aprendizagem

- Conhecer e compreender o significado de Ontologia.
- Conhecer e compreender características ontológicas pertinentes a diferentes pensamentos pré-socráticos.
- Conhecer e compreender pontos de conflito ontológico pré-socrático, protagonizado por pensamentos de Heráclito e de Parmênides.
- Exercitar a análise e a síntese de pensamentos ontológicos pré-socráticos.



Seções de estudo

- Seção 1** Ontologia?
- Seção 2** Algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas
- Seção 3** Conflito ontológico protagonizado pelos pensamentos de Heráclito e de Parmênides



Para início de estudo

Nesta unidade, você estuda a análise etimológica do termo Ontologia, seguida de considerações sobre o respectivo modo de investigação e objeto de estudo. Você identifica que o termo Ontologia é moderno, embora existam investigações ontológicas sobre o ser desde a Antiguidade. Ao estudar a concepção de Ontologia, também identifica que esta surge relacionada à Metafísica.

Na sequência, para ampliar sua compreensão, você conhece algumas definições de Ontologia.

Você também estuda considerações sobre algumas das primeiras investigações sobre o ser ocorridas na Antiguidade: perspectivas ontológicas pré-socráticas. Nesse contexto, estuda que a busca pelo *arkhé*, considerando o escopo da *physis*, fundamenta as primeiras teorias que procuram desvelar o ser. Ainda acompanha uma discussão ontológica, protagonizada por Heráclito e Parmênides.



Aliás, você já se perguntou que considerações podem ser feitas sobre o ser? É possível identificar o ser? Considerando a possibilidade de que exista mais de um tipo de ser, quais são os tipos que existem? E de que modo tais seres se distinguem?

Estas são questões que você começa a estudar agora, na primeira unidade do livro didático e que estudará até a última.

Aproveite, durante seu estudo e aprendizagem, para curtir esta aventura!

Seção 1 – Ontologia?

Na presente seção você estuda, brevemente, o significado de Ontologia. Neste sentido, vê uma breve análise deste termo; em que contexto foi proposto; assim como algumas diferentes definições.



Afinal, você sabe o que é Ontologia?

Breve análise do termo Ontologia

Sem delongas, acompanhe a análise etimológica do termo Ontologia.



A palavra Ontologia é formada pela junção de dois termos, *onto* e *logia*. *Onto* provém do termo grego *ontos* e significa *ser*. *Logia* provém do termo grego *lógos*, e significa ciência. Portanto, etimologicamente, **Ontologia significa ciência do ser**.

Tal entendimento é básico, embora, obviamente, seja tênue diante de tudo aquilo que ainda pode ser dito sobre a Ontologia.

Com a finalidade de ampliar seu entendimento, acompanhe algumas considerações também básicas sobre a **ciência** e o **objeto de estudo** pertinentes à Ontologia, já evidenciadas na análise etimológica.

A ciência pertinente à Ontologia

Bem, agora, você viu que a Ontologia é uma ciência. Mas...



Em que sentido há ciência na Ontologia?

Bom, desde os primórdios da história da humanidade, **os homens perguntam-se pelo ser.**

Muitas respostas foram propostas e os filósofos destacaram-se e ainda destacam-se nesta atividade. O modo como estes filósofos respondem a esta questão permite abstrair três critérios que norteiam a ciência ontológica:

Obviamente há outras sutilezas e peculiaridades envolvidas, mas, geralmente, estes três critérios estão presentes nas teorias ontológicas.

- critério da universalidade;
- critério da racionalidade; e
- critério da radicalidade.

Veja algumas explicações sobre cada um destes critérios.

A pergunta pelo ser envolve, tanto quanto possível, a busca por respostas amplas, gerais, que sejam válidas para todos os seres, para todas as coisas, para a totalidade de objetos – que sejam marcadas, então, pelo **critério da universalidade.**

Também é marcante, nessa atividade de investigação do ser, a procura por respostas que evidenciem a “verdade”, que sejam coerentes, coesas, lógicas, significativas, passíveis de serem públicas, discutidas e defendidas – que sejam forjadas por meio do **critério da racionalidade.**

Tais investigações sobre o ser também visam o **critério da radicalidade**, uma vez que almejam as “raízes” do que há, almejam aprofundar o conhecimento sobre o ser, ou mesmo, almejam conhecer as características básicas, elementares, fundamentais do ser. Mesmo que tais raízes possam não estar evidentes em uma primeira visada (estando, por exemplo, escondidas, protegidas, difíceis de serem vistas etc.), nutre-se a crença de que existam, que podem ser desveladas e expostas.

O ser pertinente à Ontologia

Há pouco você também estudou, em função da análise etimológica, que a Ontologia tem **o ser** como objeto de estudo. Mas...



Em que sentido **o ser** é investigado pela Ontologia?

O ser é alvo de várias problematizações. Acompanhe algumas.



O que é o ser? Quais são as características fundamentais do ser? Que ser existe? **O que é existir?** Se existe mais de um ser, eles são iguais ou são diferentes? Todos os seres existem de um mesmo modo? Todos os seres são mutáveis, passíveis de mudança? Há algum ser imutável, que é sempre do mesmo modo? Como um ser muda, passa de um estado para outro? Se um ser muda, ele deixa de ser o que era? Se o ser existe, ele pode ser conhecido, expresso, comunicado? Há alguma classificação dos seres? Quais critérios e teses devem ser adotados para propor uma classificação ontológica?

Esta pergunta é crucial para o ontólogo!

Considere o seguinte exemplo, com a finalidade de contextualizar, de algum modo, estas questões. Uma “música” será alvo das questões propostas.



O que é uma música? Quais as características fundamentais da música, sem as quais deixa de ser considerada uma música – ou seja, que características são necessárias para identificarmos uma música como tal? Quando uma música passa a existir? A música pode existir antes de ser composta por um ser humano? O que diferencia uma música das demais? Todas as músicas existem de um mesmo modo? Uma música é imutável ou mutável? Quando ela muda, é remixada, regravada etc., ela passa a ser outra, deixando de ser o que era? Há diferença entre uma “mesma” música que é tocada por seu compositor, que é tocada por um intérprete, que pode ser tocada por meio de um “CD” ou que está disponível virtualmente na internet? Quando eu conheço, de fato, o que é uma música? Ouvi-la uma vez, dez vezes... é suficiente para eu conhecê-la? Será que a música que o compositor comunica, expressa, é a mesma que o ouvinte ouve? Podemos propor uma classificação para os diferentes tipos de música? Quais critérios e teses devem ser adotados para tal classificação? Há diferença entre a música tocada agora, neste momento, e a música que poderá ser tocada, por exemplo, amanhã?

Você deve estar se perguntando:

Se até uma simples música é tratada pela Ontologia como um tipo de **ser**, então provavelmente tudo pode ser considerado um tipo de **ser**?



Nem tanto! Rigorosa e ontologicamente falando, tudo **que existe** deve receber a denominação, a predicação, de **ser**. Por outro lado, o que “não existe” geralmente não é predicado, denominado como ser.

Nesta acepção, algo qualquer – uma música, uma obra humana qualquer, um homem, uma mulher, um animal, um vegetal, um mineral etc. – pode ser predicado com o termo **ser**, uma vez que existe.



Veja como o termo **ser** é abrangente, pois abarca tudo o “**que existe**”.

Obviamente, nem todos concordam sobre o que existe. Há muitas sutilezas, conceitos e teses próprias da Ontologia que podem ser abordadas aqui, ainda neste tópico introdutório. Por hora, estas considerações são suficientes, mesmo porque é importante que você venha a conhecer teses e conceitos clássicos da Ontologia a partir dos pensadores que os cunharam.

Conheça agora, brevemente, o contexto de surgimento do termo Ontologia e de que modo este foi pensado em relação à Metafísica.

Contexto de surgimento do termo Ontologia

Mora (2001, p. 524) informa que **Rudolf Goclenius** (1547-1628) foi o primeiro a propor o termo Ontologia como “filosofia do ente”, por meio da obra *Lexicon philosophicum* (1613, p. 16). Veja a figura 1.1.



Figura 1.1 – Rudolf Goclenius
Fonte: Kremer (2005).

Em outra referência, Corazzon (2008) defende que **Jacob Lorhard** (1561-1609), por meio da obra *Ogdoas Scholastica* (de 1606, mas publicada em 1613, isto é, mesmo ano de publicação da obra de Rudolf Goclenius), apresenta a primeira ocorrência da palavra Ontologia, já na capa da referida obra. Veja a figura 1.2.

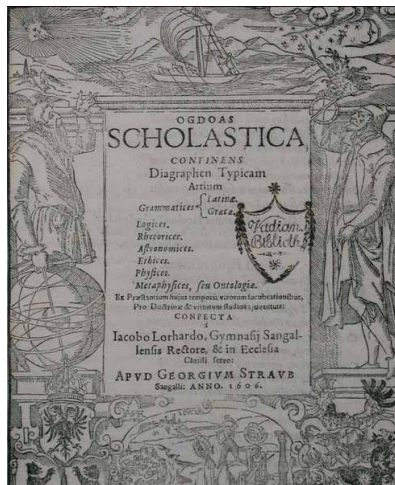


Figura 1.2 – Capa da obra de Jacob Lorhard, com “possível” primeira ocorrência do termo Ontologia
Fonte: Jacob... (2011).

Independentemente das discussões relativas ao pensador que propôs pela primeira vez o termo Ontologia (Rudolf Goclenius ou Jacob Lorhard?), observe que o **ano 1613** é a data aceita como de surgimento.

Voltando à definição de Goclenius, observe que este associa Ontologia ao ente. Mas você sabe o que é “ente”?



Conforme Molinaro (2000, p. 8), **ente** se refere a um ser determinado. Para Da Silva (2003, p. 21-23), ente se refere a um ser individualizado.



Observe que o termo **ente** indica que o **ser** em questão está especificado, delimitado, individualizado. Relacionado a este termo, lembre que você já estudou, um pouco, o significado de **ser**, termo amplo, que se refere, de modo genérico, a tudo o que existe. Esta distinção entre **ser** e **ente** é genérica e não está isenta de críticas ou de interpretações distintas – por parte de alguns pensadores.

Depois de Goclenius, outros pensadores utilizaram o termo Ontologia como ciência que tem no **ente** ou no **ser** o seu objeto de estudo.

Destes – conforme Mora (2001, p. 524) – **Johannes Clauberg** (1622-1665) ganhou notoriedade por defender que a Ontologia tem o mesmo sentido que a Metafísica, mas que é “mais apropriado” designar a primeira para referir a ciência que trata do **ente**.



Aliás, você conhece o significado de Metafísica?

O termo Metafísica (do grego *tá metá tá physiká*) significa as coisas que estão depois da física. Tal termo foi cunhado, na Antiguidade, por Andrônico de Rodes, no século I a.C., o qual, ao sistematizar as obras de Aristóteles (384-322 a.C.), designou um nome para quatorze livros que estavam depois das obras que tratavam da física. Nesta acepção, **Metafísica “designava os escritos de Aristóteles que estavam além da física”**.

Acompanhe mais algumas considerações sobre a Metafísica, agora sob a ótica do próprio Aristóteles.



Saiba mais sobre a Metafísica de Aristóteles!

O teor dos quatorze livros, unidos sob o nome *Metafísica*, tinham para Aristóteles o sentido de **filosofia primeira**, ou seja, de investigação de um saber primeiro, fundamental e universal, válido para todas as ciências enquanto condição para todas as outras investigações científicas. Por exemplo, para se desenvolver a ciência da Física (o estudo das coisas físicas, dos fenômenos) é preciso admitir que há uma ciência anterior: a filosofia primeira, pois trata do ser em geral, fornecendo condição para o estudo da Física.

Para Aristóteles, entre as questões investigadas pela filosofia primeira, é central a investigação do **ser enquanto ser**, isto é, a **substância em sua generalidade**.

Observe, assim, que o termo Metafísica foi associado ao estudo do ser. Esta concepção prevaleceu reinante e indiscutível por quase 2000 anos, até surgirem posições, no século XVII, como a de Rudolf Goclenius, *Jacob Lorhard* e Johannes Clauberg. Como você já estudou, estes pensadores tinham em comum o uso do termo Ontologia – evidenciando que o termo Metafísica, por si só, já não era mais tão suficiente para situar as investigações sobre o ser/ente.

Neste contexto, Christian Wolff (1679-1754) – veja a figura 1.3 – popularizou a utilização do termo Ontologia, ao propor uma distinção da Metafísica, como Geral e Especial. Acompanhe tal distinção por meio da Figura 1.4, que apresenta a classificação de Wolff sobre os temas da Filosofia.



Figura 1.3 – Christian Wolff
Fonte: Christian... ([200-?]).

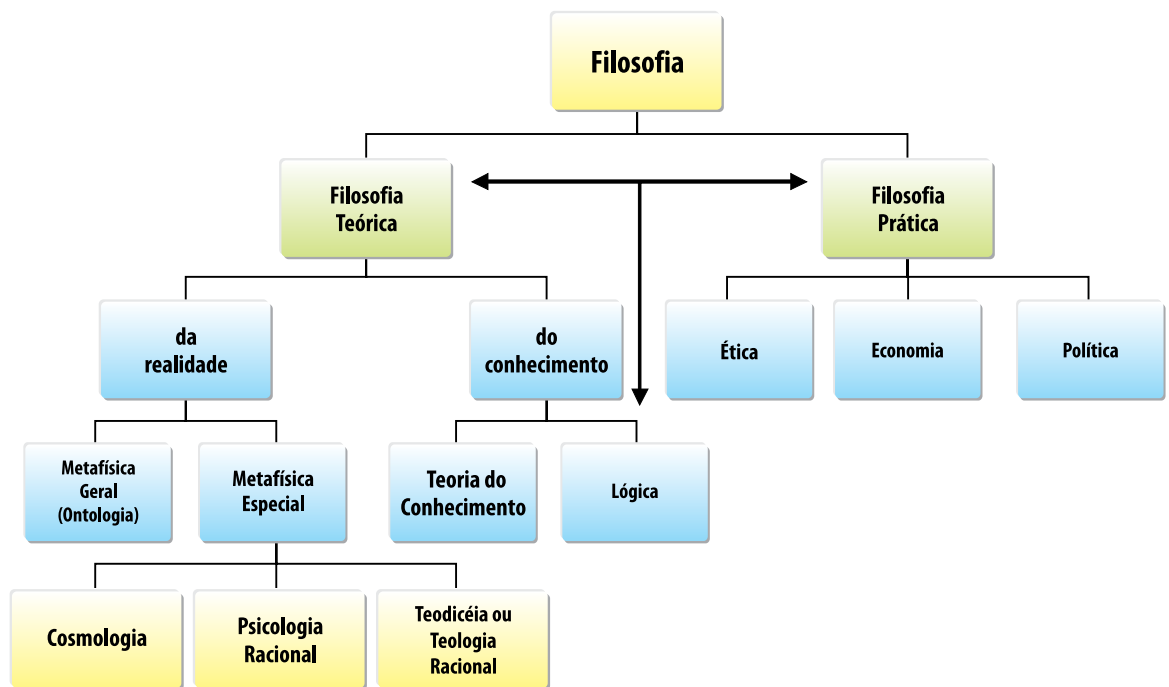


Figura 1.4 – Distinção da Metafísica conforme os temas da Filosofia, segundo Christian Wolff
 Fonte: Adaptado de Morató; Riu (1998).



Mas você pode estar se perguntando:

Qual a finalidade desta distinção, entre Metafísica Geral e Metafísica Especial?

Com esta distinção, Wolff procurou enfatizar a **Ontologia** como **Metafísica Geral**, ou seja, como ciência que trata do ser em sua generalidade.

Por outro lado, a **Metafísica Especial** indica que há ramos específicos do saber que também estudam o ser, não em sua “generalidade”, mas por escopos não tão amplos quanto o da Metafísica Geral/Ontologia.

Assim, Wolff distinguiu estudos particularizados do ser, classificando-os como pertencentes à Metafísica Especial. Tais saberes são:

- a Cosmologia – ao estudar os seres que compõem o cosmos, o universo;

- a Psicologia – ao estudar o ser relativo à alma e as diferentes atividades racionais; e
- a Teologia – ao estudar o(s) ser(es) divino(s).

Ainda hoje, a discussão sobre a relação da Ontologia com a Metafísica perdura. Diferentes são as posições sobre a questão. Uns justificam, por exemplo, a impossibilidade de desenvolvimento de uma Metafísica, qualquer que seja. Por outro lado, há aqueles que pensam que a Metafísica é a própria razão de ser da Filosofia, sem a qual esta deixa de existir. Outros defendem que é possível uma ciência do ser, conforme o viés da Ontologia.



Se a controvérsia é certa, por outro lado há um ponto objeto de “mais” aceitação: o de que as investigações sobre o **ser** representam o tema fundamental da Filosofia – uma vez que os demais saberes consideram, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, o entendimento do ser como um pressuposto, no mínimo.

Algumas diferentes definições de Ontologia

Visando ampliar, brevemente, sua compreensão sobre este saber, acompanhe algumas definições de Ontologia. Elas foram extraídas do site *Ontology: a resource guide for philosophers* (CORAZZON, 2008) e traduzidas para o português.

Acompanhe a definição de Ontologia disponível no *Webster's Third New International Dictionary* (apud CORAZZON, 2008):



1) Ciência ou estudo do ser: especificamente, um ramo da Metafísica relativo à natureza e às relações do ser; um sistema determinado de acordo com o qual os problemas da natureza do ser são investigados; primeira filosofia. 2) Uma teoria relativa aos tipos de entidades e, especificamente, aos tipos de entidades abstratas que são admitidos em um sistema de linguagem.

Esta outra definição foi proposta por Christian Wolff
(*Preliminary discourse on philosophy in general*, 1728, p. 17 apud
CORAZZON, 2008):



Existem algumas coisas que são comuns a todos os seres, as quais são predicadas tanto de almas quanto de corpos naturais e artificiais. A parte da filosofia que trata do ser, em geral, e das afecções gerais do ser é chamada Ontologia, ou primeira filosofia. Assim, a Ontologia, ou primeira filosofia, é definida como a ciência do ser, em geral, ou, do ser enquanto ser. Tais noções gerais são as noções de essência, existência, atributos, modos, necessidade, contingência, lugar, tempo, perfeição, ordem, simplicidade, composição etc. Estas coisas não são devidamente explicadas pela psicologia ou física, porque estas ciências, assim como outras partes da filosofia, utilizam dessas noções gerais e os princípios derivados dela. Por isso, é absolutamente necessário que uma parte especial da filosofia seja designada para explicar essas noções e princípios gerais, os quais são utilizados continuamente em cada ciência e arte, e até mesmo na própria vida, rigorosamente falando. Com efeito, sem Ontologia, a filosofia não pode ser desenvolvida de acordo com o método demonstrativo. Mesmo a arte da descoberta considera os princípios da Ontologia.

A seguinte definição é considerada a única ocorrência da palavra Ontologia nos escritos de Leibniz (*Opuscules et fragments inédits de Leibniz*, 1961, p. 512 apud CORAZZON, 2008):



“Ontologia ou a ciência da coisa e do nada, de ser e não-ser, da coisa e da modalidade da coisa, da substância e do acidente.”

Em Kant, também há uma definição de Ontologia (*Immanuel Kant's announcement of the programme of his lectures for the winter semester 1765–1766*, 1992, p. 294-295 apud CORAZZON, 2008):



No decurso do presente semestre, que acaba de começar, eu proponho realizar palestras privadas sobre a seguinte ciência, a qual eu pretendo tratar de uma forma exaustiva. 1) Metafísica [...] Assim, após uma introdução breve, vou começar com a Psicologia Empírica, que é realmente uma ciência metafísica do homem, baseada na experiência [...] A segunda parte do curso irá discutir a natureza corpórea em geral. [...] Uma vez que tudo no mundo pode ser **subsumido** sob estas duas classes [orgânicos e inorgânicos], vou então encaminhar-me para a Ontologia, a ciência, nominalmente, que trata das propriedades mais gerais de todas as coisas.

Subsumido significa aceito, tomado, classificado em função de um conjunto.

Atente que estas são algumas definições de Ontologia, mas, obviamente, existem muitas outras. Ainda, lembre que o entendimento desta noção – Ontologia – é básico para os estudos desta disciplina. Após estudar estas considerações preliminares, conheça, na próxima seção, algumas características das perspectivas ontológicas pertinentes aos pensamentos de alguns filósofos pré-socráticos.

Seção 2 – Algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas

Nesta seção, você estuda algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas. Tais perspectivas surgem no seio da Cosmologia. Aliás, você sabe o que significa Cosmologia?



Cosmologia é a denominação dada para as atividades pré-socráticas que visam explicar **o cosmo**, o universo. Tanto quanto possível, tais atividades eram **desenvolvidas racionalmente**, considerando o **princípio da causalidade** como condição explicativa. Geralmente as explicações cosmológicas são apresentadas por meio de raciocínios ou analogias, aliadas a reflexões e ou observações.

As explicações cosmológicas representam uma “alternativa” às vigentes explicações mitológicas, que eram, por sua vez, apresentadas na forma de **Teogonia e ou Cosmogonia**.

Durante este saber/fazer cosmológico, os pré-socráticos procuraram descobrir o **arkhé** da **physis**.

Aliás, você sabe o que significa *arkhé* e *physis* para os primeiros filósofos, os pré-socráticos?



Arkhé significa princípio constitutivo, fundamental, primordial, em função do qual as coisas dependem para existirem. Neste sentido, *arkhé* representa a origem do que existe assim como aquilo que persiste como existente durante e após os processos de geração, alteração ou destruição das coisas. Assim, o *arkhé* se refere ao fundamento comum que faz parte de tudo o que existe. Os filósofos pré-socráticos diferenciam-se, grosso modo, por adotar um *arkhé* específico.

Physis significa Física em sentido amplo – não no sentido da ciência homônima, hodierna e específica – mas de escopo máximo que circunscreve todas as coisas que existem. Ainda, a *physis* refere-se aos seres existentes e também a todos os processos pelos quais os seres são submetidos, tais como geração, alteração e destruição. A acepção de *physis* é tão radical que apanha, inclusive, os existentes e sutis processos mentais – tais como pensamentos, consciência etc. – tão peculiares à alma humana. Todos os filósofos pré-socráticos, sem exceção, desenvolvem suas investigações cosmológicas, admitindo este plano de fundo comum: a **physis**.

A Teogonia procura explicar a geração dos seres divinos, e a Cosmogonia procura explicar a geração dos seres do mundo, do universo. Observe que os termos Teogonia e Cosmogonia têm em comum a expressão “gonia” que, do grego *goné*, refere-se à geração e implica reconhecer uma linhagem, uma genealogia.

O termo *physis* – tal como o entendimento da Física em sentido amplo – é, às vezes, também traduzido como Natureza – com o mesmo sentido amplo.

Agora que a Cosmologia está brevemente contextualizada, vamos voltar para a questão do **ser**. Ora, é no contexto das Cosmologias propostas pelos primeiros filósofos – os pré-socráticos – que identificamos as primeiras perspectivas ontológicas, perspectivas que se referem ao **ser**. As advertências a seguir são válidas, ao se estudarem os pré-socráticos.



Nem todas as questões tratadas pelos primeiros filósofos referem-se ao **ser**, em sentido amplo. Contudo os critérios da universalidade, da racionalidade e da radicalidade são encontrados nessas perspectivas ontológicas – por meio de reflexões singulares sobre a origem dos seres.

Atente que o saber pré-socrático, embora guiado por intenções filosóficas, em certos casos, mantém proximidade das explicações míticas ou de abordagens ambíguas. Nem por isso tal saber deixou de nos legar relevantes contribuições.

Como as obras dos próprios pré-socráticos não permaneceram no tempo, temos conhecimento dos seus pensamentos a partir de citações, com autores posteriores. Tais citações foram expressas por meio de **fragmentos** ou por meio de **doxografias**. Assim, é necessário admitir a impossibilidade de conhecermos o pensamento dos pré-socráticos na sua plenitude.

Fragmentos referem-se a partes de texto que restaram de uma obra completa.

Doxografias referem-se a partes de texto que, associadas a processos de inferência, podem ter a forma ou conteúdo original alterado.

Alguns pensadores pré-socráticos e suas perspectivas ontológicas

Atente, por meio do Quadro 1.1, que cada um dos pensadores destacados, pré-socráticos, defende um respectivo *arkhé*.

Alguns filósofos pré-socráticos	<i>Arkhé</i> (Princípio constitutivo do ser)
Tales de Mileto	Água
Anaximandro de Mileto	Ápeiron
Anaxímenes de Mileto	Ar
Heráclito de Éfeso	Fogo
Pitágoras de Samos	Número
Parmênides de Eléia	Uno
Empédocles de Agrigento	Fogo, terra, água e ar
Anaxágoras de Clazômenas	Homeomerias/ <i>espérmatas</i> /sementes
Leucipo de Mileto / Demócrito de Abdera	Átomo

Quadro 1.1 – Alguns filósofos pré-socráticos e o respectivo *arkhé* defendido
Fonte: Elaboração do autor (2008).

Acompanhe, brevemente, o que cada um destes pré-socráticos, embasados em um *arkhé* específico, considera sobre o ser.

Tales de Mileto

Tales de Mileto (624-546 a.C.) destacou-se por ser **o primeiro filósofo a propor o princípio constitutivo de todas as coisas: a água.**

Para Tales, a água não é apenas o princípio constitutivo de todas as coisas, mas aquilo que persiste quando tudo o mais é gerado, alterado ou destruído.

Veja um exemplo.



Se uma planta nasce, desenvolve-se e morre, é porque a água está presente na mesma – em cada uma das suas etapas de existência. Quando a planta deixar de existir, a água ainda persistirá existente, como elemento primordial.

Conforme esta linha de raciocínio, tal como uma planta existe, todas as demais coisas existentes teriam a água como princípio.



Observe que a água é um **elemento material** e a perspectiva materialista fundamenta não apenas a perspectiva ontológica de Tales, mas a de quase todos os outros filósofos pré-socráticos destacados no quadro 1.1. Destes filósofos destacados, apenas Pitágoras adota uma perspectiva não-materialista. Na sequência, você entenderá em que sentido a perspectiva defendida por Pitágoras é considerada diferente.

Anaximandro de Mileto

Anaximandro de Mileto (610-545 a.C.), discípulo de Tales, defendia o **ápeiron como *arkhé* de todas as coisas**.

Há registros de que Anaximandro foi o primeiro a utilizar o termo **arkhé**.

Na acepção de *arkhé*, *ápeiron* implica que as coisas dependem dele para existirem, para serem geradas ou alteradas, assim como é aquilo que permanece depois que as coisas são destruídas.



Literalmente, **ápeiron significa sem limites** e deve ser pensado, conforme a filosofia de Anaximandro, como **indefinido ou infinito**.

A não-existência de limites implica admitir a possibilidade de infinitas composições de elementos materiais e, portanto, que não é possível precisar a proporção em que tais elementos ocorrem, sendo, então, indefinidos.

Embora o *ápeiron* seja ilimitado, infinito ou indefinido, atente que ele também exprime uma **perspectiva material**. Tal perspectiva material decorre, segundo Anaximandro, da natureza das coisas do próprio universo.

Além de Anaximandro abordar o *arkhé* constitutivo de todas as coisas, ele **inaugura a discussão sobre o devir**, na medida em que associa a mudança das coisas a um movimento eterno, infinito, cíclico.



O **devoir** constitui-se na mudança da coisa, do ser. **Devir** também expressa que as etapas de mudança do ser – de geração, alteração e destruição – ocorrem conforme uma ordem, um processo, continuamente.

O caráter cíclico do **devoir**, para Anaximandro, não implica, necessariamente, que uma coisa específica, particular, volte a existir, mas que o devir, em sentido amplo, é processualmente ordenado assim como ocorre continuamente.

Resumindo, Anaximandro defende que:

- a) o *ápeiron* é o *arkhé* de todas as coisas;
- b) há uma indefinição dos elementos materiais que compõem cada uma das coisas, embora tais elementos provenham do próprio universo;
- c) não é possível um único elemento material ser a origem de todas as coisas – tal como defende o mestre Tales, por meio da água como *arkhé*; e
- d) o devir é eterno, infinito e cíclico.

Anaxímenes de Mileto

Anaxímenes de Mileto (586-525 a.C.) defendia **o ar como *arkhé* de todas as coisas**. Para ele, o ar é **infinito**, uma vez que não tem fim, mas **definido**, uma vez que é uma matéria específica.



Figura 1.5 – Ar como *arkhé*
Fonte: Gonçalves (2006).

Para o pensador, todas as coisas provêm do ar, e a diversidade das coisas existentes é explicada por meio de **diferentes graus de rarefação e densidade**. As coisas que têm mais ar são consideradas densas, e as coisas que têm menos ar são ditas rarefeitas. Veja um exemplo.



O ar denso, à medida que fica mais denso, origina as coisas como o vento, a nuvem, a água, a terra e a pedra. O ar rarefeito origina o fogo.

Embora o ar, em si mesmo, seja “invisível”, ele pode ser revelado:

- pelo frio;
- pelo calor;
- pela umidade; e
- pelo movimento.

As coisas listadas no exemplo anterior – o vento, a nuvem, a água, a terra, a pedra e o fogo – corroboram esta possibilidade de visualização do ar existente em diferentes graus de rarefação e densidade.

Anaxímenes também fala de um **movimento perpétuo**, de um **devir**, por meio do qual se pode verificar a mudança de cada coisa.

Heráclito de Éfeso

Heráclito de Éfeso (550-480 a.C.) defendia o **fogo como *arkhé* de todas as coisas**. Tal fogo – também entendido como **guerra ou como discórdia** – é associado à **mudança contínua** de todas as coisas, num **devir constante** da realidade, eterno. Logo, para Heráclito, **nada permanece imóvel**. Veja a figura 1.6.



Figura 1.6 – Fogo como *arkhé*
Fonte: Azevedo (2007).



Como você estudou, Anaximandro reconhece o devir associando-o à mudança ordenada e contínua das coisas.

Já Anaxímenes reconhece o devir por meio do qual é possível identificar a mudança das coisas.

Observe que Heráclito radicaliza o devir ao defender que todas as coisas mudam continuamente.

Embora o *arkhé* de Heráclito seja o fogo, o exemplo mais difundido, usado para explicar sua perspectiva, aborda a água, especificamente, um rio.



Aliás, antes de conhecer o exemplo, pense sobre o seguinte:

Você consegue tomar banho duas vezes, nas mesmas águas do mesmo rio?

Com o exemplo do rio, com a explicação de que não podemos nos banhar duas vezes nas mesmas águas do mesmo rio, Heráclito enfatiza que tudo muda. Como as águas do rio sempre fluem, mudam – assim também eu, você, todas as coisas que existem sempre fluem, mudam. Enfim, **tudo flui** (do grego: *pánta rhei*).

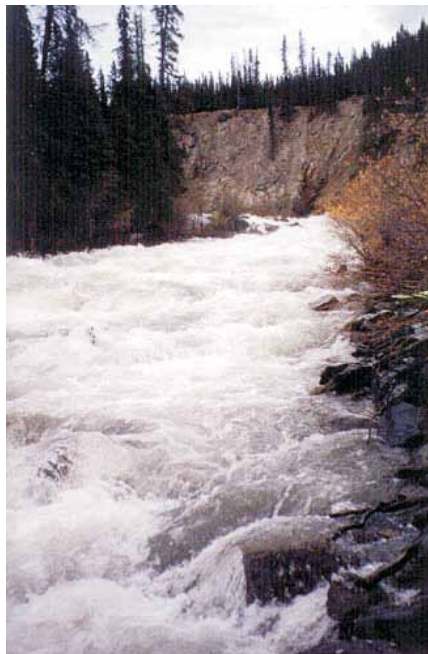


Figura 1.7 – Tudo flui
Fonte: Filosofias... (2007).

Heráclito também radicaliza as investigações sobre o que existe, ao defender algo inédito até então: que **cada coisa é uma unidade**. Heráclito amadurece o entendimento sobre o que existe, à medida que reconhece a **individualidade de cada coisa** e, concomitantemente, uma **multiplicidade de coisas existentes**.

Outra tese importante de Heráclito aborda a **interdependência de opostos, presentes em cada coisa**. Para Heráclito, **cada coisa muda porque guarda, em si mesma, opostos de sua existência**. Veja os exemplos.



O que existe como frio torna-se quente e vice-versa; o que existe como seco torna-se úmido e vice-versa.

Veja que a mudança evidencia o fogo, a guerra, a discórdia, o devir dos opostos existentes em alguma coisa, assim como também evidencia uma **interdependência de opostos** que coexistem na mesma coisa. A interdependência de opostos representa uma **condição** para que algo mude.

Embora haja uma tensão inerente aos opostos de uma coisa, Heráclito fala que há uma relação **harmônica entre os opostos**. A analogia usada para explicar esta harmonia é a da corda esticada, tal como de uma lira ou de um arco. Tal corda, tal como qualquer coisa existente, tem opostos (as pontas) sempre tensos, embora evidencie uma harmonia.

Pitágoras de Samos

Para Pitágoras (570-490 a.C.) e os pitagóricos, **o número é o *arkhé* de todas as coisas**. Neste sentido, o número não deve ser entendido como uma criação humana, mas como fundamento de cada ser, **formal, perene e inalterável**.

As coisas em geral, nesta acepção, têm uma natureza numérica. As coisas podem ser geradas, alteradas e destruídas, embora a natureza numérica não esteja sujeita à mudança.



Pitágoras inova em relação aos pré-socráticos ditos materialistas não somente por defender um *arkhé* específico, **o número**, mas por, concomitantemente, reconhecer nas coisas uma natureza formal, perene e inalterável.

Parmênides de Eléia

Parmênides (cerca de 515-450 a.C.) propõe **o uno** como *arkhé*. Para explicar o significado de uno, Parmênides vale-se de um poema em que são distintos dois caminhos: um sobre a verdade (*alétheia*) e outro sobre a opinião (*doxa*). Os dois caminhos abordam a questão do **ser**. Veja a figura 1.8.

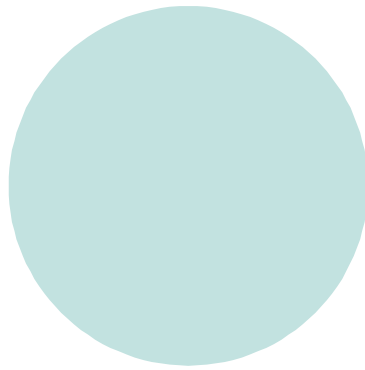


Figura 1.8 – Uno como *arkhé*
Fonte: Elaboração do autor (2008).

Acompanhe.

O caminho da opinião não permite pensar nem dizer o ser, caracterizando-se, então, como o caminho da desconfiança. Este é associado ao não-ser, ao não-existente. Também é associado ao uso das sensações, dos sentidos, dos hábitos e experiências que embaraçam o homem. Logo, este caminho deve ser abandonado.

O caminho da verdade permite pensar e dizer o ser, caracterizando-se, então, como o caminho da certeza. Tal caminho é associado ao uso da razão. Ao percorrer o caminho da verdade, evidencia-se que o ser é completo, único, perfeito, contínuo, indivisível, eterno, imutável e homogêneo. Por tais características, este é o caminho que deve ser tomado.

Observe que tal caracterização de ser implica um **monismo** ontológico radical. Ou seja, não há apenas a defesa de um *arkhé* específico, como princípio de todas as coisas, mas a concepção de que o *arkhé* é o próprio ser e que nada mais há além dele mesmo. Ainda, observe que a concepção de ser parmenídica procura eliminar o devir ou mesmo justificar a impossibilidade de sua existência.

Ao comparar os dois caminhos, Parmênides defende a identidade entre o ser, o pensar e o dizer – unindo três âmbitos: o ontológico (referente ao ser), o lógico (referente ao pensamento) e o semântico (referente à significação).

Monismo expressa a concepção ontológica baseada em um único tipo de ser. Difere, assim, de dualismo, pluralismo etc.



Também se evidencia, nesta comparação dos dois caminhos, a fundamentação do princípio de identidade: “**o ser é e o não-ser não é**”. Embora tal lei pareça “cristalizar” o ser, ela ensina que a identidade desse deve ser respeitada, sem a qual não se poderia falar dele.

Empédocles de Agrigento

Empédocles de Agrigento (483-424 a.C.) propôs **o fogo, a terra, a água e o ar como *arkhé* de todas as coisas**. Tais elementos, ou raízes – como *arkhé* – tinham a característica de subsistir diante da geração, da alteração e da destruição. Veja a figura 1.9.



Figura 1.9 – Fogo, terra, água e ar como *arkhé*
Fonte: Os círculos... ([200-?]).

Para Empédocles, todas as coisas que existem apresentam, **em alguma proporção**, os quatro elementos. A diversidade de coisas existentes decorre da diversidade de proporções de elementos, conforme uma **mistura e troca**.

Empédocles defende que todas as coisas sujeitam-se ao devir, ao movimento. Neste contexto, inova ao destacar **motores para o movimento**. Um motor é denominado “Amor” e tem a função de **unir as coisas**; e o outro motor é denominado “Cólera” e tem a função de **separar as coisas**.



Observe que o pensamento de Empédocles tenta superar os pré-socráticos anteriores que defendiam apenas um único elemento material como *arkhé*.

Empédocles, sobre o movimento, também inaugura uma nova etapa referente ao devir. Não se contenta em reconhecer que todas as coisas estão em movimento, sujeitas ao devir (tal como Heráclito já o fizera), mas em propor **dois diferentes motores** para justificar por que movimentos ocorrem nas coisas existentes. Ao fazê-lo, reconhece que a mudança é gerada por outra coisa diferente das coisas existentes. Obviamente, tal posição também procura superar o imobilismo parmenídico.

Anaxágoras de Clazômenas

Anaxágoras (cerca de 510–428 a.C.) defendia as **homeomerias/espérmatas/sementes como *arkhé* de todas as coisas**.

Aliás, você já conhece o significado de homeomerias/espérmatas/sementes para Anaxágoras?



Homeomerias/espérmatas/sementes referem-se às partes semelhantes, constituintes de todas as coisas. Esta tese está vinculada à outra: a de que todas as coisas existentes são formadas por uma parte de tudo.

Dito de outro modo, em cada uma das coisas que existem, há uma pequena parte de tudo.

Anaxágoras também defende que muito pouco se cria ou se perde das coisas que existem. Neste contexto, **unir-se e separar são os processos elementares do movimento das coisas**.



Veja como Anaxágoras procura superar os quatro elementos defendidos por Empédocles. Nesta busca, radicaliza tanto na qualidade das “sementes” que compõem cada uma das coisas existentes, como na quantidade das “sementes” existentes.

Leucipo de Mileto/Demócrito de Abdera

Tanto o mestre Leucipo (cerca de 490-460 a.C.) quanto o discípulo Demócrito (cerca de 460-370 a.C.) defendem **o átomo como *arkhé* de todas as coisas**.



O átomo é concebido como elemento indivisível, compacto, sem vazios, sempre em movimento e que pode assumir infinitas formas.

Para os dois, o átomo refere-se ao que é (ao ser). **As coisas diferenciam-se pela disposição do átomo: forma (ritmo), ordem (contato) e disposição (revolução).**

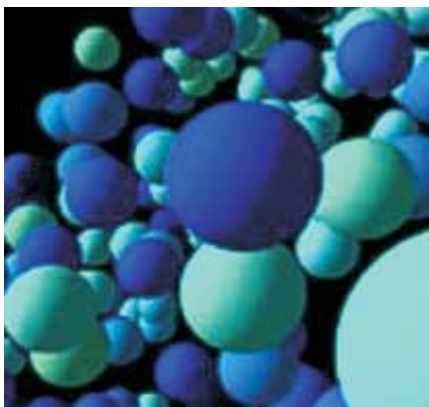


Figura 1.10 – Átomo como *arkhé*
Fonte: New... ([200-?]).

A teoria atomista admite algo até então não pensado pelos pré-socráticos: a admissão do vazio como matéria e como não-ser.



Observe que a defesa da impossibilidade de divisão do átomo procura superar a tese do imobilismo do ser, estabelecida por Parmênides e defendida habilmente por seu discípulo Zenão de Eléia. Este desenvolveu raciocínios, paradoxos, justificando a não-existência do movimento, recorrendo, para tanto, à ideia de tempo ou de espaço como infinitamente divisíveis. Ora a tese atomista defende que a matéria não pode ser mais dividida, além do átomo – refutando, ou pelo menos embaraçando, a perspectiva eleática.

Seção 3 – Conflito ontológico protagonizado pelos pensamentos de Heráclito e de Parmênides

Em função dos estudos da seção anterior, você é capaz de detectar algum nó de conflito ontológico pré-socrático entre as ideias de Heráclito e de Parmênides? Registre, nas linhas abaixo, tais nós:

Você deve ter encontrado alguns nós de conflito, não é mesmo? Entre tais nós, são relevantes para a discussão ontológica: o *arkhé* adotado; a concepção de ser; e a perspectiva sobre o devir. Acompanhe algumas considerações sobre cada um desses pontos. Antes, saiba que, ainda hoje, esses dois pensadores são costumeiramente referidos quando é tratada a questão do ser, seja para situar a questão em seus primórdios, para desenvolvê-la, ou para criticar aquilo que porventura não é suficientemente admitido.

Sobre o *arkhé* – os dois pensadores adotam uma perspectiva materialista. Contudo, o fogo de Heráclito evidencia que todas as coisas mudam, enquanto o uno de Parmênides evidencia a fixidez do que existe que, radicalizada, identifica-se com o único ser existente.

Sobre o ser – os dois pensadores admitem a existência de algo. Contudo, Heráclito diz que há uma multiplicidade de coisas e que cada uma representa uma unidade; enquanto Parmênides defende a existência de um único ser. Parmênides defende o uno como homogêneo (igual a si mesmo) e a não-existência do não-ser (oposto ao ser); e Heráclito defende que opostos constituem cada uma das coisas existentes e que, mesmo assim, cada coisa existe harmonicamente.

Sobre o devir – os dois pensadores posicionam-se sobre o devir, indicando, já na Antiguidade, que as investigações sobre o devir não podem ser ignoradas quando se aborda a questão ontológica. Se Heráclito radicaliza o devir, defendendo que tudo está em movimento, Parmênides defende o imobilismo, ou seja, a impossibilidade de que algo possa se mover, a inexistência do devir.



Síntese

Nesta unidade, você estudou, brevemente, o significado etimológico do termo Ontologia. Ao fazê-lo, pôde compreender que esta ciência apresenta um objeto de estudo primordial – o ser – assim como procura adotar critérios para investigá-lo. Os três critérios que geralmente norteiam tal saber são universalidade, racionalidade e radicalidade.

Ao conhecer o contexto de surgimento da Ontologia, identificou que há certa controvérsia acerca de quem cunhou o termo, embora o ano de 1613 seja a data comumente aceita. Neste contexto, também estudou a Ontologia relacionada à Metafísica e que o termo Metafísica foi considerado não tão suficiente para especificar os estudos do ser. Identificou com Wolff a difusão da Ontologia como Metafísica Geral, e que outros saberes que tratam do ser, mas não em sua generalidade, deveriam ser classificados como Metafísica Especial (enquanto Cosmologia, Psicologia ou Teologia).

Você também estudou que as primeiras investigações sobre o ser, as primeiras perspectivas ontológicas, foram desenvolvidas pelos filósofos pré-socráticos, ao desenvolverem uma Cosmologia. Neste contexto, identificou os termos *physis* e *arkhé* como fundamentos para a compreensão da perspectiva pré-socrática.

A partir dos pensadores pré-socráticos escolhidos, você identificou características gerais de suas perspectivas e que estes consideram a *physis* como escopo comum de investigação, embora defendam um *arkhé* respectivo. Ainda, ao desenvolver tais estudos, também identificou a noção de devir como elementar para a compreensão da natureza das coisas, dos seres. Identificou que a noção de devir refere-se ao movimento, à alteração, à condição de possibilidade de movimento do ser, das coisas.

Para finalizar, você estudou um comparativo que permite abstrair um conflito ontológico entre as ideias de Heráclito e de Parmênides, considerando a noção de *arkhé*, de ser e de devir.

Realize, na sequência, algumas atividades de autoavaliação, pertinentes aos estudos que você desenvolveu nesta unidade!

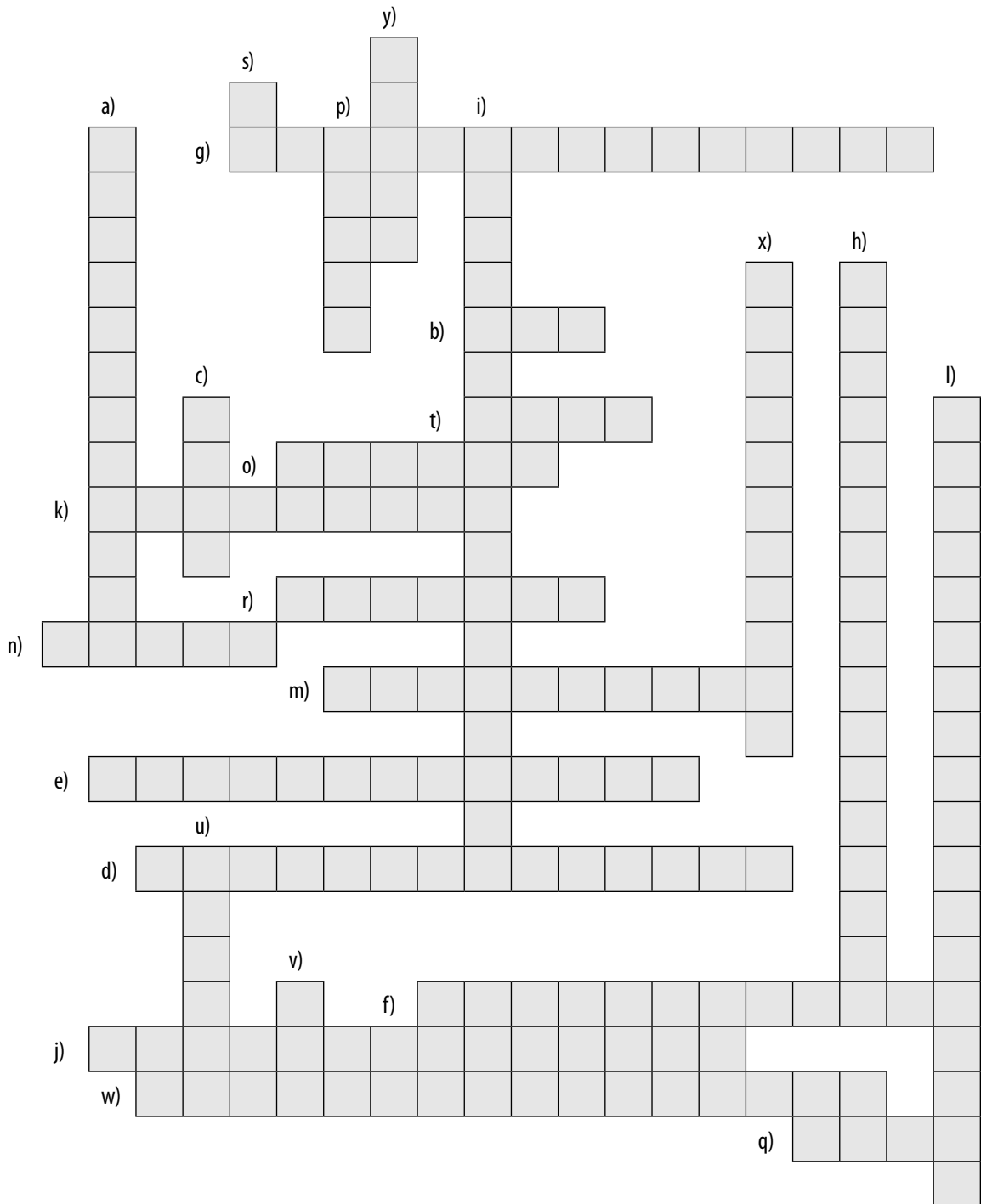


Atividades de autoavaliação

Ao final de cada unidade, você realizará atividades de autoavaliação. O gabarito está disponível no final do livro-didático. Mas esforce-se para resolver as atividades sem ajuda do gabarito, pois, assim, você promoverá a sua aprendizagem.

- 1) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos estudados nesta unidade.
 - a) Significado etimológico de Ontologia.
 - b) Termo amplo que se refere, de modo genérico, a tudo o que existe.
 - c) Termo que indica que o ser em questão está especificado, delimitado, individualizado.
 - d) Um dos critérios que embasa o saber ontológico e envolve, tanto quanto possível, a busca por respostas amplas, gerais, que sejam válidas para todos os seres, para todas as coisas, para a totalidade de objetos.
 - e) Um dos critérios que embasa o saber ontológico e envolve a procura por respostas que evidenciem a “verdade”, que sejam coerentes, coesas, lógicas, significativas, passíveis de serem públicas, discutidas e defendidas.
 - f) Um dos critérios que embasa o saber ontológico e envolve a busca pelas “raízes” do ser; almeja aprofundar o conhecimento sobre o ser, suas características básicas, elementares, fundamentais.
 - g) Pensador que propôs, em 1613, o termo Ontologia como “filosofia do ente”, por meio da obra *Lexicon philosophicum*.
 - h) Título da obra de Jacob Lorhard que apresenta na capa, em 1613, a expressão Ontologia.
 - i) Sentido da Metafísica, conforme o próprio Aristóteles, referente à investigação de um saber primeiro, fundamental e universal, válido para todas as ciências enquanto condição para todas as outras investigações científicas.
 - j) Objeto de estudo da filosofia primeira, conforme Aristóteles.
 - k) Saber filosófico, conforme Wolff, que trata do ser em sua generalidade e é sinônimo de Metafísica Geral.
 - l) Designação do saber filosófico, conforme Wolff, que estuda o ser, mas não em sua generalidade.

- m) Denominação dada para as atividades pré-socráticas que visam explicar o cosmo, o universo – e por meio da qual identificamos as primeiras perspectivas ontológicas, perspectivas que se referem ao ser.
- n) Princípio constitutivo, fundamental, primordial, em função do qual todas as coisas dependem para existirem – conforme a perspectiva pré-socrática.
- o) Escopo máximo que circunscreve todas as coisas que existem – conforme a perspectiva pré-socrática.
- p) Designação pré-socrática que expressa o processo de mudança do ser.
- q) *Arkhé* defendida pelo filósofo Tales de Mileto.
- r) *Arkhé* defendida pelo filósofo Anaximandro de Mileto.
- s) *Arkhé* defendida pelo filósofo Anaxímenes de Mileto.
- t) *Arkhé* defendida pelo filósofo Heráclito de Éfeso.
- u) *Arkhé* defendida pelo filósofo Pitágoras de Samos.
- v) *Arkhé* defendida pelo filósofo Parmênides de Eléia.
- w) *Arkhé* defendida pelo filósofo Empédocles de Agrigento.
- x) *Arkhé* defendida pelo filósofo Anaxágoras de Clazômenas.
- y) *Arkhé* defendida pelos filósofos Leucipo de Mileto e Demócrito de Abdera.



- 2) Assinale as alternativas seguintes com 'V' para verdadeiro ou 'F' para falso. Tais alternativas referem-se à Ontologia, seja por sentido etimológico, método ou objeto de estudo. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de compreensão da Ontologia.
- a) () Etimologicamente, Ontologia significa ciência do ser.
 - b) () Na investigação do ser, a Ontologia procura nortear-se, geralmente, por três critérios: universalidade, racionalidade e radicalidade.
 - c) () O ser é o objeto de estudo fundamental da Ontologia.
 - d) () Ser refere-se, no sentido ontológico, ao que existe.
 - e) () Ente designa um ser determinado, especificado, individualizado.
- 3) Identifique nas alternativas seguintes: com 'P', os trechos que se referem à *physis*; ou com 'A', os que se referem ao *arkhé*. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de compreensão destes dois conceitos fundamentais, condição para a compreensão das perspectivas ontológicas pré-socráticas.
- a) () Significa Física em sentido amplo, escopo máximo que circunscreve todas as coisas que existem.
 - b) () Princípio constitutivo, fundamental, primordial, em função do qual as coisas dependem para existirem.
 - c) () Não abrange apenas os seres existentes, mas também abrange todos os processos pelos quais os seres são submetidos, tais como geração, alteração e destruição.
 - d) () Refere-se ao fundamento comum que faz parte de tudo o que existe.
 - e) () Acepção radical que abrange, inclusive, os existentes e sutis processos mentais – tais como pensamentos, consciência etc. – tão peculiares à alma humana.
 - f) () Representa a origem do que existe assim como aquilo que persiste como existente durante e após os processos de geração, alteração e destruição das coisas.
 - g) () Escopo comum de investigação dos filósofos pré-socráticos, em função do qual desenvolvem suas investigações cosmológicas/ontológicas.

- 4) Os trechos seguintes referem-se a uma parte dos pensamentos dos filósofos pré-socráticos, principalmente aquele relativo a interpretações sobre o ser, ou seja, evidenciam perspectivas ontológicas pré-socráticas. Por meio de tais perspectivas ontológicas, você irá se aproximar ainda mais dos pré-socráticos, que buscavam no contexto da *physis* descobrir o *arkhé* de tudo que há, que existe. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese das perspectivas ontológicas pré-socráticas, expressas por meio de doxografias ou fragmentos.

1) Trecho relativo à perspectiva ontológica de Tales de Mileto

- a) “Na sua maior parte, os primeiros filósofos pensaram que os princípios, sob a forma de matéria, foram os únicos princípios de todas as coisas: pois a fonte original de todas as coisas que existem, aquela a partir da qual uma coisa é primeiro originada e na qual por fim é destruída, a substância que persiste, mas se modifica nas suas qualidades, essa, afirmam eles, é o elemento e o primeiro princípio das coisas existentes, e por essa razão consideram que não há geração ou morte absolutas, com base no fato de uma tal natureza sempre ser preservada... pois deve haver alguma substância natural, uma ou mais do que uma, de que provêm as outras coisas, enquanto ela é preservada. Contudo, sobre o número e a forma desta espécie de princípio nem todos estão de acordo; mas Tales, o fundador deste tipo de filosofia, diz que é a água [...], tendo talvez formulado esta suposição por ver que o alimento de todas as coisas é úmido, e que o próprio calor dele provém e vive graças a ele (aquilo de que provém é o princípio de todas as coisas) – formulou a hipótese não só a partir disto, como ainda do fato dos embriões de todas as coisas terem uma natureza úmida, sendo a água o princípio natural das coisas úmidas.” (ARISTÓTELES, *Metafísica*; A 3, 983 b6 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 86-87).

II) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Anaximandro de Mileto

a) "Entre os que admitem um só princípio móvel e infinito, Anaximandro de Mileto [...] disse que o princípio e elemento das coisas que existem era o *ápeiron* (indefinido ou infinito), tendo sido ele o primeiro a introduzir este nome do princípio material. Diz ele que tal princípio não é nem água nem qualquer outro dos chamados elementos, mas uma outra natureza *ápeiron*, de que provêm todos os céus e os mundos neles contidos. E a fonte da geração das coisas que existem é aquela em que se verifica também a destruição [...] de acordo com o decreto do Tempo [...]" (SIMPLÍCIO, *Phys.* apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 106-107).

b) "[...] Anaximandro de Mileto [...] disse que o princípio e elemento das coisas que existem era o *ápeiron* [...] (Além disto, disse que o movimento era eterno [...] disse que o princípio material das coisas que existem era uma natureza do *ápeiron*." (HIPÓLITO, Ref. I, 6, 1-2 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 106-107).

c) "Anaximandro [...] disse que o *ápeiron* continha a causa total da origem e destruição do mundo [...] declarou que a destruição e muito antes o nascimento acontecem desde idades infinitas, visto todos eles ocorrerem ciclicamente." (PSEDUDOPLUTARCO, *Strom*, 2 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 106-107).

III) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Anaxímenes de Mileto

a) "Anaxímenes de Mileto [...] diz que a natureza subjacente é uma e infinita, mas não indefinida, como afirmou Anaximandro, mas definida, porquanto a identifica com o ar; e que ela difere na sua natureza substancial pelo grau de rarefação e de densidade. Ao tornar-se mais sutil transforma-se em fogo, ao tornar-se mais densa transforma-se em vento, depois em nuvem, depois (quando ainda mais densa) em água, depois em terra, depois em pedras; e tudo o mais provém destas substâncias. Ele admite também o movimento perpétuo, e que é através dele que se verifica a mudança." (SIMPLÍCIO, *Phys.* 24, 26 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 147)

b) "Anaxímenes [...] disse que o ar infinito era o princípio, do qual provêm todas as coisas que estão a gerar-se, e que existem, e que hão de existir [...] A forma do ar é a seguinte: quando ele é muito igual, é invisível à vista, mas é revelado pelo frio, pelo calor, pela umidade e pelo movimento. O ar está sempre em movimento: é que as coisas que mudam, não mudam a menos que haja movimento." (HIPÓLITO, Ref. I, 7, 1 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 147).

c) "Anaxímenes de Mileto [...] declarou que o ar é o princípio das coisas que existem; pois é dele que provêm todas as coisas e é nele que de novo se dissolvem [...]." (ÉCIO I, 3, 4 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 161).

IV) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Heráclito de Éfeso

a) “[...] como uma mesma coisa, existem em nós a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice: pois estas coisas, quando mudam, são aquelas, e aquelas, quando mudam, são estas.” (PSEUDOPLUTARCO, *Cons. Ad. Apoll.* 10, 106 E apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 195).

b) “[...] de todas as coisas provém uma unidade, e de uma unidade, todas as coisas.” (HIPÓLITO, *Ref. IX*, 10, 8 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 197).

c) “A verdadeira constituição das coisas gosta de se ocultar.” (TEMÍSTIO, *Or.* 5, p. 69 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 199).

d) “[...] há uma conexão de tensões opostas, como no caso do arco e da lira.” (HIPÓLITO, Ref. IX, 9, 1 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 199).

e) “A guerra é a origem de todas as coisas e de todas elas é soberana [...]” (HIPÓLITO, Ref. IX, 9, 4 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 200).

f) “Heráclito diz algures que tudo está em mudança e nada permanece imóvel, e, ao comparar o que existe com a corrente de um rio, diz que não se pode banhar duas vezes no mesmo rio.” (PLATÃO, *Crátilo* 402 A apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 202).

g) “Esta ordem do mundo [a mesma de todos] não a criou nenhum dos deuses, nem dos homens, mas sempre existiu e existe e há de existir: um fogo sempre vivo, que se acende com medida e com medida se extingue.” (CLEMENTE, *Strom*, V, 104, 1 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 205).

V) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Pitágoras de Samos

a) “[...] os pitagóricos costumavam, por vezes, dizer ‘Todas as coisas são como o número.’”(SEXTO, *Adv. Math.* VII, 94-95 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 243).

b) “[...] todas as coisas que se conhecem têm número; pois sem ele nada se pode pensar ou conhecer.” (ESTOBEU, *Anth.* 1, 21, 7 B apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 344).

- c) “[...] os chamados pitagóricos dedicaram-se à Matemática; foram eles os primeiros a fazer progredir estes estudos, e tendo sido criado neles, pensaram que os seus princípios eram os princípios de todas as coisas [...] É evidente, pois, que estes pensadores consideram também que o número é o princípio, tanto como matéria das coisas como formador de suas modificações e dos seus estados permanentes [...]” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 5, 985 b 23 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 1347).

VI) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Parmênides de Eléia

- a) “[...] eu te direi [...] os únicos caminhos da investigação em que importa pensar. Um, (aquilo) que é e que [lhe] é impossível não ser, é a via da Persuasão (por ser companheira da Verdade). O outro, [aquilo] que não é e que forçoso se torna que não exista, esse te declaro [...] que é uma vereda totalmente indiscernível, pois não poderás conhecer o que não é – tal não é possível – nem exprimi-lo por palavras.” (PROCLO in *Tim.* I, 345, 18; SIMPLÍCIO, *Phys.* 116, 28 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 255).

b) "Pois a mesma coisa é ser objeto de pensamento e existir." (CLEMENTE, *Strom.* VI, 23; PLOTINO, V, 1, 8 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 257).

c) "De um só caminho nos resta falar: o do que é. Neste caminho há indícios em grande número do que é ingênito e imperecível existe, por ser completo, de uma só espécie, inabalável e perfeito. Nunca foi nem será, pois agora é como um todo, um só, contínuo. Pois que origem lhe poderás buscar? Como e donde cresceu? Não te permitirei que digas ou que penses a partir do que não é: pois é indizível e impensável o que não é; e que necessidade o teria levado a surgir mais tarde, em vez de mais cedo, se viesse do nada? Assim, força é ou que seja inteiramente, ou absolutamente nada. Nem a força da persuasão consentirá que, junto do que é, algo possa surgir alguma vez do que não é. Por isso a Justiça jamais soltou as grilhetas para lhe permitir nascer ou perecer, antes as segura firmemente. E a decisão acerca disto reside no seguinte: é ou não é. Mas decidido está, de fato, como é necessário, abandonar um dos caminhos por impensável e inexprimível (pois não é caminho verdadeiro), mas que o outro é real e autêntico. E como poderia ser no futuro o que é? Como poderia gerar-se? É que, se se gerou, não é: nem é, se alguma vez vier a ser no futuro. Assim se extingue a geração, e a destruição é coisa inaudita. Nem é divisível, pois que é homogêneo; nem é mais aqui e menos ali, o que impediria de manter a coesão, mas tudo está cheio do que é. Assim, é todo contínuo: pois o que é aproxima-se do que é. Mas imobilizado nos limites das potentes grilhetas, existe sem começo ou interrupção, já que geração e destruição se transviaram para muito longe, e a convicção verdadeira as repeliu. Ao manter-se o mesmo e no mesmo lugar, em si mesmo repousa e assim firme há de permanecer [...] Por isso é justo que o que é não deva ser imperfeito; pois de nada precisa – se assim fosse, de tudo careceria. A mesma coisa é pensar e por isso que há pensamento. Pois em tudo o que se disse, não encontrarás o pensar sem o que é. Nada há ou haverá para além do que é [...] uma vez que há um limite extremo, está completo, com a massa de uma esfera bem rotunda de todos os lados, em igual equilíbrio em todas as direções, a partir do centro [...] nem há ser de uma forma tal, que seja mais de um lado e menos noutro, pois é todo inviolável: é que por ser igual a si mesmo por todos

os lados, encontra-se uniformemente nos seus limites.”(SIMPLÍCIO, *Phys.* 78, 5; 145, 1-146, 5 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 260-263).

VII) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Empédocles de Agrigento

- a) “[...] o fogo, a água, a terra e a altura imensa do ar [...] Todos estes são iguais e da mesma idade, mas cada um tem uma diferente prerrogativa e cada um o seu próprio caráter, e cada um prevalece à vez, quando chega o seu momento próprio. E sem eles nada mais nasce nem cessa de existir. Como é que poderia, de fato, ser isso totalmente destruído, se nada está vazio deles? Porquanto, só se eles estivessem continuamente a perecer, não mais existiriam. E que poderia aumentar este todo? De onde poderia ter vindo? Não, só esses é que existem, mas correndo uns através dos outros, se convertem em coisas diferentes em diferentes ocasiões e, contudo, são continuamente e sempre os mesmos.” (SIMPLÍCIO, *Phys.* 158, 13 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 303).

b) “[...] de tudo quanto é mortal, nada tem nascimento, nem qualquer fim na morte execrável, mas apenas mistura e troca das substâncias separadas [...]” (PLUTARCO, adv. *Coloten* 1111 F apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 305).

c) “Na Cólera tudo é de diferentes formas e está separado, mas no Amor todas as coisas se unem e se desejam umas às outras. Delas procede tudo o que existiu, existe e existirá [...]” (SIMPLÍCIO, *Phys.* 159, 13 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 307).

VIII) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Anaxágoras de Clazômenas

- a) "Os gregos laboram num erro ao admitir o nascimento e a morte; pois alguma coisa se cria ou se perde, mas tudo se une ou separa das coisas que existem. Por isso, andariam melhor em chamar ao criar-se, unir-se, e, ao perder-se, separar-se." (SIMPLÍCIO, *Phys.* 163, 20 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 378).

- b) "[...] Nem é possível haver nada de isolado, mas todas as coisas têm uma parte no todo [...] Em todas as coisas há uma porção de tudo [...]" (SIMPLÍCIO, *Phys.* 164, 26 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 385).

- c) "[...] devemos supor que há muitas coisas de todas as espécies em tudo o que se une, e sementes de todas as coisas com toda a espécie de formas, cores e sabores..." (SIMPLÍCIO, *Phys.* 34, 29 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 388).

d) "Anaxágoras de Clazômenas [...] sustentava que os primeiros princípios das coisas eram as homeomerias. Pois parecia-lhe completamente impossível que alguma coisa se originasse a partir do não-existente. Ou nele se dissolvesse." (ÉCIO I, 3, 5 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 395).

IX) Trechos relativos à perspectiva ontológica de Leucipo e de Demócrito

a) "Leucipo postulou um número infinito de elementos em movimento perpétuo – os átomos – e sustentou que o número de suas formas era infinito [...]" (SIMPLÍCIO, *Phys.* 28, 8 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 439).

b) “Diziam eles [sic. Leucipo, Demócrito e Epicuro] que os primeiros princípios eram infinitos em número e pensavam que tais princípios eram átomos indivisíveis e impassíveis devido a sua natureza compacta e sem qualquer vazio no seu interior [...]” (SIMPLÍCIO, *De Caelo* 242, 18 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 438).

c) “Leucipo e seu companheiro Demócrito sustentam que os elementos são o cheio e o vazio, aos quais dão o nome do que é e do que não é, respectivamente. O que é, é cheio e sólido, o que não é, é vazio e sutil. Visto o vazio existir em não menor grau que o corpo, segue-se que o que não é não existe menos do que o que é. Os dois juntos constituem as causas materiais das coisas existentes [...] estes homens dizem que as diferenças (sic. entre seus elementos) são as causas das outras coisas. Segundo eles, estas diferenças são três – forma, ordem e posição; o ser [...] difere apenas no ‘ritmo, contato e revolução’; o ‘ritmo’ é a forma, o ‘contato’, a ordem, e a ‘revolução’, a posição; é que A difere de N na forma, AN de NA na disposição, e Z de N na posição.” (ARISTÓTELES, *Metafísica*; A 4, 985 b4 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 86-87).

5) Considerando as diferentes perspectivas ontológicas de Heráclito e de Parmênides, preencha o quadro seguinte com as respectivas características, de modo a se obter uma síntese do conflito protagonizado pelos dois.

Conflito ontológico protagonizado pelas ideias de Heráclito e de Parmênides		
Pontos de tensão	Heráclito	Parmênides
Qual <i>arkhé</i> defendido?		
O que existe?		
Qual a concepção sobre o devir		



Saiba mais

Existem várias obras que podem ajudar a ampliar sua compreensão sobre a Ontologia, sobre as perspectivas ontológicas pré-socráticas ou sobre o conflito ontológico existente entre as ideias de Heráclito e de Parmênides. Por meio das seguintes referências, você pode saber mais sobre pelo menos um destes temas destacados:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

BORNHEIM, G. A. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

CHAUI, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. v. 1, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

- DA SILVA, M. B. **Metafísica e assombro**: curso de Ontologia. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- DIÔGENES LAËRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os filósofos gregos**: de Tales a Aristóteles. Lisboa: Presença, 1987.
- HUISMAN, D. **Dicionários dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**: história crítica com seleção de textos. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- MOLINARO, A. **Léxico de metafísica**. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. **A. Metafísica**: curso sistemático. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**: história da filosofia greco-romana. v. 1, São Paulo: Mestre Jou, 1964.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2001.
- MORATÓ, J. C.; RIU, A. M. **Diccionario de filosofia en CD-ROM**. 2. ed. Barcelona: Herder, 1998.
- MORENTE, M. G. **Fundamentos de filosofia**: lições preliminares. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. **Pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- REALE, G. **História da filosofia antiga**: I. das origens a Sócrates. v. 1, 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

UNIDADE 2

2

A posição ontológica dos sofistas e a perspectiva de Sócrates, a Ontologia idealista de Platão e a Ontologia realista de Aristóteles



Objetivos de aprendizagem

- Conhecer e compreender a posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates.
- Conhecer e compreender características da Ontologia idealista de Platão.
- Conhecer e compreender características da Ontologia realista de Aristóteles.
- Exercitar a análise e a síntese de pensamentos ontológicos.



Seções de estudo

- Seção 1** Posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates
- Seção 2** A Ontologia idealista de Platão
- Seção 3** A Ontologia realista de Aristóteles



Para início de estudo

Nesta unidade, você estuda a perspectiva ontológica que permeia a teoria defendida pelos sofistas, assim como a que subjaz à posição de Sócrates; também estuda a Ontologia idealista de Platão e a Ontologia realista de Aristóteles. Tais pensadores apresentaram reflexões pertinentes à Ontologia, embora não se dedicassem a investigar exclusivamente a questão do ser, elemento de nossa disciplina.

Antes de conhecer tais perspectivas, lembre-se das perspectivas ontológicas pré-socráticas. Elas não foram ignoradas pelos sofistas, por Sócrates, por Platão ou por Aristóteles, pois estes diferentes pensadores procuraram, cada um a seu modo, superá-las.



Como você já conhece algumas perspectivas ontológicas pré-socráticas, que tal agora pensar – como um exercício de autonomia, de reflexão, de crítica e de criatividade – um critério ou uma tese que possibilite superá-las?

Registre aqui suas considerações.

Acompanhe agora o que os sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles, propuseram sobre o ser, de modo a “superar” as perspectivas ontológicas pré-socráticas. Durante seu estudo e aprendizagem, considere-se um(a) investigador(a) que procura desvelar, desocultar, o ser!

Seção 1 – Posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates

Antes de estudar a posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates, permita-se fazer o seguinte exercício de transposição temporal, geográfica, cultural etc.

Imagine-se como um indivíduo grego comum, pertencente a uma *pólis* da Grécia Antiga, há aproximadamente 2.500 anos. Obviamente, em função deste contexto, inexistem livros, internet, televisão, revistas, enciclopédias, escolas etc., tal como você acessa hoje. Considere que você vive do mar ou da terra – pesque, cace ou cultive azeitonas. Considere também que as ideias de alguns pré-socráticos tenham chegado até você. Agora, pense sobre as questões que seguem.



Diante da diversidade de perspectivas ontológicas pré-socráticas – que se propõem explicar o ser, o que existe – qual delas você aceitaria?

- A de Heráclito, que versa sobre o devir constante de todas as coisas?
- A de Parmênides, que defende o imobilismo do uno?
- A de Leucipo e Demócrito, que defendem o átomo, indivisível e capaz de assumir infinitas formas, como elemento de todas as coisas?
- Alguma outra perspectiva ontológica pré-socrática?

Sejamos francos! É muito provável que você, assim como a maior parte dos indivíduos gregos comuns, não tenha se interessado por nenhuma destas perspectivas ontológicas pré-socráticas.

Tal desinteresse pelas perspectivas ontológicas pré-socráticas tem inúmeros motivos. Merece destaque a indiferença, a descrença originada pela “ineficácia”, pela “inaplicabilidade” delas na vida “real” dos indivíduos. Também é digno de nota haver pelos menos um ponto discordante em todas as perspectivas ontológicas pré-socráticas estudadas por você: a *arkhé*, por

exemplo, o que evidencia a diversidade de perspectivas, as quais, por mais ricas que sejam, destoam das atividades cotidianas comuns, estas que, geralmente, visam à praticidade.

Ou seja, mesmo sabendo da existência de inúmeras perspectivas ontológicas sobre o ser, é muito provável que o indivíduo grego comum se interesse muito mais pelos frutos de sua oliveira, como armazená-los -- de modo que tenha o que comer e possa viver com saúde.

Logo, a diversidade de perspectivas ontológicas pré-socráticas não acumula aceitação e confiança por parte dos indivíduos gregos comuns. As perspectivas ontológicas pré-socráticas são, geralmente, consideradas como **inaplicáveis**; ou, se aplicáveis, **irrelevantes**, uma vez que não alteram o modo de vida dos indivíduos comuns.

Considerando este contexto, os sofistas e Sócrates acompanham esta atitude popular em relação às perspectivas ontológicas pré-socráticas, evidenciando uma atitude filosófica de “**descrença**”, de “**distanciamento**”. Dois aspectos justificam tal afirmação:

- o caráter relativista que fundamenta o pensamento sofista; e
- o caráter crítico, inquiridor, investigador e insatisfeito que fundamenta o pensamento de Sócrates.

Concomitantemente, há uma transposição do foco de investigação por parte dos pensadores, tanto por parte dos sofistas (com ênfase nas questões políticas) quanto por parte de Sócrates (com ênfase nas questões éticas).

Há, então, uma ampliação das investigações antropológicas (que visam o homem e, por consequência, as questões políticas e éticas) em detrimento das investigações cosmológicas (que visam as coisas que existem, as coisas do universo).

Mesmo assim, há uma posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas e outra que permeia o pensamento de Sócrates. Veja.

Posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas

Para compreender a perspectiva dos sofistas, você estuda, agora, dois daqueles que se destacaram como tal: Protágoras e Górgias. Com Protágoras, o posicionamento sofista é associado ao **relativismo antropológico**. Com Górgias, o posicionamento sofista é associado ao **ceticismo**.

Protágoras

O sofista Protágoras (485-411 a.C.) é conhecido por defender a tese de que o **homem é o critério para julgar todas as coisas**, tanto as coisas existentes quanto as não-existentes.

Assim, o pensador atenta para a importância do homem como critério fundamental para a compreensão da realidade, das coisas. Por outro lado, tanto as coisas existentes quanto as não-existentes dependem do homem para serem avaliadas. Veja que esta posição fundamenta uma perspectiva antropológica.

Ela também expressa um caráter relativista, uma vez que se reconhece para cada “homem”, e não para o homem em geral, o atributo de julgar, medir, avaliar o que há.

Embora o tema Política fosse alvo primordial de Protágoras, nem por isso este deixou de contribuir para pensar a questão ontológica:

- não se pode propor tratar do que existe ou do que inexistente sem se remeter ao reconhecimento do homem como fundamento para a avaliação;
- o existente ou o inexistente, neste contexto, é tão diverso quanto a diversidade de indivíduos. Dito de outro modo, cada homem julga o que há ou o que não há, acarretando uma diversidade de olhares sobre a realidade; e
- a verdade decorre de uma convenção, ao ser estabelecida pelos homens. Certo é que não há verdade absoluta.

Górgias

O sofista Górgias (485-490 a.C. - 391-388 a.C.) expõe, por meio da obra *Da natureza, ou seja, do não-ser*, três proposições pertinentes à nossa reflexão sobre o ser. Veja, na sequência, o que elas expressam.

- O ser não existe (nada existe).
- Mesmo que o ser exista, ele não pode ser conhecido.
- Mesmo que o ser possa ser conhecido, ele não pode ser comunicado.

Veja que a posição relativista de Protágoras é radicalizada pela perspectiva de Górgias. Górgias defende a inexistência do ser ou a impossibilidade de conhecê-lo ou a impossibilidade de comunicá-lo. Tal posição é associada ao **niilismo**, uma vez que defende que nada existe; e, ao **ceticismo**, uma vez que defende a impossibilidade de conhecer qualquer coisa.

Independente da classificação ontológica que se possa atribuir a Górgias, observe que ele **separa o âmbito ontológico** (que trata do que há) **do epistemológico** (que trata do que pode ser conhecido) **e do semântico** (que trata do que tem significado e pode ser comunicado).

Assim o pensamento de Górgias confronta-se com todas as perspectivas ontológicas pré-socráticas, pois estas defendem a existência de algo. Ainda, veja que a posição de Górgias é distinta da posição de Parmênides, uma vez que este defendia uma correspondência entre o ser, o pensar e o dizer.

Posição ontológica que permeia o pensamento de Sócrates

O posicionamento crítico de Sócrates (470-399 a.C.) não se comprometeu com uma posição absoluta sobre o ser.



Figura 2.1 – Sócrates
Fonte: Socrates... (2007).

Conforme o historiador Xenofonte, Sócrates procurou abster-se das investigações cosmológicas, justificando que os “físicos” deveriam ponderar sobre a **intangibilidade** de tais teorias.

Concomitantemente, Sócrates defendia a necessidade de **investigar o homem**, como condição para quaisquer outras investigações. A célebre frase do templo de Apolo, que Sócrates não parava de repetir, evidencia este acento no homem: “Conhece-te a ti mesmo”, antes de quaisquer outras ocupações.

Por outro lado, o dito socrático “Tudo que sei é que nada sei” representa o reconhecimento das limitações humanas para conhecer as coisas. A **dúvida** e a **humildade** são então postas como condições para as investigações, quaisquer que sejam.

Contudo, embora Sócrates se detivesse primordialmente sobre as **questões éticas**, nem por isso deixou de contribuir para as discussões ontológicas. Sua contribuição reside, fundamentalmente, na pergunta: “**O que é...?**”. Veja alguns exemplos de perguntas formuladas por Sócrates.

A qualificação de Teorias como intangíveis indica que estão muito distantes da realidade mesma.

Sócrates é considerado fundador da Ética, em função de suas reflexões e considerações desenvolvidas sobre este saber.



O que é a justiça? O que é a virtude? O que é o belo?

Observe que as reticências da pergunta “O que é...?” referem-se, geralmente, à **investigação daquilo que é considerado existente**.



Observe que tal pergunta transcende as questões da ética, uma vez que busca caracterizar o existente – alcançando, assim, uma repercussão ontológica.

Sócrates não propôs uma resposta a esta pergunta, nem às variações destas perguntas, assim como não se contentou com as inúmeras respostas oferecidas por seus interlocutores. Tanto é que buscou continuamente resolver tal **aporia**, investigando...

Aporia significa dificuldade racional, problema de difícil solução.



Conforme Xenofonte (também discípulo de Sócrates), – nesta procura pelo que é, na procura por definições universais, Sócrates habituou-se a **categorizar as coisas investigadas, distinguindo-as em grupos**. A categorização é outra contribuição ontológica digna de nota, embora ainda latente, que se inicia paulatinamente.

É com Platão, discípulo de Sócrates, que esta questão sobre o ser é ampliada e alcança um nível até então não apresentado. Nesta mesma busca pelo que é, Aristóteles, discípulo de Platão, também voa alto. Estes dois, Platão e Aristóteles, cada um a seu modo, propõem-nos duas das Ontologias mais notáveis de toda Filosofia. Você as conhece nas próximas seções.

Seção 2 – A Ontologia idealista de Platão

Nesta seção, você estuda a Ontologia idealista de Platão. Este pensador não ignora as perspectivas ontológicas pré-socráticas, nem a posição ontológica que subjaz à teoria dos sofistas nem a que subjaz aos pensamentos de Sócrates.

Especificamente, ao desenvolver sua Ontologia, Platão procura:

- criticar e superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas;
- criticar e superar a posição ontológica que subjaz à teoria sofista; e
- partir dos apontamentos de Sócrates.

Acompanhe explicações sobre cada um destes itens, na sequência.

Criticar e superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas

Platão considera as perspectivas ontológicas pré-socráticas como ponto de partida legítimo a ser considerado e ultrapassado. A crítica de Platão incide sobre o caráter material, físico, da *arkhé* dos pré-socráticos, assim como incide na valorização do corpo ou dos sentidos, à medida que se justifica o que existe.

Platão defende que só por meio da razão é possível encontrar a causa das coisas. Esta superação das perspectivas ontológicas pré-socráticas é denominada, pelo pensador, como **segunda navegação**.



Você conhece o significado do termo segunda navegação, para Platão?

No diálogo *Fedão*, Platão caracteriza sua atividade ontológica como uma segunda navegação, ao relacioná-la às atividades ontológicas pré-socráticas.

A metáfora náutica baseia-se no fato de que a primeira navegação é aquela em que a nau navega com o vento, não requerendo tanto esforço dos tripulantes; e a segunda navegação é aquela que requer mais esforço dos tripulantes, uma vez que é realizada com o apoio de remos – na situação em que não há vento que contribua para a embarcação mover-se.

O que Platão quer evidenciar em sua crítica à perspectiva ontológica desenvolvida pelos pré-socráticos, como primeira navegação, é a facilidade de basearem-se no uso dos sentidos para explicar a realidade ou no reconhecimento equivocado das coisas físicas, materiais, como *arkhé* da *physis* e, ao mesmo tempo, na ineficácia de tais explicações.

Ainda, com a segunda navegação, Platão também quer evidenciar o esforço que é preciso fazer para explicar, de forma racional, os seres, pois somente este modo é fecundo. Não obstante, Platão também quer enfatizar que a natureza dos seres, por excelência, não é material, mas formal. Especificamente, Platão também não desconsidera o conflito ontológico protagonizado pelos pensamentos de Heráclito e de Parmênides, mas restringe os alcances de suas posições. (PLATÃO, 2001).

Sobre Heráclito, Platão observa que considerar o ser como diversidade, como multiplicidade, sujeito ao devir contínuo, é pertinente apenas para os seres do mundo sensível.

Sobre Parmênides, Platão observa que considerar o ser como uma unidade, associadamente à impossibilidade de devir, é pertinente apenas para os seres do mundo inteligível. Contudo, se Parmênides defende um monismo radical (a existência de um único ser), Platão defende que, no mundo inteligível, há inúmeros seres que devem ser considerados como únicos, como uma unidade (obviamente, como já dito, não sujeitos ao devir).

Ainda, Platão assimila um ensinamento pitagórico, pré-socrático, singular: o reconhecimento da **forma** como fundamento para a existência do ser. Tal aspecto tem impacto tanto nos seres do mundo sensível quanto nos seres do mundo inteligível.

A forma, para Platão, é identificada com ideia, com essência. Ainda nesta seção, você estuda o significado de ideia para este pensador.

Criticar e superar a posição ontológica que subjaz à teoria sofista

Platão considera as perspectivas ontológicas sofistas, grosso modo, indignas de crédito e, portanto, de validade. Nos diálogos de Platão, os sofistas são, por este, costumeiramente ridicularizados ou estereotipados.



Platão criticou os sofistas como filósofos. Contudo, estes são, sim, filósofos, uma vez que eles contribuíram para pensar a Linguagem, a Ontologia, a Ética, a Política etc. O fato de não se alinharem com a perspectiva de Platão não justifica desqualificá-los como filósofos.

Para Platão, os sofistas apresentam, como característica comum, **de modo genérico**, um “descaso” com a verdade, com o ser, atendo-se à **aparência do ser e não do ser em si**.



Para Platão, a perspectiva ontológica e relativista de Protágoras implica a admissão de uma multiplicidade de olhares que não esclarece o que há. De modo análogo, a perspectiva cética ou niilista de Górgias implica um olhar estéril, mesmo absurdo.

Platão, na fase final de sua obra, revê este descaso com os sofistas, quando, por exemplo, no diálogo *Sofista*, na busca por definir o sofista, entre as inúmeras definições encontradas, encontra-se a de filósofo.

Logo, para Platão, as atividades sofistas não apanham o ser nem a verdade, mas somente a aparência do ser, a aparência da verdade. Veja como Platão posiciona-se sobre o ser verdadeiro, no próximo tópico.

Partir dos apontamentos de Sócrates

Platão assume a pergunta socrática pelo “que é...?”. Porém, se Sócrates nada propôs como resposta cabal a esta pergunta, por outro lado Platão desenvolve uma Ontologia com este propósito.

Ainda, se há um prematuro processo de categorização ontológico em Sócrates, Platão vai além deste e começa a discutir, conscientemente, que há certas categorias fundamentais a que os seres estão, de um modo ou de outro, submetidos. Veja duas aproximações sobre este aspecto.

Tanto no diálogo Parmênides quanto no diálogo Sofista – ambos de Platão, encontramos um exercício de análise categorial, de investigação de gêneros ontológicos supremos. No Parmênides, os seguintes gêneros de investigação destacam-se, decorrendo, assim, a proposição da primeira tábua de categorias da história da Filosofia:

- semelhança e dessemelhança (PLATÃO, 2002, III, p. 3);
- pluralidade (multiplicidade) e unidade (ibid., op. cit.);
- repouso (inércia) e movimento (ibid., op. cit.);
- nascimento e destruição (PLATÃO, 2002, VIII, p. 11); e
- ser e não-ser (ibid., op. cit.).

Já no diálogo platônico Sofista, são investigados cinco gêneros supremos (PLATÃO, 2005, XL, p. 51-52):

- ser;
 - repouso (inércia);
 - movimento;
 - idêntico; e
 - diverso (alteridade).
-

Platão tem uma longa lista de obras filosóficas, as quais podem ser classificadas em quatro períodos (PIETTRE, 1989, p. 20):

- primeiro, referente aos diálogos de juventude;
- segundo, referente aos diálogos da maturidade;
- terceiro, referente aos diálogos metafísicos; e
- quarto, referente aos diálogos ditos da velhice.

Tanto o *Parmênides* quanto o *Sofista* são considerados do terceiro período que, além de ter conotação metafísico-ontológica, também apresentam um caráter lógico, crítico, de uso provável pelos alunos da Academia, na prática dos exercícios dialéticos.

Neste último diálogo, *O Sofista*, Platão aborda, entre outras coisas, o problema proposto por Parmênides, sobre a noção de não-ser como não-existente, como nada.



Diferentemente do que propõe Parmênides, Platão defende que o não-ser precisa ser revisto como nada, e entendido, sim, como **outro**, como **alteridade**. Se, para Parmênides, é um absurdo existir, pensar e falar o não-ser, Platão entende que é possível admitir que uma coisa tanto possa ser, assim como não-ser.

Por tal argumentação de Platão surgiu – neste diálogo *O Sofista* – a expressão “parricídio de Parmênides”, que expressa literalmente matar o pai, mas que tão-somente significa a “superação” da posição de Parmênides sobre o não-ser.

Por exemplo, eu posso dizer que “A árvore **é** frondosa”, assim como dizer que “A árvore **não é** azul”. Assim, **pela perspectiva de Platão, existir, pensar e falar o não-ser torna-se possível.**



Mas, afinal, você conhece a Ontologia de Platão?

Muito provavelmente, você já identificou algo sobre as características básicas da Ontologia de Platão, se já leu ou ouviu comentários respectivos à **Alegoria da Caverna**, contida no livro VII, da obra *A República* – passagem muito difundida em nossa cultura ocidental. (PLATÃO, 1989).

Se você desejar, leia a *Alegoria (ou Mito) da Caverna*, texto contido no capítulo VII, do livro *A República*, para compreender, grosso modo, a teoria das ideias de Platão. (PLATÃO, 1989).



Por meio dessa alegoria, é possível identificar uma distinção fundamental sobre o que há. Obviamente, tal texto tem implicações epistemológicas, educativas etc., além de ontológica.

A Alegoria da Caverna é uma metáfora por meio da qual Platão expõe sua teoria das ideias. Muitos consideram esta teoria como abrigo da primeira Ontologia “madura” do ocidente.

A Ontologia de Platão apresenta as seguintes características básicas conforme detalhadas abaixo.

1. a distinção de dois mundos:
 - a) o mundo sensível (representado pelo interior da caverna); e
 - b) o mundo inteligível (representado pelo exterior da caverna).

2. o reconhecimento de uma “relação” entre tais mundos.

Acompanhe algumas considerações sobre cada um destes itens, na sequência.

Para Platão, o interior da caverna corresponde ao mundo sensível

As coisas que existem no interior da caverna são associadas às coisas que percebemos pelos sentidos, daí a denominação de **seres sensíveis**.



Platão não nega que existam seres nesse mundo sensível, mas os desqualifica por serem **passíveis de mudança, transitórios**. Uma vez que os seres sensíveis são passíveis de mudança, transitórios, existindo diversamente, eles são considerados **múltiplos**.

Platão expõe que, por meio de nosso corpo e de nossos sentidos, não somos capazes de captar os seres como de fato são. Também expõe que os seres que existem no mundo sensível são qualificados como **imagens distorcidas do verdadeiro ser**.

Considere os exemplos, com a finalidade de ampliar a compreensão sobre os seres sensíveis.



Que homens existem no mundo sensível? Uma multiplicidade, passíveis de mudança. Há brancos, negros, amarelos, índios etc. Há crianças, adolescentes, adultos e idosos. Há grandes, pequenos, magros, gordos, finos, largos etc. Há os que são filósofos e os que não são, os que são professores e os que não são etc. Os que fazem exercícios físicos e os que não fazem, os que têm problemas respiratórios e os que não têm etc. Rigorosamente, não há dois seres humanos idênticos, assim como você mesmo, enquanto ser humano, também não é sempre o mesmo.

Que mesas existem no mundo sensível? Uma multiplicidade, passível de mudança. Há mesas redondas, quadradas, retangulares, baixas, altas, transparentes, de madeira, de vidro, de ferro etc. Múltiplas características pertinentes às mesas poderiam ser, aqui, exauridas. As mesas podem ser quebradas, riscadas, podem enferrujar, apodrecer, criar mofo ou cupim etc. Ou seja – do mesmo modo que no caso dos homens – rigorosamente falando, não há duas mesas idênticas. Mesmo que uma mesa possa “parecer” idêntica a outra, ao compará-las, podemos predicar, afirmar coisas diversas sobre elas, tais como, uma está à esquerda e a outra à direita etc. Logo, tanto os homens quanto as mesas (seres sensíveis) são considerados múltiplos.

Como existem os demais seres do mundo sensível? Ora, eles existem do mesmo modo que os dos exemplos anteriores. Por indução, podemos afirmar que todos os seres sensíveis existem de modo múltiplo.

O exterior da caverna corresponde ao mundo inteligível

As coisas que existem no exterior da caverna são associadas aos seres que só percebemos pela razão, daí a denominação de **seres inteligíveis**. A razão é considerada o meio capaz de vislumbrar tais seres. Assim como fora da caverna podemos ver as coisas de modo mais claro, é no mundo inteligível que podemos, de fato, conhecer os seres em seu esplendor.



Platão atribui ao mundo inteligível e aos seres deste mundo um status superior. Neste mundo, reside o ser, por excelência, denominado de ideia (*eîdos*). Cada ideia é considerada uma unidade, pois é, por si, única, imutável, não sujeita à mudança.

Você conhece o significado de ideia, para Platão?



Ideia é considerada o ser que existe de modo perene, único, imutável, geral, universal. Entenda-a como sinônimo de essência, de forma. A ideia é um paradigma, um modelo para a existência de um ser sensível. Cada ser sensível existe à medida que **participa** de uma ideia, ao “imitar” desta todas as suas características fundamentais. Ainda, para Platão, não há duas ideias iguais.

No tópico seguinte, que trata da relação próxima entre o mundo sensível e o mundo inteligível, você amplia sua compreensão sobre a participação, importante conceito da Ontologia de Platão.



Para Platão, **as ideias, essências, formas não são conteúdos de nossa mente**, mas são seres que existem por si, eternos, imutáveis.

Considere os exemplos, com a finalidade de ampliar a compreensão sobre o que existe enquanto ideia.



Qual a ideia de homem? A ideia de homem reside nos aspectos fundamentais, perenes, imutáveis, gerais, sem os quais o homem particular deixaria de ser caracterizado como tal. Cada homem particular, à medida que existe, participa da ideia de homem. Atente que não há duas ideias de homem, mas apenas uma, única, não-passível de mudança.

Qual a ideia de mesa? A ideia de mesa reside nos aspectos fundamentais, perenes, imutáveis, gerais, sem os quais uma mesa particular deixaria de ser considerada como tal. Não há duas ideias de mesa, mas apenas uma, única, não-passível de mudança.

Como existem as demais ideias? As demais ideias existem do mesmo modo que o dos dois exemplos destacados. Por indução, podemos afirmar que todas as ideias existem de modo único, perene, imutável.

A relação próxima entre o mundo sensível e o mundo inteligível ocorre em função da participação (*méthexis*)

Como você estudou, há dois mundos distintos para Platão. Para o pensador, esses mundos estão separados (*khórismos*) um do outro e abarcam seres distintos.

Considerando este contexto, você pode perguntar:



Mas há alguma relação entre o mundo sensível e o inteligível?

Platão responde que sim a esta pergunta, abordando a noção de **participação (*méthexis*)**. Para o pensador, as coisas do mundo sensível existem à medida que **participam** de ideias que as caracterizam. Dito de modo mais simples, cada coisa do mundo sensível existe à medida que participa de ideias. Neste sentido, é lícito afirmar que há certa **presença (*parousía*)** da ideia na coisa sensível.



A participação garante a relação do mundo sensível com o inteligível, embora tal relação seja sempre de submissão, de dependência, pois os seres sensíveis dependem das ideias (seres inteligíveis).

Todo ser sensível é considerado uma imitação (*mimesis*), uma cópia, de uma ideia. Esta é considerada o fundamento, modelo, paradigma dos demais seres.

Logo, tudo aquilo que é enquanto múltiplo (enquanto ser sensível) só existe à medida que participa daquilo que é enquanto uma unidade (ideia, essência, forma). Veja a figura 2.2.

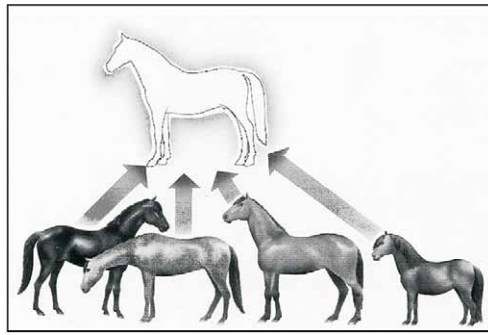


Figura 2.2 – Múltiplos cavalos (seres sensíveis) participam da ideia (ser inteligível) única de cavalo
 Fonte: Valverde (1987, p. 82).



Platão defende, basicamente, que os seres do mundo sensível não têm a mesma natureza que os seres do mundo inteligível. Veja que tal distinção espelha uma abordagem dualista do que há, fundamentada a partir do mundo inteligível.

Esses dois mundos, o sensível e o inteligível, embora separados, guardam uma relação próxima, em função da concepção de participação. A relação de participação reflete uma conotação hierárquica, pois os seres sensíveis, à medida que existem, imitam a uma ideia (ser inteligível).

Não é por acaso, nesse sentido, que Platão foi “**eternizado**” em pinturas que enfatizam o mundo ideal. Um exemplo, destas, é representado pela figura 2.6, em que Rafael apresenta Platão com uma de suas mãos apontando para cima.

Platão não concordaria com este trocadilho, não é mesmo?

Identificadas essas características da Ontologia de Platão, é pertinente retomar as considerações que ele faz no livro VI da obra *A República*, por meio de outra metáfora: a da **analogia da linha** – analogia que tem a finalidade de representar os dois mundos. Observe.

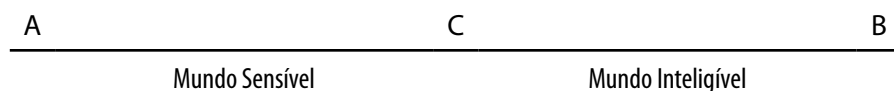


Figura 2.3 – Os dois mundos, conforme a analogia da linha
 Fonte: Adaptado de Platão, *A República*, (2002, 509 d-e, p. 207).

Veja que o maior segmento, o AB, abrange tudo que existe. O segmento AC abrange as coisas do mundo sensível e o segmento CB abrange as coisas do mundo inteligível.



Mas, afinal, quais tipos de coisas existem nesses dois mundos?

Há **quatro tipos de coisas existentes**, distribuídas no mundo sensível ou inteligível:

- **as imitações das coisas sensíveis** – exemplificadas pelas pinturas, esculturas, poesias, reflexos na água, imagens da memória etc.;
- **as coisas sensíveis** – exemplificadas por todas as coisas naturais e por todos os instrumentos produzidos pelo homem, como uma cadeira, uma mesa, uma pá etc.;
- **os objetos matemáticos** – tratadas pela geometria, astronomia, aritmética, música etc. As representações e equações matemáticas são exemplos de objetos matemáticos. Observem que estes objetos apresentam um caráter muito mais formal do que material; e
- **as ideias** – consideradas os seres verdadeiros. Como exemplos de ideias há o conceito de belo, de homem, de justiça etc.

Retomando a analogia da linha, os tipos de coisas existentes ficam assim distribuídos.

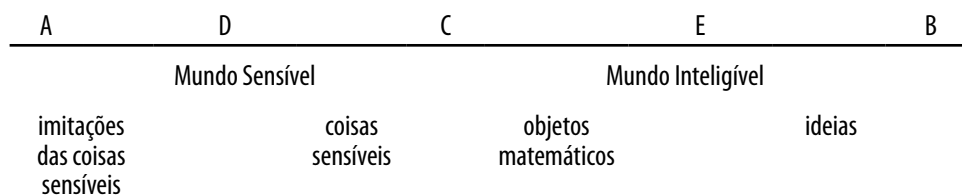


Figura 2.4 – Distribuição dos tipos de coisas que existem nos dois mundos, conforme a analogia da linha
Fonte: Adaptado de Platão, *A República*, (2002, 509e-511e, p. 207-209).

Com as novas informações, veja que o segmento AB ainda abrange o que existe. O segmento AC ainda abrange as coisas do mundo sensível. E o segmento CB ainda abrange as coisas do mundo inteligível. Contudo, especifica-se que, no mundo sensível, o segmento AD abrange as “imitações” das coisas sensíveis. O segmento DC abrange as coisas sensíveis. Ainda, especifica-se que, no mundo inteligível, o segmento CE abrange os objetos matemáticos. O segmento EB abrange, enfim, as ideias.



A distribuição dos seres na linha não é meramente ilustrativa, pois implica reconhecer uma relação hierárquica entre os tipos de seres. As imitações das coisas sensíveis são inferiores às coisas sensíveis. As coisas sensíveis são consideradas inferiores aos objetos matemáticos. Os objetos matemáticos são considerados inferiores às ideias. Enfim, estas são consideradas seres superiores a todos os demais.

A primazia da ideia reside no fato de ela servir de modelo a todos os demais seres

Os objetos matemáticos gozam de reconhecimento em função de seu caráter racional, abstrato, inteligível – afastados das coisas sensíveis e próximos das ideias. As coisas sensíveis são consideradas inferiores aos objetos matemáticos e às ideias, uma vez que existem à medida que participam destas últimas. A inferioridade das imitações das coisas sensíveis reside no fato delas serem consideradas “imitações das imitações”, pois não imitam diretamente uma ideia, mas um ser sensível que já “imitou” uma ideia.

Considerando tais apontamentos, veja outro modo de definir ideia.



Ideia é **causa** inteligível daquilo que é sensível.

Podemos destacar seis características básicas daquilo que existe como ideia (REALE, 2002, p. 64): inteligibilidade, incorporeidade, ser no sentido pleno, imutabilidade, perseidade, unidade. Acompanhe explicações sobre cada uma dessas características:

- **inteligibilidade** – pois é captada pela inteligência;
- **incorporeidade** – pois não apresenta traços de matéria, de corpo;
- **ser no sentido pleno** – ou seja, tem **plenitude**, pois é verdadeiramente, absolutamente, sempre idêntica, causa e jamais causada;
- **imutabilidade** – pois não está sujeita à mudança, à geração ou à corrupção;
- **perseidade** – pois existe por si, em si mesma; e
- **unidade** – pois existe enquanto uma, como modelo para os seres múltiplos que dela participam.

Não podemos subestimar tais características das ideias, conforme Platão, pois se fazem presentes em todos os demais seres.

Ou seja, **todos os seres estão fundados a partir das ideias**, dependendo destas para existirem. Por tais motivos, a Ontologia de Platão é considerada idealista.

Hierarquia das ideias e a ideia de Bem

Embora as ideias sejam consideradas únicas, obviamente não há uma única ideia. As inúmeras ideias podem ser distintas, como de **ordem inferior e superior**, decorrendo uma hierarquia. Veja um exemplo.



Considere a ideia de animal e de ser vivo. Ao compará-las, evidencia-se que a ideia de ser vivo é mais geral que a de animal.

A **ideia de Bem**, nesse contexto, não deve ser entendida apenas por uma perspectiva moral, pois **representa o cume da hierarquia das ideias platônicas**, o ápice da ordem, a causa superior.

No contexto da alegoria da caverna, Platão associa a ideia de bem com o sol existente fora da caverna. Por meio da **analogia do sol**, expõe que este (ideia de bem) distingue-se das coisas fora da caverna que podem ser “vistas” (as demais ideias); da luz solar (entendida como verdade referente às ideias); assim como daquele que “vê” (representada pelo sujeito que conhece, fundamentalmente, com a razão, ao sair da caverna).



Se você quiser saber mais sobre a Ontologia de Platão, consulte alguns de seus diálogos. Entre eles, que abordam a questão ontológica, você pode estudar: *A República, o Fedão, o Parmênides e O Sofista*. (PLATÃO, 1989; 2001; 2002; 2003).

Se você desejar, acesse esses diálogos gratuitamente, na internet.

Esta seção, embora não seja muito longa, requer muita atenção e disciplina. Parabéns pelo esforço dedicado neste sentido. É pertinente considerar, agora, pelo menos uma crítica que o próprio Platão propôs-se, com a finalidade de corroborar a sua teoria das ideias.

Platão (*Parmênides*, 2001, V, p. 6-7) propõe um raciocínio que ficou, posteriormente, conhecido como **argumento do terceiro homem**. O argumento, proposto “contra” a Ontologia de Platão, admite, como hipótese, que exista a ideia de grandeza e que existam coisas sensíveis grandes. Contudo, propõe que a ideia da grandeza, juntamente das coisas sensíveis grandes, “possibilitariam” inferir um **terceiro ser**, uma ideia (formada por esses dois tipos de seres). Deste modo, invalidar-se-ia a tese platônica de que só há uma ideia fundante para cada tipo de coisa.

Considerando tal linha de raciocínio, poder-se-ia inferir, ainda, um **quarto ser** como ideia (formada pela ideia de grandeza, pelos seres sensíveis grandes e pela “nova ideia” que apanhe a essência de grandeza e os seres sensíveis grandes). Logo, por indução, poder-se-ia inferir uma **infinitude de ideias** relativas à grandeza.

Aristóteles, no livro *Metafísica* (1969, 990b, p. 56-57; 1039a, p. 172-173 e 1079a-b, p. 275-277) também aborda este argumento, como crítica à Ontologia de Platão.

Obviamente, Platão discorda de tal suposição. Contudo, observe que ele a inseriu em um de seus diálogos, porque reconheceu a relevância dessa crítica.

É isso, basicamente. Conheça agora alguns elementos da Ontologia realista de Aristóteles.

Seção 3 – A Ontologia realista de Aristóteles

Nesta seção, você estuda a Ontologia realista de Aristóteles. Este pensador, como Platão, não ignora as perspectivas ontológicas pré-socráticas, nem a posição ontológica que subjaz à teoria dos sofistas nem a que subjaz aos pensamentos de Sócrates. Porém, ainda critica e procura superar a Ontologia de Platão.

A palavra metafísica está associada à Ontologia de Aristóteles. Também identificou que este termo não foi usado por ele, mas que serve para indicar o que esse pensador trata como **filosofia primeira**.

Esta atividade primaz, filosofia primeira, investiga basicamente:

- o ser enquanto ser, em sua universalidade, generalidade;
- o ser por excelência: a substância (*ousía*), assim como os seres que dependem da substância para existir: os acidentes (*symbebekós*) da substância;
- as causas do ser; e
- Deus e os seres divinos.



Não é por acaso que Aristóteles designa, além da expressão filosofia primeira, outro termo para tratar das investigações ontológicas: **teologia**. Aristóteles concebe a teologia como o estudo que não pode ser desconsiderado ao se falar do ser, uma vez que a teologia trata dos seres superiores, divinos, separados, imóveis. A investigação do ser, em geral, não pode ignorar Deus, por exemplo, uma vez que este é considerado a **causa primeira de todas as coisas**.

Você retoma a temática das causas aristotélicas ainda nessa seção. Por ora, acompanhe algumas considerações fundamentais sobre a Ontologia de Aristóteles.

Ao desenvolver sua Ontologia, o estagirita procura:

- considerar alguns apontamentos de Sócrates e de Platão;
- criticar e superar a posição ontológica que subjaz à teoria sofista;
- criticar e superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas; e
- criticar e superar a Ontologia platônica.

Acompanhe explicações sobre cada um destes itens, na sequência.

Considerar alguns apontamentos de Sócrates e de Platão

Aristóteles também assume, para si, a pergunta socrática pelo “que é...?”. Porém, diferente de Sócrates, que nada propôs como resposta cabal a esta pergunta, Aristóteles desenvolve, tanto quanto Platão, uma Ontologia inédita.

Se há um prematuro processo de categorização ontológico em Sócrates e tateante em Platão, Aristóteles já defende, **sistematicamente**, uma lista de dez categorias fundamentais, conhecida como **tábua das categorias**.



Tanto na obra *Categorias* quanto na obra

Metafísica – ambas de Aristóteles, encontramos referências a um esquema categorial, de investigação de gêneros supremos. Por meio dela, Aristóteles estabelece uma lista das classes mais abrangentes e, concomitantemente, diferentes.

Os seguintes gêneros são enumerados e exemplificados na obra *Categorias* (ARISTÓTELES, 1985, I, 4, 1 b – 2 a, p. 47), conforme o Quadro 2.1:

Categoria	Exemplo
1) o que (a substância)	homem, cavalo
2) o quanto (quantidade)	de dois (ou três) côvados de largura
3) o como (qualidade)	branco, gramatical
4) com que se relaciona (relação)	dobro, metade, maior
5) onde está (lugar)	no Liceu, no Mercado
6) quando (tempo)	ontem, o ano passado
7) como está (estado)	deitado, sentado
8) em que circunstância (hábito)	calçado, armado
9) atividade (ação)	corta, queima
10) passividade (paixão)	é cortado, é queimado

Quadro 2.1 – Categorias
Fonte: Aristóteles (1985).

As obras *Categorias* e *Metafísica* guardam o cerne da Ontologia aristotélica. Contudo, as obras do pensador são inúmeras e não é raro ter que investigar outra de suas obras com a finalidade de esclarecer um conceito ou uma tese ontológica.



Um modo de “olhar” para a Ontologia de Aristóteles passa pela **tábua das categorias**.

A tábua das categorias é, explicitamente, uma classificação de classes de palavras, que têm significado. Por meio da tábua das categorias, Aristóteles explicita que a significação da substância é primária (primeira categoria) e que a significação das demais categorias é secundária. Para Aristóteles, tal significação é um **reflexo das classes de coisas que existem**.

Conforme Barnes (1995, p. 77), para Aristóteles as coisas existem primariamente como substâncias ou existem de um modo derivado como acidentes da substância. Ou seja, tudo o que existe ou é uma substância ou é um acidente de uma substância.



A tábua de categorias não é apenas uma classificação de classes de palavras significativas, mas, fundamentalmente, uma **classificação ontológica**, uma classificação dos seres.

Kneale e Kneale (1962, p. 31) afirmam que o livro *Categorias* trata da classificação de coisas que são expressas por tipos de termos, e que estes tipos de termos exercem nas frases, inclusive na proposição, a função sintática de sujeito ou de predicado. Barnes (2001, p. 69-71) expõe que a classificação das dez classes de categorias de predicados proposta por Aristóteles é um reflexo na linguagem da classificação das dez classes de categorias de coisas.

A classificação categorial nada mais é do que uma consequência da distinção existencial, necessária, que subjaz entre os seres básicos que existem:

- **a substância** – literalmente, o que está por baixo, o que fundamenta, o que é primordial em relação aos demais seres; e
- **as demais categorias, em relação à substância** – existem enquanto ligadas à substância. Estas são, às vezes, denominadas por Aristóteles como **acidentes**.

As demais categorias, em relação à substância, são denominadas como acidentes, fortuitas, uma vez que não são determinadas pela necessidade, mas pela possibilidade. Todo acidente caracteriza-se como um atributo não necessário, que se liga à substância. Veja o caso de uma mesa, por exemplo. Ser mesa denota um caráter substancial, enquanto ser azul ou amarela denota um caráter accidental.

Em uma **proposição** qualquer, o caráter semântico, significativo, primordial da substância em relação às demais categorias decorre do fato da substância ser considerada, geral e sintaticamente, como **sujeito** (*hypokeímenon*) da proposição; e as demais categorias, como **predicações** atribuíveis à substância.



Saiba mais sobre a proposição, assim como sobre a verdade e sobre o axioma do terceiro-excluído, segundo Aristóteles!

Proposição, para Aristóteles, evidencia um enunciado declarativo completo e determinado, em função do qual atribuímos um predicado a um sujeito, passível de ser julgado como verdadeiro ou falso.

A verdade é considerada como decorrente da definição de verdadeiro e de falso. Verdadeiro significa afirmar que o que é, é; assim como afirmar que o que não é, não é. Falso significa afirmar o que é do que não é; ou o que não é do que é.

As definições de verdadeiro e de falso estão fundadas no **axioma** do terceiro excluído. Tal axioma expressa que não pode haver uma terceira opção, quando julgamos o conteúdo de uma proposição qualquer: ou a julgamos como verdadeira ou como falsa.

Axioma é um princípio universal, válido para todas as ciências, porque subordina todas as coisas, seres, seja para existir de modo determinado, seja para ser pensado com acerto, seja para ser dito com significação.

Criticar e superar a posição ontológica que subjaz à teoria sofista

Aristóteles também considera as perspectivas ontológicas sofistas, grosso modo, indignas de crédito e, portanto, de validade. O motivo reside, tal como a crítica proposta por Platão, no relativismo ou no ceticismo atribuído à posição ontológica que subjaz à perspectiva sofista.

Aristóteles admite que **os sentidos do ser possam ser múltiplos, mas que há um sentido fundamental, único, em função do qual falamos do ser**. Este sentido está fundado na **substância**.



Para Aristóteles, **a substância representa a referência determinada em relação à multiplicidade de sentidos que existem, em relação à multiplicidade de coisas que existem**.

É pertinente, agora, proposta esta tese básica, compreender de que modo ela é justificada.



A substância – enquanto ser existente – é a referência fundamental em relação às outras coisas que existem, porque de todos os seres, de todas as coisas, só a substância é capaz de existir de modo, simultaneamente:

- separável; e
- determinado.

A substância é separável, pois é o tipo de ser que pode existir por si só. **A substância é determinada**, porque comporta uma essência (*tò ti en einai*). Para Aristóteles, toda substância comporta, por si, de modo inerente, uma essência.

Os demais seres –que não são substância –não são separáveis, independentes, por si sós. De fato, os demais seres que não são substância, as outras categorias, dependem dessa para existirem enquanto **agregados da substância**.

Conforme Ross (*Metafísica*, 1969, p. 3), “Há uma espécie de ser que é no sentido mais estrito e mais completo – a substância; e todas as outras coisas são simplesmente por que guardam alguma relação definida com a substância – como qualidades da substância, relações entre substâncias etc.”

Ainda, sobre o caráter essencial, diz Aristóteles:



Todo ser é determinado, se apresentar uma essência.

Embora as demais categorias, em relação à substância, sejam atributos agregados, dependentes (que não podem comportar-se como separadas por si sós), nem por isso deixam de ser determinadas, nem por isso deixam de ser. Tais categorias são determinadas, porque também comportam uma essência.



A existência determinada de cada um dos seres pertencentes às demais categorias, em relação à substância, depende da existência determinada da substância, uma vez que esta suporta as outras categorias enquanto uma **referência primordial, primeira**.

Logo, conforme a concepção de essência:

- a substância é ser e determinada; e
- as demais categorias, quando pertencentes à substância, também são seres e determinados.

Primazia categorial da substância em relação às demais categorias

Como já dito, a substância caracteriza-se como o ser primeiro em relação a todos os outros, em relação a todas as demais categorias. Esta relação hierárquica é justificada pelo fato de:

- apenas a substância ser separável, sem que para isso ela deixe de ser o que é;
- que os outros seres, que não são substância, dependem dessa para existirem. Dito de outro modo, as demais categorias não podem existir separadamente, independentemente, da substância;

- as demais categorias, em relação à substância, não podem comportar a essência em sentido primário, mas apenas a essência em sentido secundário, enquanto um atributo agregado à substância; e
- a substância é primeira, fundamentalmente, porque existe enquanto uma referência para a existência dos outros seres. Todas as demais categorias, em relação à substância, são caracterizadas em função dessa relação de dependência.

Criticar e superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas

Aristóteles, assim como Platão, considera as perspectivas ontológicas pré-socráticas como ponto de partida legítimo a ser considerado e ultrapassado. Aristóteles critica os pré-socráticos por se contentarem a defender um único tipo de *arkhé* (causa).

Já Aristóteles defende **quatro tipos de causas**, relativas ao ser. Observe, na sequência, que a concepção das quatro causas também implica uma crítica à posição de Platão.

Sobre a concepção de causa, de modo geral, Aristóteles critica a perspectiva ontológica:

- **pré-socrática** – uma vez que os pré-socráticos contentam-se, geralmente, com a defesa de uma causa material ou de várias causas materiais;
- **pitagórica** – uma vez que os seguidores deste modo de pensar contentam-se com a defesa de uma causa: a formal; e
- **platônica** – pois que seu propositor defende que a causa de uma coisa sensível situa-se, unicamente, em um outro plano, fora da própria coisa sensível.

As quatro causas

Aristóteles defende que, para conhecer o ser, é preciso conhecer as suas causas, que são quatro: formal, material, eficiente e final. Acompanhe o significado de cada uma:

- **formal** – refere-se à essência das coisas. **É aquilo que apanha o que a coisa é.** Por exemplo, a essência de cada homem é a sua “alma”; a essência de uma mesa é a sua forma, sua estrutura;
- **material** – refere-se à matéria que compõe uma coisa. **É aquilo de que uma coisa é.** Por exemplo, no homem há a carne, osso, pêlos, sangue etc.; em uma mesa, há madeira, pregos, tinta etc.;
- **eficiente** – refere-se ao que originou ou movimentou as coisas em sua origem. **É aquilo com que uma coisa é.** Por exemplo, considere o pai e a mãe como causa do filho, no caso do homem. No caso da mesa, considere a ação humana de construir uma mesa; e
- **final** – refere-se ao fim, finalidade, das coisas ou ações. **É aquilo para que uma coisa é.** Por exemplo, o homem almeja a felicidade, como fim; a mesa tem como finalidade dispor coisas em um nível superior, em relação ao chão.

Observe como uma estátua é concebida, conforme as quatro causas aristotélicas – por meio da Figura 2.5, a seguir.

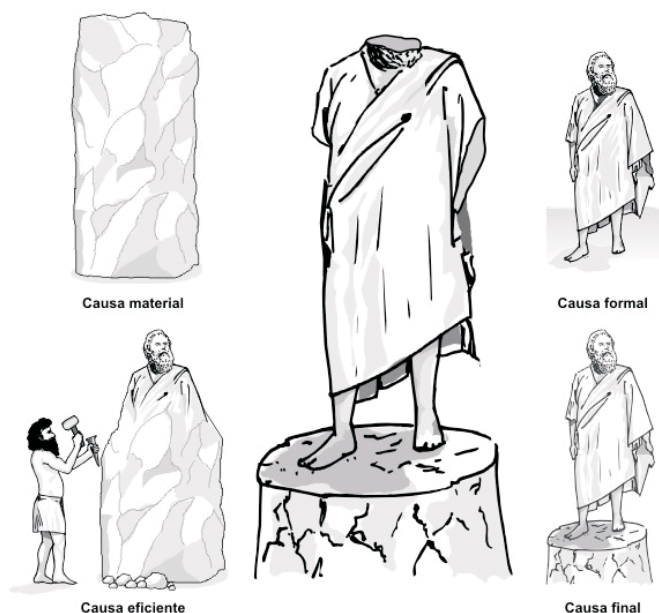


Figura 2.5 – A estátua de Sócrates, conforme as quatro causas de Aristóteles
 Fonte: Alex Sandro Xavier (2008), adaptado de Valverde (1987).

A matéria da estátua, a pedra bruta, o mármore, é uma das causas da estátua. A forma da estátua, outra de suas causas, tem como referente o modelo Sócrates – “não muito alto”, “não magrinho”, “não muito bonito” etc. O escultor, ao aplicar sua técnica à pedra, contribui para originar a estátua, constituindo-se como causa eficiente. A estátua ainda tem como causa a finalidade de ser exposta, exibida, para o público.

Embora a estátua esteja parcialmente destruída (sem cabeça e braços), requereu as quatro causas para ser considerada como tal.

Criticar e superar a Ontologia platônica

Aristóteles tece críticas pontuais à Ontologia idealista de Platão, ao mesmo tempo que defende outra Ontologia, de cunho realista. No tópico anterior dessa seção, você estudou uma dessas críticas, referente ao caráter “limitado” da *arkhé* de Platão. Na seção anterior, estudou que Aristóteles também critica a teoria das ideias por meio do argumento do terceiro homem.



Outra crítica de Aristóteles ao seu mestre Platão refere-se ao **dualismo que acarreta a teoria das ideias**. Para Aristóteles, a proposição do mundo inteligível, de certo modo, duplica a realidade desnecessariamente.

É notório que Aristóteles “aproxima-se” da Ontologia de Platão, ao reconhecer o aspecto formal, essencial, do que existe – o que Platão associa à primazia da ideia. Tal como Platão, Aristóteles também concebe ao aspecto formal uma precedência, em relação ao aspecto material.



Contudo, por meio de uma reviravolta, Aristóteles defende que o **caráter formal não reside em outro plano, inteligível, mas está presente nas próprias coisas, na própria realidade**.

Na Figura 2.6, atente para a postura de Aristóteles ao lado do seu mestre. Se Platão aponta para cima, enfatizando a importância do mundo ideal, das ideias, Aristóteles aponta para baixo, observando que o fundamento do ser está nas próprias coisas.



Figura 2.6 – Aristóteles e a defesa da realidade, como instância legitimadora do ser
Fonte: Rodrigues (2009).

Para compreender a **primazia da realidade** em relação às demais coisas, é pertinente considerar um argumento referente às substâncias primeiras e às segundas. Acompanhe.

Substâncias primeiras e substâncias segundas

Aristóteles distingue substâncias primeiras de substâncias segundas.



As substâncias primeiras referem-se aos indivíduos existentes, concretos (*tóde ti*), que representam “um isto”. As substâncias segundas referem-se aos universais (espécie ou gênero), abstratos, que não existem separados da substância primeira, mas conectados a esta, dependentes desta.

As substâncias primeiras são consideradas hierarquicamente superiores às substâncias segundas, uma vez que estas, para existirem, dependem das primeiras.



Entre as substâncias segundas, a espécie é considerada mais substância que o gênero. A partir dessa distinção, decorre uma hierarquia ontológica entre substância primeira, a espécie e o gênero, já que a substância primeira é mais substância que a espécie.

Acompanhe mais algumas considerações sobre a espécie e o gênero (substâncias segundas), com a finalidade de compreender a primazia da substância primeira e, assim, da realidade.

Ao considerarmos um conjunto de **indivíduos particulares**, com características comuns, podemos encontrar **uma forma comum a todos esses** (diferente da **forma já existente em cada indivíduo particular**). Com este procedimento, encontramos a **espécie** de um conjunto de indivíduos particulares. Logo, **toda espécie denota uma forma** que apanha as características comuns de um conjunto de indivíduos particulares.



Ao considerarmos os indivíduos particulares Sócrates, Platão e Aristóteles, podemos especificar a forma comum destes como gregos.

Ao considerarmos um conjunto de **espécies**, com características comuns, podemos encontrar **outra forma comum a todas estas**. Com este procedimento, encontramos o **gênero** de um conjunto de espécies. Logo, veja que **todo gênero denota uma forma** a qual apanha as características comuns de um conjunto de espécies.



Ao considerarmos diferentes espécies, semelhantes à dos gregos, podemos encontrar um gênero comum: homem.

Considere outro exemplo, por meio da Figura 2.7.

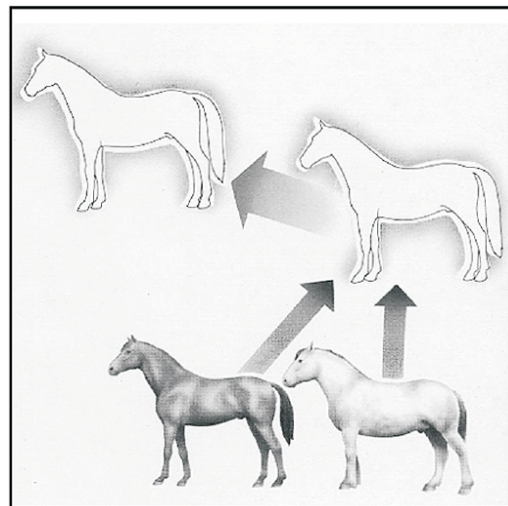


Figura 2.7 – Os indivíduos particulares permitem apanhar a forma da espécie e a forma de gênero
Fonte: Valverde (1987, p. 82).

Na parte de baixo da Figura 2.7, temos “indivíduos particulares”, os quais podemos denominar como Veloz e Alazão. Na parte média, há uma figura que representa uma espécie, que podemos especificar como Árabe, abstraída da forma comum desses indivíduos particulares. Na parte superior, em outro nível, há o gênero cavalo, com formas comuns, provenientes de espécies semelhantes.



Observe que tanto a forma da espécie quanto a forma do gênero existem à medida que consideram a existência do indivíduo particular como primaz, elementar, fundamental.

A relação hierárquica que há entre indivíduos particulares (substâncias primeiras), as espécies (substâncias segundas) e os gêneros (substâncias segundas) pode ser assim representada conforme a Figura 2.8:

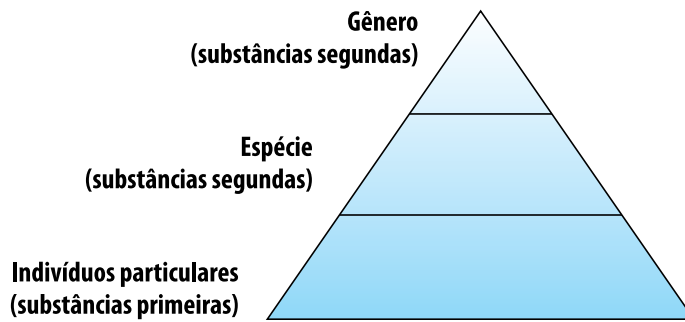


Figura 2.8 – Hierarquia formal das substâncias primeiras (indivíduos particulares) e segundas (espécies e gêneros)
Fonte: Elaboração do autor (2008).



A **primazia da realidade**, na Ontologia aristotélica, também é compreendida ao identificar o parâmetro em função do qual uma proposição é avaliada.

A realidade como parâmetro em função do qual uma proposição é avaliada

Para entender este tópico, é pertinente lembrar e aprofundar, antes, o entendimento sobre a proposição, para Aristóteles.



Para Aristóteles, toda proposição é capaz de expressar a realidade por meio de um enunciado completo, determinado, avaliável como verdadeiro ou falso, em que se especifica a presença ou a ausência de um predicado em relação a um sujeito.

As categorias, que você já estudou, podem exercer diferentes funções sintáticas na proposição. Contudo, geralmente a substância exerce a função de sujeito, enquanto as demais categorias, a função de predicado.

Ainda, a proposição pode ser distinta, basicamente, como afirmação ou negação. A afirmação é o tipo de proposição em que o sujeito liga-se a uma atribuição categorial, ou seja, o predicado é ligado ao sujeito. Exemplo: “Sócrates é mortal.”

Na negação, o sujeito é desligado de uma atribuição categorial, ou seja, o predicado é desligado do sujeito. Exemplo: “Sócrates não é verde.”

Também pensa Aristóteles que todas as proposições podem ser julgadas conforme dois valores de verdade: verdadeiro ou falso. Estes valores de verdade referem-se ao resultado do julgamento que realizamos – ao considerarmos a realidade como parâmetro fundamental para julgar e o conteúdo expresso pela proposição (o significado preciso e expresso na predicação).



Assim, para Aristóteles, a realidade é considerada o parâmetro fundamental para se julgarem as proposições.

Acompanhe algumas outras considerações de Aristóteles sobre o ser, agora sobre ato e potência.

Ser em ato e em potência

Aristóteles também expõe que qualquer ser sujeita-se a modos específicos de existir, em ato ou em potência.

Observe que, por meio desta distinção, Aristóteles procura abordar as condições de (im)possibilidade de devir. Neste sentido, procura superar as perspectivas que abordam o devir, tais como as defendidas por Heráclito, por Parmênides, assim como por Platão. Para Aristóteles:



Ato e a potência são modos de ser distintos e opostos. Ato refere-se ao que tem existência real. Potência refere-se ao que tem existência capaz de ser realizada. Nesta perspectiva, ato e potência são compreendidos como modos de ser opostos.

Ato ou potência sujeitam todos os seres. Não há nada que escape a pelo menos um desses dois modos de ser. O ser em ato é aquele que existe, de fato. O ser em potência é aquele que tem possibilidade de existir, mas não necessariamente.



Aquilo que existe em potência pode, ou não, realizar-se, tornar-se ato.

Basicamente, o ser pode existir de três modos, em ato ou em potência:

- ser existente em ato, mas não em potência;
- ser existente tanto em ato quanto em potência; e
- ser existente em potência, mas não em ato.

Acompanhe explicações sobre estes três modos de existir, conforme o ato ou potência:

- **ser existente em ato, mas não em potência** – neste caso, o ser existe como necessidade e impossibilidade de que seja diferente. Como exemplo, considere o ato puro, primeiro motor, imóvel, perfeito, eterno, pensamento do pensamento, causa primeira de todas as coisas. Embora o ato puro não se mova, as demais coisas movem-se em direção a ele, uma vez que se sentem atraídas;
- **ser existente tanto em ato quanto em potência** – neste caso, o ser existe atualmente, como necessário, mas sem descartar a possibilidade de vir a ser outra coisa em relação ao que já é. Um exemplo é a consideração do ovo. Em ato, é preciso que reconheçamos este ser como um ovo. Em potência, este ser é um pinto. Outro exemplo é o de uma semente de árvore, como o da mostarda. Em ato a semente desta é pequena. Em potência, a semente torna-se uma das maiores árvores que existem; e

Aquilo que existe em ato não comporta contrários, ao mesmo tempo. O ovo não pode ser, em ato, oval e não-oval, ao mesmo tempo.

Por outro lado, **o que existe em potência pode comportar contrários.** O ovo pode ser, em potência, coisas diferentes em relação ao que é. Do ovo pode nascer com vida um pinto, ou apenas guardar um pinto morto. Do ovo pode surgir tanto um galo quanto uma galinha. Entre outros casos.

Esta tese é justificada pelo axioma ontológico da não-contradição, que expressa que não posso, considerando uma coisa em ato, afirmar algo e o seu contrário, ao mesmo tempo. (ARISTÓTELES, 1969, IV, 3, 1005 b 5-20, p. 92).

- **ser existente em potência, mas não em ato** – neste caso, o ser existe como possibilidade, mas não necessariamente.

Nada garante que exista uma batalha naval amanhã, na baía norte da grande Florianópolis. Existe a “possibilidade” de que tal evento ocorra, mas este evento só existe no âmbito potencial.



Figura 2.8 – Existência potencial, mas não atual, que ocorra uma batalha naval amanhã, na baía norte da grande Florianópolis
Fonte: Batalha... ([200-?]).

A existência em ato é dita determinada, pois existe; enquanto a existência em potência é indeterminada, pois pode ocorrer, ou não.

Por outro lado, a existência do ser em potência só pode acontecer em direção ao ato. O ato representa um fim, um princípio, em função do qual uma coisa que é em potência visa. Contudo, lembre-se: não é necessário que uma coisa que exista em potência atualize-se.

O ser pode atualizar-se, ou não, é uma possibilidade. Mas o ser só pode-se atualizar se já houver anteriormente capacidade potencial, interna ou externa, para esta passagem.

A atualização da potência ao ato, em um ser, pode ocorrer se forem satisfeitas as seguintes condições:

- se algo existe;
- se este algo tem condições existenciais de ser realizado, enquanto potência; e
- se não há qualquer impossibilidade a esta passagem.

Antes de terminar os estudos desta seção, conheça a distinção de Aristóteles sobre os componentes substanciais, logo, básicos, quando se fala do ser.

Matéria, sínolo e forma

Aristóteles, em sua Ontologia, expôs que há três componentes substanciais:

- matéria (*hylé*);
- sínolo (*synolon*); e
- forma (*eidos*).

Acompanhe explicações sobre estes componentes da substância.

- **matéria** – A matéria, por si, é indeterminada. A matéria é aquilo que – em uma substância – tem condições de ser atualizada por uma forma.

A matéria é considerada a causa do caráter accidental da substância, ou seja, a condição de tudo aquilo que, potencialmente, é, de tudo aquilo que é capaz de existir, ou não. A matéria identifica-se com a existência em potência.

- **sínolo** (união de matéria e forma) – O composto de matéria e forma, sínolo, enquanto coisa individual, substrato, substância, é primaz em relação à matéria. Tal primazia justifica-se pelo composto não depender de outra substância para ser, como é o caso da matéria isolada.



Todas as coisas concretas, indivíduos, representam um exemplo de sínolo.

O sínolo, como composto de matéria e forma, agrega as capacidades tanto da matéria quanto da forma. Você já conheceu características da matéria. Veja agora as da forma.

- **forma** – A forma é considerada a essência da substância. A forma tende a informar a matéria. A forma, enquanto essência, substância, é primaz em relação à matéria, uma vez que a matéria, por si mesma, não é substância, mas depende do caráter formal de uma substância para poder ser.

Como a forma é, por si só, substância, e o sínolo é substância pelo acréscimo de algo (de matéria, além da forma), a forma é considerada primaz em relação ao sínolo.

Tudo que tem a propriedade de ser imutável carece de matéria. E, como as formas não possuem matéria, então são imutáveis, identificando-se com o que é em ato e em essência.



Veja que a forma existe em ato, assim como o composto de matéria e forma. A matéria existe em potência, assim como o composto de matéria e forma.

Parabéns pelos estudos dedicados a esta seção. Ela requer esforço e espero ter contribuído para que você conheça, basicamente, uma das mais importantes Ontologias da Filosofia.

Procurei abordar a complexa Ontologia de Aristóteles de um modo que ela fosse mais facilmente apanhada por você. Ela já foi exposta de vários modos, e muitos, certamente, prefeririam fazê-lo de outro modo. Poucos discordariam, entretanto, de que, nesta seção, conceitos principais da Ontologia de Aristóteles foram abordados.



Para conhecer mais sobre a Ontologia de Aristóteles, não deixe de consultar as seguintes obras:

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ARISTÓTELES. Categorias. In: **Organon**. Lisboa: Guimarães, 1985. v. 1.



Síntese

Nesta unidade, você estudou que a diversidade de perspectivas ontológicas pré-socráticas, embora rica em reflexões, não angariou aceitação e confiança por parte dos indivíduos gregos comuns. Entre os motivos que justificam tal desconfiança, destaca-se a inaplicabilidade ou irrelevância de tais perspectivas na vida prática.

Você viu que os sofistas e Sócrates alinham-se com esta atitude popular, em relação às perspectivas ontológicas pré-socráticas, evidenciando uma atitude filosófica de distanciamento de investigação pelo ser. A teoria dos sofistas implica com Protágoras, por exemplo, um caráter relativista sobre o que há. Já com o sofista Górgias, o ser tende a ser aniquilado, ou, se existente, considerado como impossível de ser conhecido ou comunicado. Sócrates, por sua vez, desenvolve uma perspectiva crítica, inquiridora, investigadora e insatisfeita – sem se comprometer com uma perspectiva absoluta sobre o ser.

Você também estudou que Platão desenvolveu uma Ontologia idealista. Tal Ontologia não surge do nada, pois procura superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas, criticar a posição sofista e “aprimorar” a perspectiva socrática. Esta Ontologia é conhecida como teoria das ideias, em que Platão reconhece dois mundos distintos:

- um mundo sensível, composto de seres sensíveis, marcados pela multiplicidade, pelo caráter mutável; e
- um mundo inteligível, composto de seres inteligíveis. Destes seres, destaca-se a ideia, ou seja, o ser verdadeiro. Toda ideia é inalterável, marcada pela unidade, pela perenidade.

Você também viu que, embora esses dois mundos estejam separados, há uma relação entre ambos: a participação. Ainda, viu que a existência dos seres sensíveis, múltiplos ocorre em função da participação em uma ideia. Ainda, estudou que a Ontologia de Platão é considerada idealista, uma vez que as coisas que existem são fundadas a partir das ideias do plano inteligível.

Você ainda estudou elementos da Ontologia realista de Aristóteles. Identificou que Aristóteles procurou superar as perspectivas ontológicas pré-socráticas, sofistas, de Sócrates e de Platão.

Conheceu um esquema categorial em que a substância é pensada como ser primordial, tanto para o âmbito da significação quanto para o âmbito ontológico. Viu que, na proposição, a substância geralmente exerce a função de sujeito, enquanto que as demais categorias, a função de predicado.

A substância é pensada como ser fundamental, pois existe por si só, separada e de modo determinado, enquanto as demais categorias existem como seres dependentes da substância para existirem. Você ainda identificou que a substância é considerada a referência determinada em relação à multiplicidade de coisas que existem e que significam.

Também estudou que Aristóteles retoma e amplia a discussão sobre o *arkhé*, ao expor que há quatro causas do ser: formal, material, eficiente e final.

Viu que o estagirita distingue, hierarquicamente, substâncias primeiras (indivíduos particulares) de substâncias segundas (espécie e gênero) – reconhecendo a primazia das primeiras. Estudou, conforme o pensador, que a realidade é o parâmetro fundamental para julgar o conteúdo das proposições.

Você identificou que o ser é distinto em função de modos: ato e potência. Todos os seres existem conforme, pelo menos, um desses dois modos de ser. Basicamente, ato refere-se ao que é, enquanto potência ao que tem condições de ser. Tal distinção revê a questão do devir, uma vez que justifica o modo como os seres são.

Ainda, conheceu a distinção que Aristóteles estabelece sobre os componentes substanciais: a forma, a matéria e o sínolo.



Atividades de autoavaliação

Ao final de cada unidade, você realizará atividades de autoavaliação. O gabarito está disponível no final do livro-didático. Mas esforce-se para resolver as atividades sem ajuda do gabarito, pois, assim, você promoverá (estimulará) a sua aprendizagem.

- 1) Na seção 1 desta unidade, você estudou a posição ontológica que permeia a teoria dos sofistas, a partir de Protágoras e de Górgias, assim como a perspectiva de Sócrates. Considerando tais estudos, identifique nas passagens seguintes, quais pensamentos são respectivos a estes filósofos. Ao fazê-lo, atribua 'P' para Protágoras, 'G' para Górgias e 'S' para Sócrates.
 - a) () "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são que elas são, das coisas que não são que elas não são." (DIÓGENES LAÉRTIOS, 1988, IX, 8, 51, p. 264).
 - b) () "[...] a verdade é tal como a escrevi, a saber: cada um de nós é a medida do que é e do que não é, e que um dado indivíduo difere de outro ao infinito, precisamente nisto de serem e de aparecerem de certa forma as coisas para determinada pessoa, e de forma diferente para outra." (PLATÃO, *Teeteto*, 2001, p. 28).
 - c) () "Não é; se é, é incognoscível; se é e se é cognoscível, é incomunicável." (SEXTO EMPÍRICO, *Contra os matemáticos*, VII, p. 65 apud CASSIN, 1990, p. 25).
 - d) () "a) não existe o ser, isto é, nada existe; b) mesmo que existisse o ser, ele não seria compreensível; c) e mesmo admitindo que fosse compreensível, ele não seria comunicável nem explicável aos outros." (REALE, 2005, p. 210).

e) () “Abstendo-se, ao revés da maioria dos outros filósofos, de dissertar sobre a natureza do universo, de indagar a origem espontânea do que os sofistas chamam “cosmos” e a que leis fatais obedecem os fenômenos celestes, ia a ponto de demonstrar a loucura dos que vacam a semelhantes especulações. Antes de tudo examinava se eles presumiam ter aprofundado suficientemente os conhecimentos humanos para se ocuparem de tais assuntos, ou se achavam razoável pôr de parte o que está ao alcance do homem [...] Admirava-se de que não vissem serem tais segredos intangíveis ao homem, de vez que, longe de concordarem entre si, aqueles mesmos que se gabam de melhor falar sobre eles se têm mutuamente na conta de loucos [...] Quanto aos que se preocupam com a natureza do universo, estes afirmam a unidade do ser, aqueles sua multiplicidade infinita. Uns crêem os corpos em perpétuo movimento, outros em inércia absoluta. Aqui se pretende que tudo nasce e tudo morre, ali que nada se criou e nada deve ser destruído.” (XENOFONTE, 1987, I, 1, 11-15, p. 34).

f) () “Ajuntava vir o nome de “dialético” do hábito de dialogar em comum e distribuir os objetos por gêneros [...]” (XENOFONTE, 1987, IV, 5, 12, p. 150).

g) () “Achava que, quando se conhece bem o que seja cada coisa em particular, pode-se explicá-la aos outros; mas que, se se ignora, não admira que se engane a si mesmo e consigo aos outros. Também não cessava de investigar com seus discípulos o que é cada coisa em particular.” (XENOFONTE, 1987, IV, 6, 1, p. 151).

2) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à Ontologia de Platão.

a) Denominação dada por Platão para o empreendimento que procura superar a Ontologia pré-socrática:

b) Teoria que explica a Ontologia de Platão:

c) Passagem clássica de Platão que permite compreender aspectos básicos de sua Ontologia:

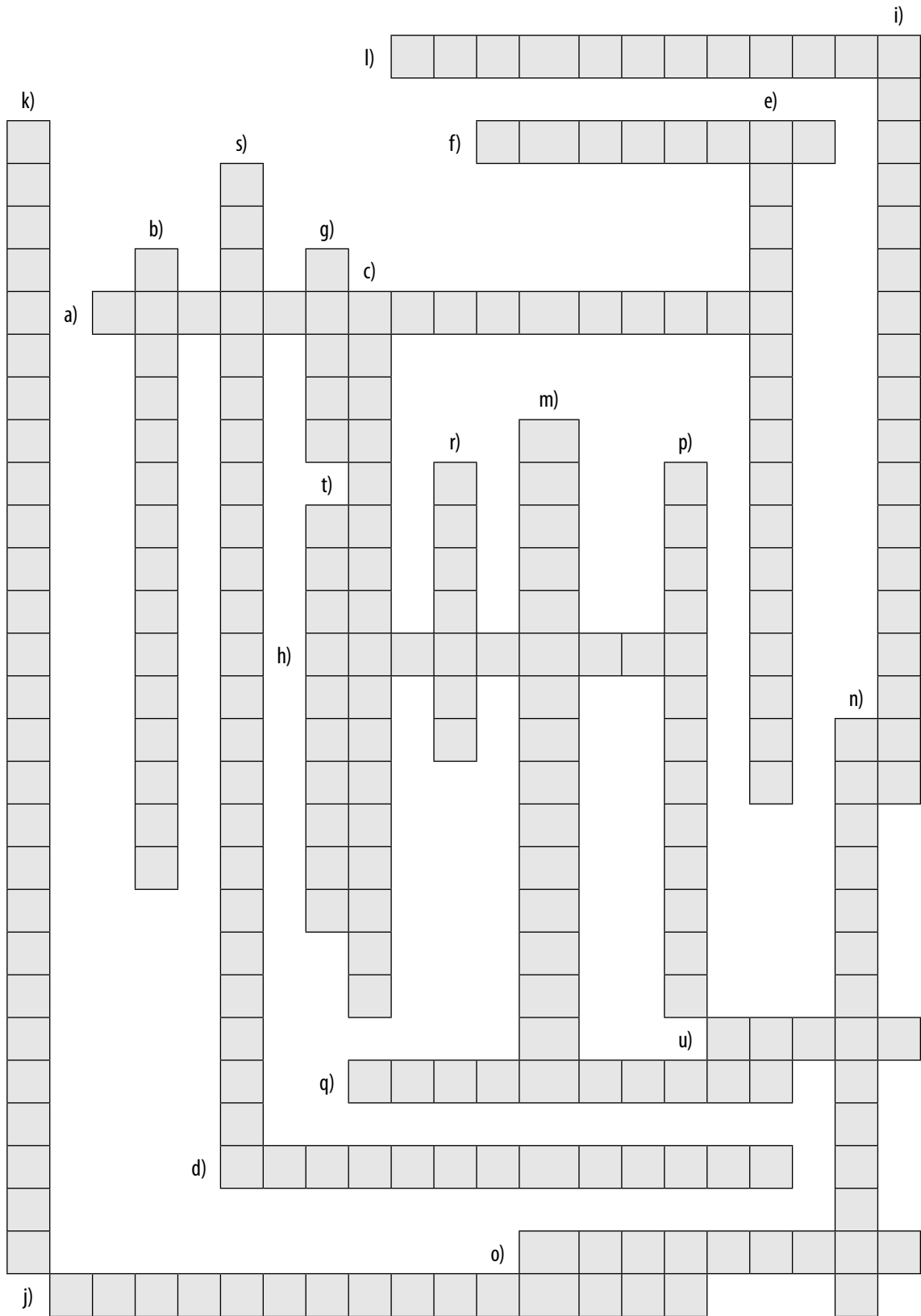
d) Denominação atribuída ao âmbito das coisas múltiplas, passíveis de mudança, associadas, metaforicamente, ao interior da caverna:

e) Denominação atribuída ao âmbito das coisas entendidas como unidade, impassíveis de mudança, associadas, metaforicamente, ao exterior da caverna:

f) Caráter decorrente da Ontologia de Platão, ao admitir a existência de dois âmbitos distintos, com respectivos seres:

g) Tipo de ser inteligível, ser por excelência, modelo, paradigma, para todos os demais seres:

- h) Caráter decorrente da Ontologia de Platão, ao estabelecer a primazia das ideias:
- i) Tipo de ser inteligível que não tem o mesmo status do tipo de ser que é por excelência:
- j) Tipo de ser situado no âmbito das coisas múltiplas, passíveis de mudança e que imitam o ser por excelência:
- k) Tipo de ser situado no âmbito das coisas múltiplas, passíveis de mudança e que imitam a imitação do ser por excelência:
- l) Relação que permite a “ligação” do âmbito das coisas múltiplas com o âmbito das coisas consideradas como unidade:
- m) Propriedade do ser por excelência, ao ser captado pela inteligência:
- n) Propriedade do ser por excelência, ao não apresentar traços de matéria, de corpo:
- o) Propriedade do ser por excelência, que é verdadeiramente, absolutamente, sempre de modo idêntico, sempre causa e nunca causada:
- p) Propriedade do ser por excelência de não estar sujeito à mudança, à geração ou à corrupção:
- q) Propriedade do ser por excelência que existe por si, em si mesmo:
- r) Denominação dada ao ser por excelência, ao existir enquanto um:
- s) Famosa denominação do raciocínio não aceito por Platão, mas admitido como digno de ser referido como “crítica” à sua Ontologia:
- t) Ideia que, hierarquicamente, é superior a todos os demais, inclusive aos demais seres:
- u) Interpretação de Platão para o problema, proposto por Parmênides, sobre o não-ser:



- 3) Os trechos seguintes referem-se à Ontologia idealista de Platão. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da Ontologia de Platão.
- a) “[...] não demorei, companheiro, a cair do alto dessa maravilhosa expectativa, ao prosseguir na leitura e verificar que o nosso homem não recorria à mente para nada, nem a qualquer outra causa para a explicação da ordem natural das coisas, senão só ao ar, ao éter, à água, e uma infinidade mais de causas extravagantes [...] A meu parecer, é justamente isso o que faz a maioria dos homens, como que a tatear nas trevas, empregando um termo impróprio e o designando como causa. Daí, envolver um deles a Terra num turbilhão e deixá-la imóvel debaixo do céu, enquanto outro a concebe à maneira de uma gamela larga, que tem como suporte o ar. Quanto à potência que determinou a atual disposição das coisas pela melhor maneira, nem a procuram nem concebem que seja dotada de algum poder superior [...] Mas, uma vez que não a conheço nem me acho em condições de descobri-la por mim próprio nem de aprender com outros o que ela seja: queres que te faça uma descrição completa [...] de como empreendi o segundo roteiro de navegação para a investigação da causa? [...] Pensei nessa possibilidade e receei ficar com a alma inteiramente cega, se fixasse os olhos nas coisas e procurasse alcançá-las por meio de um dos sentidos. Pareceu-me aconselhável acolher-me ao pensamento, para nele contemplar a verdadeira natureza das coisas. [...] Em cada caso particular, parto sempre do princípio que se me afigura mais forte, considerando verdadeiro o que com ele concorda, ou se trate de causas ou do que for, e como falso o que não afina com ele.” (PLATÃO, *Fedão*, 2001, XLVII- XLVIII, p. 41-42).
-
-
-
-
-
-

b) “[...] há muitas coisas belas, e muitas coisas boas e outras da mesma espécie, que dizemos que existem [...] e que existe o belo em si, e o bom em si, e, do mesmo modo, relativamente a todas as coisas que postulamos como múltiplas, e, inversamente, postulamos que a cada uma corresponde uma ideia, que é única, e chamamos-lhe a sua essência [...] aquelas são visíveis, mas não inteligíveis, ao passo que as ideias são inteligíveis mas não visíveis.” (PLATÃO, *A república*, 2002, VI, 507 a-e, p. 204).

c) “[...] se existe algo belo além do belo em si, só poderá ser belo por participar do belo em si. O mesmo afirmo de tudo o mais [...]” (PLATÃO, *Fedão*, 2001, XLIX, p. 43).

- d) “- Aquela ideia ou essência a que em nossas perguntas e respostas atribuímos a verdadeira existência, conserva-se sempre a mesma e de igual modo, ou ora é de uma forma, ora de outra? O igual em si, o belo em si, todas as coisas em si mesmas, o ser, admitem qualquer alteração? Ou cada uma dessas realidades, uniformes e existentes por si mesmas, não se comportará sempre da mesma forma, sem jamais admitir de nenhum jeito a menor alteração?
- Forçosamente, Sócrates, falou Cebete, sempre permanecerá a mesma e do mesmo jeito.
 - E com relação à multiplicidade das coisas belas: homens, cavalos, vestes e tudo o mais da mesma natureza, que ou são iguais ou belas e recebem a própria designação daquelas realidades: conservam-se sempre idênticas ou, diferentemente das essências, não são jamais idênticas, nem com relação às outras nem, por assim dizer, consigo mesmas?
 - Isso, justamente, Sócrates, é o que se observa, respondeu Cebete, nunca se conservam as mesmas.
 - E não é certo também que todas essas coisas se podem ver e tocar ou perceber por intermédio de qualquer outro sentido, ao passo que as essências, que se conservam sempre iguais a si mesmas, só podem ser apreendidas pelo raciocínio, por serem todas elas invisíveis e estarem fora do alcance da visão?
 - O que dizes, observou, é a pura verdade.
 - Achas, então, perguntou, que podemos admitir duas espécies de coisas: umas visíveis e outras invisíveis?
 - Podemos, respondeu.
 - Sendo que as invisíveis são sempre idênticas a si mesmas, e as visíveis, o contrário disso?” (PLATÃO, *Fedão*, 2001, XXV-XXVI, p. 23-24).

e) “[...] essas ideias se encontram na natureza à maneira de paradigmas; as coisas se lhes assemelham como simples cópias que são, consistindo a participação das ideias com relação às coisas em se assemelharem estas àquelas.” (PLATÃO, *(Parmênides)*, 2001, VI, p. 7).

f) “[...] e muito mais ainda está implícito nas idéias, no caso de terem esta existência própria e concebê-las alguém como algo independente.” (PLATÃO, *(Parmênides)*, 2001, VII, p. 10).

g) “- Quando muitos objetos te parecem grandes, julgas perceber nessa visão conjunta certo caráter uniforme que lhes é comum; daí, concluíres que a grandeza é una.

- Tens razão, falou.

- Porém se, no mesmo passo, apreenderes com o pensamento a grandeza em si e todas essas coisas grandes, não verás aparecer outra grandeza, por meio da qual tudo aquilo forçosamente aparecerá grande?

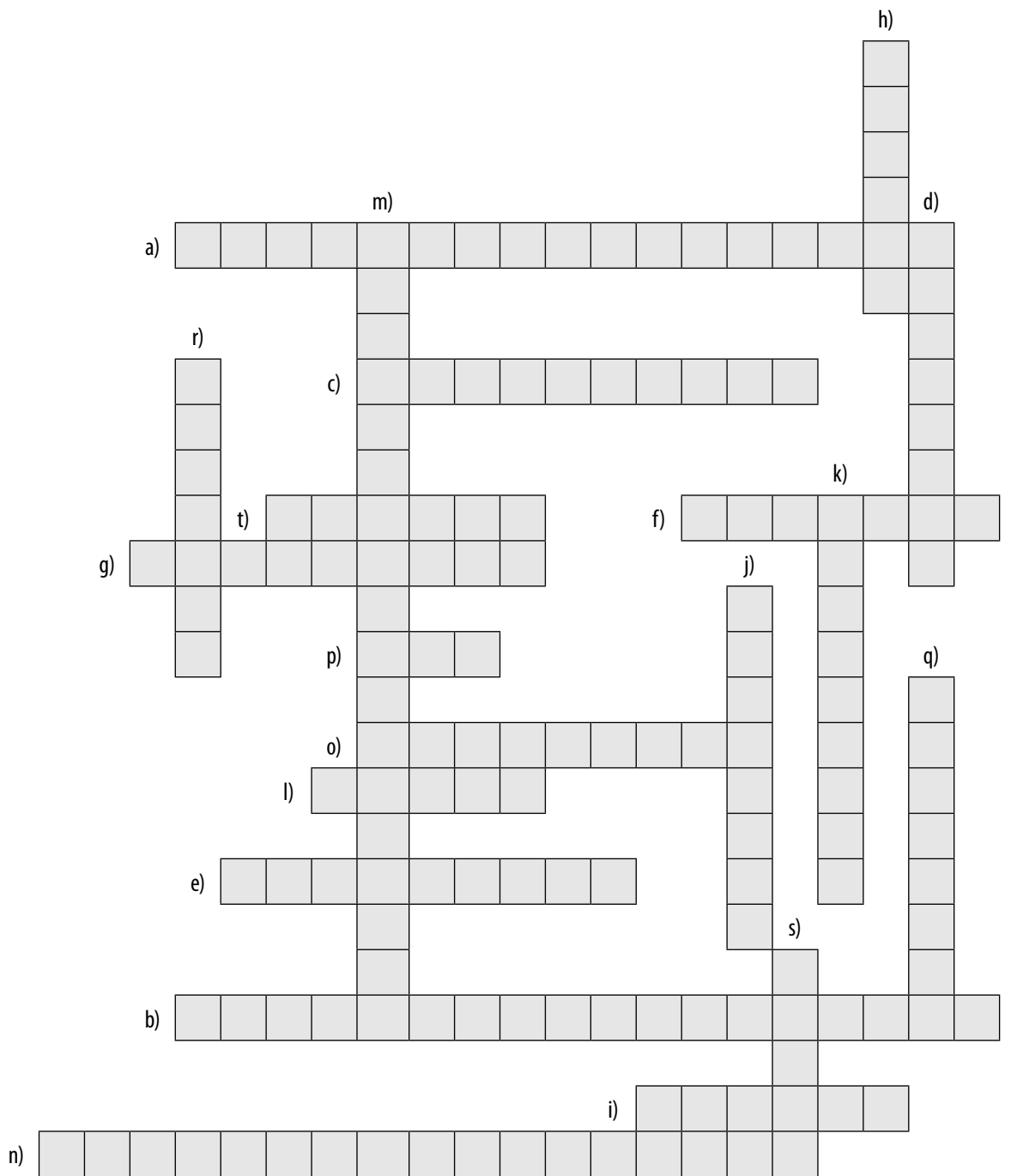
- É possível.

- Desse modo, aparecerá outra ideia de grandeza, para além da grandeza em si mesma e das coisas que dela participam, e mais outra depois dessas, por meio da qual as anteriores serão grandes, deixando, assim, cada ideia de ser uma para ti, porém de multiplicidade incalculável [...] Não é, portanto, absolutamente possível, assemelhar-se alguma coisa à ideia, nem a ideia a seja o que for. Doutra maneira, surgiria sempre

uma nova ideia, diferente da primeira, e, no caso de parecer-se ela com alguma coisa, mais uma ainda, sem nunca parar essa formação de novas ideias, dado que a ideia venha a parecer-se com o que dela participa." (PLATÃO, *Parmênides*, 2001, V, p. 6-7).

- 4) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à Ontologia de Aristóteles.
- a) Designação básica, conforme Aristóteles, para as investigações ontológicas:
 - b) Estabelecimento e classificação dos gêneros supremos, tanto de palavras significativas quanto de coisas que existem:
 - c) Tipo de ser por excelência, para Aristóteles. Referência determinada em relação à multiplicidade de sentidos que existem; em relação à multiplicidade de coisas que existem:
 - d) Tipo de ser que depende da substância para existir, assim como existe de modo agregado à substância:
 - e) Denominação genérica atribuída à substância e ao acidente:
 - f) Função que a substância geralmente exerce em uma proposição:
 - g) Função que as demais categorias, em relação à substância, geralmente exercem em uma proposição:
 - h) Quantidade de causas do ser, conforme Aristóteles:
 - i) Causa referente à essência do ser; o que ela é:
 - j) Causa referente à matéria do ser; aquilo de que ela é:
 - k) Causa referente ao que movimentou o ser; aquilo com que uma coisa é:
 - l) Causa referente ao fim do ser; aquilo para que uma coisa é:
 - m) Denominação atribuída ao tipo de ser substancial que existe enquanto indivíduo concreto:

- n) Denominação atribuída ao tipo de ser substancial que existe enquanto espécie e/ou gênero:
- o) Parâmetro em função do qual se julga uma proposição:
- p) Modo de existir cristalizado, caracterizado pela necessidade:
- q) Modo de existir condicionado ao devir, caracterizado pela possibilidade:
- r) Componente substancial indeterminado, que tem condições de ser atualizado por uma forma:
- s) Componente substancial determinado, essencial, que tem condições de atualizar a matéria:
- t) Composto de matéria e forma:



- 5) Os trechos seguintes referem-se à Ontologia realista de Aristóteles. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da Ontologia de Aristóteles.
- a) “Num sentido, ‘o que uma coisa é’ significa a substância e o ‘isto’; noutra sentido, um ou outro dos predicados: quantidade, qualidade etc. Porquanto, assim como o ‘ser’ pertence a todas as coisas, porém não no mesmo sentido, mas a uma espécie de coisas primariamente e a outras de modo secundário, também ‘o que uma coisa é’ pertence em sentido pleno à substância, mas num sentido pleno às outras categorias.” (ARISTÓTELES, 1969, VII, 4, 1030 a 20, p. 152).

- b) “[...] a essência pertencerá, tal qual ‘o que uma coisa é’, primariamente e no sentido simples à substância, e de modo secundário às outras categorias também – não a essência no sentido simples, mas a essência de uma quantidade ou qualidade. Pois dizemos que estas são, ou por equívoco, ou por acrescentar ou subtrair algo no sentido de ‘são’, [...] a verdade é que não usamos a palavra em sentido ambíguo nem no mesmo sentido, mas assim como aplicamos o termo ‘cirúrgico’ em virtude de uma referência à mesma coisa, sem significar uma e a mesma coisa e, no entanto, sem falar ambigualmente; com efeito, um paciente, uma operação e um instrumento são chamados ‘cirúrgicos’ nem por ambigüidade, nem num sentido só, mas com referência a um fim comum.” (ARISTÓTELES, 1969, VII, 4, 1030 a 30-1030 b 5, p. 153).

c) "As palavras sem combinação umas com as outras significam por si mesmas uma das seguintes coisas: o que (a substância), o quanto (quantidade), o como (qualidade), com que se relaciona (relação), onde está (lugar), quando (tempo), como está (estado), em que circunstância (hábito), atividade (ação) e passividade (paixão). Dizendo de modo elementar, são exemplos de substância, homem, cavalo; de quantidade, de dois côvados de largura, ou de três côvados de largura; de qualidade, branco, gramatical; de relação, dobro, metade, maior; de lugar, no Liceu, no Mercado; de tempo, ontem, o ano passado; de estado, deitado, sentado; de hábito, calçado, armado; de ação, corta, queima; de paixão, é cortado, é queimado." (ARISTÓTELES, 1985, I, 4, 1 b – 2 a, p. 47).

d) "As modalidades do 'ser em si' são exatamente as indicadas pelas figuras de predicação, pois os sentidos de 'ser' são em número igual ao dessas figuras. Por conseguinte, como alguns predicados indicam o que é o sujeito, outros a sua qualidade, outros a relação, outros a atividade ou passividade, outros ainda o 'onde' ou 'quando', 'ser' tem um significado correspondente a cada uma destas categorias." (ARISTÓTELES, 1969, V, 7, 1017 a 20-30, p. 120).

e) “[...] são vários os sentidos em que dizemos que uma coisa ‘é’, mas todos eles se referem a um só ponto de partida; algumas coisas são pelo fato de serem substâncias, outras por serem modificações da substância, outras por representarem um trânsito para ela, a destruição, a privação ou uma qualidade dela, ou pelo fato de a produzirem ou gerarem, ou por serem termos relativos à substância, ou negações de um desses termos ou da própria substância.” (ARISTÓTELES, 1969, IV, 2, 1003 b 5, p. 87-88).

f) “[...] a mesma coisa pode ser ao mesmo tempo ‘ente’ e ‘não-ente’, porém não na mesma acepção de ‘ser’. Com efeito, a mesma coisa pode ser potencialmente dois contrários ao mesmo tempo, porém não atualmente.” (ARISTÓTELES, 1969, IV, 5, 1009 a 30-35, p. 101).

g) “[...] não é necessário que todas as potencialidades se atualizem.” (ARISTÓTELES, 1969, III, 6, 1003 a, p. 86).

h) “[...] o mesmo atributo não pode, ao mesmo tempo, pertencer e não pertencer ao mesmo sujeito com relação à mesma coisa [...].” (ARISTÓTELES, 1969, IV, 3, 1005 b 10-20, p. 92).

i) “[...] não pode haver um termo médio entre os contraditórios, mas de um só sujeito ou devemos afirmar, ou negar qualquer predicado que seja. Isto é claro pela própria definição do verdadeiro e do falso. Falso é dizer que o que é, não é, ou que o que não é, é; verdadeiro é dizer que o que é, é, e o que não é, não é; e assim quem afirma que uma coisa é, ou que não é, estará dizendo uma verdade ou uma falsidade; mas se houvesse um termo médio, nem do que é se diria que é, nem do que não é, que não é.” (ARISTÓTELES, 1969, IV, 7, 1011 b 20-25, p. 107).

j) “[...] a proposição verdadeira não é de modo nenhum a causa da existência da coisa, pelo contrário, é a coisa que parece ser, de algum modo, a causa da verdade da proposição, pois é da existência da coisa, ou da sua inexistência, que dependem a verdade e a falsidade da proposição.” (ARISTÓTELES, 1985, 12, 14 b, p. 105).



Saiba mais

Existem várias obras que podem ajudar a ampliar sua compreensão sobre o conflito ontológico estabelecido entre a teoria dos sofistas e a perspectiva de Sócrates, sobre a Ontologia idealista de Platão ou a Ontologia realista de Aristóteles. Por meio das seguintes referências, você pode saber mais sobre pelo menos um desses temas destacados:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. Categorias. In: **Organon**. Lisboa: Guimarães, 1985, v.1.

_____. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

BARNES, J. **Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

BITTAR, E. C. B. **Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri: Manole, 2003.

CASSIN, B. **Ensaio sofisticos**. São Paulo: Siciliano, 1990.

CHAUI, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. v.1.

DA SILVA, M. B. **Metafísica e assombro**: curso de Ontologia. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

DIÔGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.

GUTHRIE, W. K. C. **Os filósofos gregos**: de Tales a Aristóteles. Lisboa: Presença, 1987.

HUISMAN, D. **Dicionários dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JAEGER, W. **Pa ideia**: a formação do homem grego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**: história crítica com seleção de textos. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**: história da filosofia greco-romana. São Paulo: Mestre Jou, 1964. v. 1.

_____. **O pensamento antigo**: desde Aristóteles até os neoplatônicos. São Paulo: Mestre Jou, 1965. v. 2.

MOLINARO, A. **Léxico de metafísica**. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. **Metafísica**: curso sistemático. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

MORATÓ, J. C.; RIU, A. M. **Diccionario de filosofía en CD-ROM**. 2. ed. Barcelona: Herder, 1998.

MORENTE, M. G. **Fundamentos de filosofia**: lições preliminares. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

PLATÃO. **A república**: livro vii. Brasília/São Paulo: UnB/Ática, 1989.

_____. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Fedão**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **O sofista**. 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **Parmênides**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **Teeteto**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

REALE, G. **História da filosofia antiga**: das origens a Sócrates. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. v. 1.

_____. **História da filosofia antiga**: Platão e Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.

XENOFONTE. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. In: **Sócrates**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

UNIDADE 3

3

Ontologia cética, epicurista ou estóica?



Objetivos de aprendizagem

- Conhecer e compreender a posição ontológica do cético Pírron de Élis.
- Conhecer e compreender características da Ontologia materialista de Epicuro.
- Conhecer e compreender características da Ontologia estóica dos corpóreos e incorpóreos.
- Exercitar a análise e a síntese de pensamentos ontológicos.



Seções de estudo

- Seção 1** A perspectiva ontológica e cética de Pírron de Élis
- Seção 2** A Ontologia materialista de Epicuro
- Seção 3** A Ontologia estóica dos corpóreos e incorpóreos



Para início de estudo

Nesta unidade, você estuda três perspectivas ontológicas: a cética de Pírron; a materialista de Epicuro e a dos corpóreos e incorpóreos dos estóicos. Elas são contemporâneas ou pouco posteriores às Ontologias de Platão e de Aristóteles e circunscrevem um período histórico, político e cultural etc., denominado de Helenismo.

Uma ressalva precisa ser feita sobre este último aspecto. É sabido que, neste período, se, por um lado, a cultura grega é universalizada por meio do império construído por Alexandre, por outro lado, diversas culturas tornam-se conhecidas para os gregos. Ainda, se o império alexandrino restringe as reflexões e as participações políticas, a Ética ganha relevo como objeto filosófico em detrimento dos demais saberes e práticas. As Ontologias que permeiam o pensamento do cético Pírron, de Epicuro e dos estóicos, embora inéditas, encontram-se emaranhadas neste contexto.

Conheça-as a partir de agora. Bons estudos e boa aprendizagem. Lembre-se de que a pergunta do ontólogo versa sobre o que há!

Seção 1 – A perspectiva ontológica e cética de Pírron de Élis

O **ceticismo** nasce com Pírron de Élis (360-272 a.C.), perdura, na Antiguidade, até o século III d.C. – e, enquanto pensamento filosófico, não deve ser subestimado.

O ceticismo é uma escola que apresenta muitos e diferentes adeptos, tanto que podemos falar de várias versões de ceticismo. Assim, é lícito falar, por exemplo, na versão cética de Pírron, do pirronismo.



A atitude de Pírron, assim como a atitude dos céticos, não se refere a um simples “ignorar” todas as coisas, tal como muitos simplificam.

Pírron **questionou e investigou seriamente o que há, radicalizando com a dúvida.** Contudo, após aplicar e radicalizar a dúvida sobre o ser, sobre o ente, sobre a coisa, o pensador depara-se com a possibilidade de tanto afirmar quanto negar algo – de modo contraditório –, o que o impele de adotar a postura de **suspender o juízo.**



A atitude de suspensão do juízo diverge, claramente, do axioma da não-contradição aristotélico, uma vez que este axioma expressa ser possível, de modo determinado, afirmar ou negar um atributo relativo ao ser.

Lembre-se de que o axioma da não-contradição ainda expressa a possibilidade de haver a atribuição de um predicado a um sujeito, basicamente, como afirmação ou como negação, mas a impossibilidade de que esses dois tipos de proposição sejam proferidas ao mesmo tempo, considerando o mesmo ser e o mesmo atributo – pois isto seria contraditório.

Para Pírron, todas as perspectivas ontológicas, ao se comprometerem com uma tese ontológica, formulam dogmas, à medida que opiniões ou suposições sobre o que há são transformadas em teorias e em verdades. Por tal procedimento, o ceticismo de Pírron representa uma crítica a todas as perspectivas ontológicas anteriores.



Figura 3.1 – Pírron de Élis
Fonte: Pirro (2009).



Sobre o que há, Pírron expressa que as coisas são **indiferentes, imensuráveis e indiscrimináveis**. Logo, as coisas são caracterizadas como indeterminadas.

Por pensar que as coisas apresentam esta natureza nebulosa, veja que Pírron também diverge de inúmeras perspectivas ontológicas anteriores. Assim, para Pírron, considerar alguma coisa em si mesma, em essência, é um absurdo. Acerca deste aspecto “essencial”, observe que Pírron diverge, sobretudo, das Ontologias de Platão e de Aristóteles.



Por causa do estatuto das coisas, Pírron defende que os seres humanos lidam tão somente com a **aparência**, com o **fenômeno** das coisas.

Por tais considerações pirrônicas, **a verdade é considerada uma ilusão**. Embora a verdade não possa ser alcançada, admite-se a possibilidade de se falar de um **grau de credibilidade**.



Veja que, neste sentido, Pírron também discorda do axioma do terceiro-excluído de Aristóteles, uma vez que este “evidencia” o critério da verdade, considerando a definição de verdadeiro e a definição de falso. Ora, as definições de verdadeiro e de falso, por sua vez, decorrem da concepção de ser determinado, em que o ser é ou não é – o que, Pírron, obviamente, não aceita.

Dificuldade racional, problema de difícil solução.

Várias **aporias** evidenciam o caráter indeterminado do ente, conforme a perspectiva cética, impondo a atitude de suspender o juízo. Conheça aspectos de três dessas aporias – desenvolvidas pelo cético e pirrônico Enesidemo – seguidas de exemplos.

- a) Os seres humanos podem perceber de modo diferente as mesmas coisas.



Dada uma estátua, nós podemos vê-la de modo diferente, uma vez que, por exemplo, eu enxergo pouco e você a vê com nitidez. Eu posso afirmar que a estátua seja de São José e você pode negar que ela seja de São José.

- b) Um mesmo ser humano pode perceber uma mesma coisa de modo diferente.



Dada uma estátua, às vezes considero-a uma estátua grande, quando estou próximo dela; e, pequenina, quando me distancio. Eu posso, às vezes, afirmar que a estátua é bela e, às vezes, negar que a estátua seja bela.

- c) O contexto implica a impossibilidade de que uma coisa seja considerada pura, em si, uma vez que ela está sempre misturada, emaranhada nele.



Uma coisa é considerar a estátua de dia; outra, à noite; iluminada; na penumbra; sob o sol de verão; sob a chuva do outono; sob a neve do inverno etc. Também é preciso atentar para as outras coisas que estão em torno da estátua e imprimem movimento relativo ao quadro, como o voo dos pássaros ou o caminhar de cidadãos. Assim, a estátua de São José jamais pode ser apanhada em si mesma, uma vez que ela está sempre emaranhada em um contexto.

Por estes três aspectos aporéticos (obviamente, como já dito, há muitos outros), os céticos justificam o caráter indeterminado, fugidio, do ser.



Grosso modo, para Pírron, **tanto pelos sentidos quanto pela razão evidencia-se que não se pode apreender a coisa em si**, mas tão somente o fenômeno relativo à coisa, a aparência. Por outro lado, o hábito é visto como um norte em função do qual o homem pode agir no mundo.



Radicalizada a postura cética, é defendida, ainda, **a inexistência da causa do ser e a impossibilidade de movimento, de devir.**

A defesa da inexistência de causa do ser diverge de todas as perspectivas ontológicas anteriores que você estudou nesse livro didático. A defesa de impossibilidade de devir diverge da maioria das perspectivas ontológicas anteriores, embora esteja alinhada com a posição de Parmênides.



Saiba mais sobre a posição cética!

Três atitudes estão associadas à perspectiva cética e ontológica:

- **afasia** – atitude de não se pronunciar, de não afirmar ou negar algo, sobre as coisas;
 - **ataraxia** – atitude de manter-se imperturbável, mesmo considerando o caráter indeterminado das coisas; e
 - **Epoché** – atitude de suspender os juízos, diante da impossibilidade de haver certeza sobre as coisas.
-

O termo *epoché* é posterior a Pírron, mas significa, justamente, a suspensão dos juízos.



Na seguinte obra, você encontra alguns elementos para aprofundar o entendimento acerca da perspectiva ontológica de Pírron de Élís:

DIÔGENES LAËRTIUS. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Brasília: UnB, 1988.

Seção 2 – A Ontologia materialista de Epicuro

A Ontologia materialista de Epicuro (341-270 a.C.) é, às vezes, associada ao atomismo de Leucipo e de Demócrito. Contudo, é preciso atentar que Epicuro propõe algumas teses inéditas em relação às teses ontológicas atomistas primordiais, alterando-as ou indo além.

A Ontologia de Epicuro concerne à parte da filosofia que ele tratava como **Física** – teoria que versa sobre a natureza. As outras duas partes da filosofia epicurista são a **Canônica** – que versa sobre elementos doutrinários e epistemológicos – e a **Ética**, que versa sobre os modos de vida.

Entre os conceitos relativos à Ontologia de Epicuro, você encontra um de caráter máximo, amplo: o de universo.

Os elementos referentes à Física de Epicuro, referentes à Ontologia de Epicuro, encontram-se principalmente no seu texto intitulado *Carta a Heródoto*.



Para Epicuro, o **universo é infinito e abarca todas as coisas, tudo o que existe**. Ainda, o universo é regido por um princípio: **Nada surge do nada, nem se dissolve em nada**.

Epicuro, com esse princípio, não quer defender que nada existe, mas que nada pode ser inserido no universo ou extraído deste – além do que já existe. Com este princípio, o pensador procura justificar a **impossibilidade de criação assim como de perda de algo no universo**. A matéria é básica nesta perspectiva e considerada, pois, incriável e indestrutível – daí a associação desta Ontologia a um caráter materialista.

Nesta acepção, criar refere-se a produzir a partir do nada, e perder refere-se a deixar de existir.



Epicuro, com este princípio sobre o universo, não objetiva ignorar o devir, mas defender que o devir não implica começo absoluto ou fim absoluto de algo.

Tal concepção de devir e de universo está associada à tese de que **há sempre algo que permanece existente antes, durante e após o processo de devir**.

Antes de aprofundar o conhecimento sobre o devir epicurista e identificar o que permanece como existente, identifique os tipos de coisas existentes no universo.

Para Epicuro, o que existe no universo é basicamente:

- corpo; e
- espaço ou vazio.

Acompanhe as definições de corpo e de espaço (ou vazio), assim como breves considerações.

Existente enquanto corpo



Para Epicuro, **corpo é identificado com aquilo que tem matéria. Ou seja, a matéria é fundante para a existência do que tem corpo.** Por este entendimento, a Ontologia de Epicuro é costumeiramente qualificada como materialista.

Veja que, por tal compreensão, Epicuro “distancia-se” das Ontologias que privilegiam a forma ou a essência, tais como as Ontologias de Platão e de Aristóteles; e “se aproxima” das Ontologias que reconhecem a primazia da matéria, como as materialistas pré-socráticas – entre elas, com muito mais proximidade, a atomista.

O que é corpo, por sua vez, é distinto como:

- elemento ou átomo; e
- composto.

Elemento ou átomo



Elemento ou átomo é todo corpo, existente, tipo de ser mínimo, básico, que faz parte, constitui um corpo composto. **O átomo é o corpo que subsiste, o que permanece, quando um corpo composto é dissolvido** – eis o porquê da natureza fundamental do átomo.

Todo corpo classificado como elemento (átomo) é:

- **indivisível** – pois não pode ser mais dividido, literalmente;
- **sólido** – pois tem uma natureza material e, por consequência, apresenta forma, peso e grandeza (ou **tamanho**);
- **imutável** – pois não pode deixar de ser o tipo de ser que é;
- **móvel** – pois está continuamente em movimento, geralmente uniforme; e
- **eterno** – pois existe desde sempre e jamais deixará de existir.

O tamanho do átomo é ínfimo e, assim, este não é perceptível pela sensação.



Defende Epicuro que o número de corpos átomos que compõem o universo é infinito e que **há uma infinidade de átomos semelhantes para cada forma, mas as formas de átomo não são infinitas.**

Neste aspecto, Epicuro diverge de Leucipo e Demócrito, pois estes defendiam a infinidade de formas para o átomo.

Composto



Composto é todo corpo formado por mais de um átomo.

Todo corpo classificado como composto é:

- **divisível** – pois pode ser dividido, separado, em elementos;
- **sólido** – pois tem, como os átomos, uma natureza material e, por isto, forma, peso e grandeza (ou **tamanho**);
- **mutável** – pois está sujeito à mudança, ao devir; e
- **finito, limitado** – pois tem limites ou extremos.

O tamanho do composto é, de forma ontológica, sempre maior que o de um átomo. Os compostos podem ser, “geralmente”, percebidos pelos sentidos.

Muitos exemplos de corpos compostos, de corpos que são formados por átomos ou elementos, podem ser destacados. Veja alguns.



Sócrates é um corpo composto. Uma mesa é um corpo composto. Esse livro é um corpo composto. Uma estátua é um corpo composto. Você é, nesta perspectiva, um corpo composto.

Podemos identificar os corpos compostos, testemunhar o que existe como composto, basicamente, por meio da **sensação**. A sensação é, assim, para Epicuro, associada à verdade acerca da realidade. E o **raciocínio**, harmonizado em relação à sensação, permite-nos argumentar sobre aquilo que não é evidente à sensação.



Conforme a perspectiva ontológica epicurista, o **número de corpos compostos existentes no universo é finito**.

Existente enquanto espaço ou vazio



Espaço ou vazio é o lugar onde os corpos estão ou se movem. No vazio, os átomos movem-se com igual velocidade, e não se chocam com nada.

Epicuro defende que **o vazio existe no nosso mundo**. O vácuo ainda é pensado como finito em extensão.

Devir

Conforme o exposto, lembre-se de que nada pode ser criado ou perdido, embora se admita a possibilidade de mudança, de devir.



Os átomos e o espaço (vazio) são eternos, não podendo ser diferentes do que são. Por outro lado, os compostos são efêmeros, sujeitos a serem transformados, a serem diferentes do que são.

Logo, os corpos compostos estão sujeitos à mudança, ao devir, e a mudança do que é composto ocorre, basicamente, por transposição.



A **transposição** denota o processo em que os elementos que compõem um corpo podem ser separados ou reunidos. Assim, um corpo composto pode ter tanto elementos adicionados quanto elementos retirados.

Embora os átomos não possam deixar de ser o que são (sendo imutáveis), eles estão sempre em movimento, podendo se aproximar ou se afastar uns dos outros, contribuindo, assim, para a constituição ou desconstituição de um ser composto – o que Epicuro explica por meio da **tese do desvio dos átomos – ou *clinamen***.

***Clinamen* ou o desvio dos átomos**

Epicuro admite que o peso dos átomos contribua para mantê-los, natural e continuamente, em queda livre e retilínea.



Nesta perspectiva, se os átomos apenas caíssem de tal modo, provavelmente nunca se tocariam, não é mesmo?

Ora, Epicuro expõe que, além deste movimento natural e contínuo dos átomos para baixo, os átomos podem “**desviar**” uns dos outros e, ao fazê-lo, podem se **entrelaçar**.

Durante este movimento dos átomos, por estes serem sólidos, eles se chocam e são jogados para trás – desenvolvendo outra trajetória além do mero cair –, até a ocasião em que o entrelaçamento não anula mais os efeitos do choque.

Nesta acepção, um átomo pode ter outros átomos enlaçados ao seu redor, embora separados pelo vazio.



Com a tese do desvio dos átomos – ***clinamen*** – Epicuro justifica que os átomos podem se combinar, unindo-se, ou mesmo, separando-se.

Os atomistas Leucipo e Demócrito já haviam abordado colisões e entrelaçamentos dos átomos como justificativa para a formação de corpos perceptíveis. Porém, a tese do *clinamen* visa refinar a justificativa acerca da formação ou deformação de seres compostos, abordando algo ainda não considerado – a possibilidade de desvio.

Nesta perspectiva epicurista, o devir, a relação de causalidade não é entendida como vontade divina nem como puro determinismo, mas como choque constante, entrelaçamento processual eterno de átomos e de vazio e, conseqüente, constituição ou desconstituição de corpos compostos – sem que, nesse universo, nada novo surja ou se perca, absolutamente.

Possibilidade de outros mundos

Epicuro admite, ainda, a possibilidade de formação de inúmeros mundos, semelhantes ou diferentes em relação ao nosso. Todos os mundos, de modo análogo aos corpos compostos, estão sujeitos à mudança, embora esta seja variável em intensidade, podendo ser lenta ou veloz.

Explica Epicuro que a formação de um mundo, qualquer, não pode ocorrer no vazio ou no espaço puro, e requer, sempre, corpos compostos ou átomos.



Na seguinte obra, você encontra alguns elementos para aprofundar o entendimento acerca da perspectiva ontológica de Epicuro:

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.

Seção 3 – A Ontologia estóica dos corpóreos e incorpóreos

Assim como a escola do ceticismo, a escola estóica não se resume a um eminente pensador. Vários são os filósofos associados ao estoicismo, e dois não podem deixar de ser lembrados:

- d) Zenão de Cício (336-264 a.C.), por fundar a escola do Pórtico e propor suas teses fundamentais; e
- e) **Crísipo** (280-210 a.C.), por sistematizar e “aprimorar” aspectos fundamentais da doutrina estóica.

Por suas contribuições, Crísipo foi considerado o segundo fundador do estoicismo. Alguns historiadores, como Diôgenes Laércio, descreveram-no como o maior lógico da Antiguidade (atente que, nesta perspectiva, Crísipo foi considerado “maior” do que Aristóteles).



Aqui, nesse livro didático, a questão ontológica não será reduzida a este ou aquele estóico. Mas é preciso atentar que há sutilezas merecedoras de cotejamento aprofundado para cada um de seus expoentes pensadores, uma vez que esta escola perdurou por mais de 500 anos e não se conteve com uma perspectiva rígida, imutável.

Os estóicos estudaram questões ontológicas enquanto objetos da **Física**. Entenda tal Física em sentido amplo, próximo ao do que os pré-socráticos entendiam sobre *physis*, ou seja, de escopo amplo, que abarca todas as coisas existentes. Para os estóicos, a Física constitui uma parte fundamental de estudos da Filosofia que, por analogia, refere-se a uma das **pernas de um tripé**.

As outras duas partes desse tripé da Filosofia são a **Lógica** e a **Ética**. Para esta escola, as três temáticas – Física, Lógica e Ética – não devem ser pensadas isoladamente, mas intimamente, dependentes. Um exemplo estóico e difundido para expressar a inter-relação dessas temáticas é o de um simples ovo. O ovo, enquanto tal, é uma unidade. A união das partes constituintes desse ovo contribui para entendê-lo como unidade. As partes são assim compreendidas: a casca representa a Lógica; a clara representa a Ética; e a gema, o cerne, representa a Física.

Você sabe qual é o conceito mais abrangente da Ontologia estóica?



Para os estóicos, o conceito de maior abrangência ontológica é o de **algo, pois apanha tanto o que é existente quanto o que é subsistente (ou inexistente)**.

Acompanhe algumas considerações estóicas sobre algo, como:

- existente; e
- subsistente.

Algo que há enquanto existente: o corpóreo



O existente, para os estóicos, é aquilo que tem corpo. Tudo aquilo que apresenta corpo é denominado corpóreo. Cada um dos corpóreos, existentes, é considerado um indivíduo.

Há características gerais que constituem todo corpóreo. Basicamente, o que é corpóreo:

- **identifica-se com o ser, com o que existe** – ser e corpo são considerados idênticos;
- **pode existir tanto de modo denso quanto de modo sutil** – a densidade está associada à solidez do corpóreo, à identificação de três dimensões: comprimento, largura e altura, tais como as existentes em uma mesa, por exemplo. A sutileza refere-se à manifestação não tão evidente, mas existente em outro corpo, noutra corpo, quando, por exemplo, o corar-se de vergonha (um corpóreo) fica estampado no semblante de um ser humano (outro corpóreo). Os outros sentimentos humanos (alegria, tristeza, amor, ira etc.) também são considerados corpóreos sutis;
- **existe de modo determinado** – a determinação do que é corpóreo decorre de **dois princípios: um princípio passivo e um princípio ativo**;
- **é tudo aquilo que age, atua ou padece, enfim interage com outro corpóreo** – o corpóreo pode provocar ou ser provocado, atuar ou ser atuado, **padece** ou ser padecido – em relação a outro corpóreo; e
- **sujeita-se ao devir** – tudo que é corpóreo está sujeito ao devir. Contudo, sempre que muda, muda de modo determinado, pois, se deixa de ser um corpóreo, passa a ser outro corpóreo (ser que existe de modo determinado).

Você estuda estes princípios de determinação do que é corpóreo um pouco mais a frente.

Padece significa ser acometido, sofrer.

Como exemplo de corpóreos, há:



Sócrates, a alma, o ovo, a mesa, a noite, o dia, o computador, o livro, a palavra escrita ou falada etc.

Conheça agora os dois princípios de determinação do que existe como corpóreo.

Princípios de determinação do que é corpóreo

Para os estóicos, há dois princípios no mundo que são condições para a existência do que é corpóreo:

- **passivo** – representado pela matéria ou substância (sem qualidade); e
- **ativo** – representado pela razão divina.



Veja que a matéria, a substância, é um princípio do corpóreo, um substrato comum do que existe. Assim, a matéria é uma das condições para a existência do que é corpóreo. Observe que o outro princípio de determinação do que é corpóreo implica a admissão de uma “onipresença” divina, pois, em todas as coisas existentes, há um sopro divino.

Há quatro elementos materiais que podem constituir o corpóreo:

- **fogo** – considerado elemento quente e ativo;
- **ar** – considerado elemento frio e ativo;
- **água** – considerado elemento úmido e passivo; e
- **terra** – considerado elemento seco e passivo.



Estes quatro elementos não são considerados corpóreos, até que sejam informados pelo princípio ativo.

Devir e causalidade

Para os estóicos, **o devir** é pensado como perpétua mudança do que é corpóreo. Tal devir está associado à concepção de eterno retorno, isto é, uma **palingenesia**.



O eterno retorno, a palingenesia, significa que todas as coisas, e todos os acontecimentos, não são destruídos, mas são **regenerados**. Nesta acepção, as coisas naturais são geradas, desenvolvem-se e morrem – continuamente.

Assim, cada corpóreo que constitui o mundo está sujeito ao devir; à perpétua mudança; ao eterno retorno.



Para os estóicos, **o devir está sempre condicionado por uma relação específica: a relação de causalidade**. A causalidade é determinada **pela razão divina** (um dos princípios de determinação do que é corpóreo – que você conheceu há pouco), pelo princípio ativo que age sobre a matéria.

A causalidade eterna, divina – é identificada pelos estóicos de vários modos: Deus, mente, destino, Zeus etc. Contudo, só por ser “divina”, a causalidade não deve ser entendida como um simples “capricho”.



A causalidade estóica é compreendida como um **concatenamento universal, um ordenamento, um encadeamento** válido para todas as coisas corpóreas, para todas as coisas que existem.



O ordenamento causal é uma condição e um guia para a mudança dos corpóreos. Tal mudança não ocorre de modo aleatório, pois está sempre condicionada pelas propriedades mutáveis e inerentes dos corpóreos.

Lopes dos Santos (1999, p. 391) expõe que a concepção de destino estóica impõe a todos os acontecimentos um encadeamento causal sucessivo, inflexível. Assim, não há fatos contingentes, mas apenas a incapacidade humana de prever ou de reconhecer os estados do mundo, que ocorrem conforme uma “relação causal perfeita”.

Também **os acontecimentos** são ordenados, regidos, organizados conforme uma relação de causa e efeito, conforme **um encadeamento de acontecimentos, conforme uma concatenação universal**.

A causalidade é a razão em função da qual os acontecimentos passados, presentes e futuros estão encadeados. Encadeia-se passado e presente, além de presente e futuro, e, por associação, passado, presente e futuro.



Logo, **todas as coisas existentes e todos os acontecimentos estão concatenados universalmente**, em função de uma relação de causa e efeito.

A causalidade estoíca não deve ser entendida como determinismo puro ou simples, pois há duas propriedades sutis, que especificam:

- a não-determinação causal total de todos os efeitos, pois a causalidade, embora inexorável, é variável em intensidade; e
- a possibilidade de que a relação causal seja exercida não necessária e diretamente pela razão divina, Deus, destino, natureza, providência, mas, também, possível e indiretamente, por um simples corpóreo.

Especificidade, individualidade, do que é corpóreo

Outra tese inédita do estoicismo refere-se ao reconhecimento da individualidade, da especificidade, daquilo que é corpóreo.



Cada corpóreo que compõe o mundo é considerado único, particular, singular, individual – em função das qualidades próprias que o distinguem e constituem.

Mesmo que haja semelhança entre mais de um corpóreo, os estóicos defendem a inexistência de identidade entre os mesmos. Veja os exemplos.



Mesmo que dois ovos assemelhem-se, eles não são idênticos, uma vez que representam, cada um, um indivíduo específico. Mesmo que dois homens gêmeos assemelhem-se, eles não são idênticos, pois são constituídos por certas singularidades, próprias de um indivíduo, de um algo específico.

Os dois princípios de determinação do que é corpóreo (passivo [matéria ou substância], ativo [razão divina]) garantem a individualidade, a unicidade, de cada um dos corpóreos. O encadeamento causal também permite compreender a especificidade das coisas (em função da origem, uma vez que o algo, enquanto efeito, tem sempre uma causa específica, situada temporalmente).



Vistas estas considerações estóicas, será que tudo é corpóreo?

Não, nem tudo, pois há quatro tipos de coisas que não são corpóreos. Neste sentido, eles são pensados como incorpóreos. Acompanhe.

Algo que há enquanto subsistente (inexistente): o incorpóreo



Os estóicos consideram o incorpóreo como algo subsistente (inexistente), pois não tem corpo. Ainda, os incorpóreos subsistem tão somente em nossas mentes ou em nossas expressões.

Um incorpóreo – uma vez que não tem corpo – não pode agir, nem atuar, nem padecer, nem interagir com corpóreos nem mesmo com outro incorpóreo. Logo, **os incorpóreos não estão sujeitos ao devir.**



Uma vez que os incorpóreos não estão sujeitos à mudança, os estóicos os definem como subsistentes determinados. A determinação do incorpóreo decorre da impossibilidade de ser diferente do que já é.

Como já dito, são apenas quatro os tipos de incorpóreos. Acompanhe os tipos de incorpóreos e algumas considerações sobre eles:

- o exprimível;
- o vazio;
- o espaço; e
- o tempo.

O exprimível

Exprimível é o “conteúdo” ligado ao significante e ao referente nomeado. O referente nomeado do exprimível é o objeto, a coisa, algo. O significante é o que carrega o exprimível, é uma palavra escrita, ou falada. Veja um exemplo.



Considere a palavra: “Sócrates”. A palavra é o significante. Sócrates é indivíduo, o referente nomeado. O conteúdo, o exprimível, é o que pensamos quando pronunciamos a palavra “Sócrates” associada ao referente “Sócrates” e que, obviamente, é diferente desta palavra e deste referente.

Assim, veja que o exprimível é considerado incorpóreo, enquanto o significante e o referente nomeado são considerados corpóreos.

A proposição é considerada pelos estóicos como um tipo de **exprimível**. Acompanhe a definição de proposição estóica.

Bréhier (1967, p. 20-21) explica que conteúdo da proposição não é algo corpóreo, mas algo incorpóreo que só subsiste no pensamento.



A proposição estóica é um **exprimível (e, assim, um incorpóreo)** completo e preciso em significação, avaliável como verdadeiro, ou falso; e correlata aos pensamentos de quem a expressa.

A proposição estóica sempre expressa um **acontecimento**, um evento, incorpóreo – tal como a expressão: “Sócrates corre.”

O vazio

os estóicos defendem a não-existência de vazio no mundo. Por outro lado, o vazio subsiste ao redor do mundo, como condição para o mundo “dilatar” para além do que já é.

Observe que os estóicos diferem, aqui, da teoria epicurista, pois Epicuro reconhece o vazio como existente nos corpos elementares ou compostos, como existente “nos” mundos.

O espaço

O espaço é definido como um intervalo ocupado por um corpóreo.

O tempo

O tempo é definido como um intervalo do movimento. Já os acontecimentos ocorrem no mundo sem serem afetados pelo tempo. Outra particularidade acerca do tempo estóico está em não privilegiar o antes nem o depois, mas o agora.

Para finalizar os estudos desta seção, conheça mais algumas considerações sobre a Ontologia estóica, referentes ao significado de mundo e a uma classificação categorial.

Exprimível

Gazolla (1999, p. 107) observa que os acontecimentos que são julgados, por meio de proposições estóicas, não são as próprias coisas, mas algo que se desprendem destas. Frede (1994, p. 114-115) explica que, embora os termos que compõem a proposição estóica possam nomear algo corpóreo, todo evento, fato, acontecimento expresso em tal proposição, é algo incorpóreo.

Acontecimento

Neves (1987, p. 81) explica que o fato, o evento, enquanto resultado de atividades de corpóreos, sempre é algo incorpóreo.

O vazio

Observe que os estóicos diferem, aqui, da teoria epicurista, pois Epicuro reconhece. Observe que os estóicos diferem aqui, da teoria epicurista, pois Epicuro reconhece o vazio como existente nos corpos elementares ou compostos, como existente “nos” mundos.

Espaço

Observe que os estóicos diferem aqui, da teoria epicurista, pois Epicuro reconhece o espaço ou o vazio como sinônimos, como algo existente, enquanto os estóicos pensam o vazio e o espaço como distintos e subsistentes.

Mundo

Entre os conceitos da Física estoíca, também há o de mundo. São três os sentidos básicos de mundo (BRUN, 1986, p. 47-48):

- **divindade** – indestrutível e ordenadora;
- **fogo criador** – condição para o ser e a mudança; e
- **natureza** – o que contém todas as coisas.



Veja que mundo, natureza, Deus, fogo criador são identificados, contribuindo para uma **perspectiva onto-teo-lógica pan-naturalista**. Embora o foco de nossos estudos, nessa disciplina, seja o ser, o ente, não há como tratar a Ontologia estoíca sem escapar desse reconhecimento.

Categorias estoícas

Os estoícos propõem uma tábua de categorias, de gêneros supremos, pertinentes a sua Física, pertinentes a algo. São quatro as categorias:

- **substância, substrato** (categoria corpórea) – reconhecendo a importância da matéria;
- **qualidade** (categoria corpórea) – reconhecendo aquilo que permite diferir a matéria, reconhecer a diferença entre seres particulares;
- **a maneira de ser** (categoria incorpórea) – reconhecendo o modo de existir de um ser, de caráter exterior – mas sem existência real; e
- **a relação** (categoria incorpórea) – reconhecendo a relação de algo ou de acontecimentos, de caráter exterior – mas sem existência real.



Observe que as categorias estóicas permitem lidar com o que existe (corpóreo) e com o que subsiste (incorpóreo). Assim, elas se diferenciam das categorias aristotélicas, uma vez que estas lidam, primordialmente, com o que existe assim como com os atributos deste existente.



Na seguinte obra, você encontra alguns elementos para aprofundar o entendimento acerca da perspectiva ontológica dos estóicos:

DIÔGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.

Observe que, nas três seções desta unidade, esta mesma referência foi sugerida.



Síntese

Nesta unidade, você estudou três perspectivas ontológicas helênicas: a posição ontológica e cética de Pírron de Élis; a Ontologia materialista de Epicuro; e a Ontologia estóica dos corpóreos e incorpóreos.

Com a posição ontológica e cética de Pírron de Élis, você identificou uma crítica radical sobre o ser. O caráter indeterminado deste implica a possibilidade de tanto afirmar quanto negar algo sobre ele, evidenciando um caráter contraditório. Por tal motivo, Pírron adota a atitude de suspender o juízo.

Pírron também critica todas as posições qualificadas como dogmáticas. Várias aporias céticas são levantadas, evidenciando o caráter nebuloso do que há.

Para Pírron, muito antes do ser há o fenômeno, a aparência. Neste sentido, a essência, a verdade e mesmo qualquer axioma que tenha a pretensão de delimitar o ser são considerados

absurdos. A radicalização desta perspectiva defende a inexistência de uma causa do ser assim como a inexistência de um devir.

Você também estudou a Ontologia materialista de Epicuro. Assim, identificou o universo como o escopo de maior amplitude, que aborda as coisas existentes; que aquilo que existe é corpo ou espaço (vazio); e que os corpos são distintos como elementos (átomos) ou compostos.

O corpo elementar caracteriza-se como indivisível, sólido, imutável, móvel e eterno, enquanto o corpo composto é pensado como divisível, mutável, finito ou limitado. O vazio ou espaço é pensado como “onde”, local, em que um corpo está ou move-se.

Você viu que corpo é tudo aquilo que apresenta matéria; que os átomos e o espaço (vazio) são eternos e não estão sujeitos ao devir; enquanto os corpos compostos estão sujeitos ao devir, sendo, pois, efêmeros.

Ainda estudou que os átomos são os corpos que subsistem quando ocorre um processo de devir, uma transposição, em relação a um ser composto.

Ainda identificou a tese do *clinamen* – a de que os átomos podem desviar. Também viu a possibilidade de formação de semelhantes ou diferentes mundos, constituídos, necessariamente, por seres compostos e ou átomos.

Você identificou que a Ontologia estóica, investigada pela Física, adota o conceito de algo como o de maior amplitude, para falar do que há. Algo aborda o que existe e o que subsiste, respectivamente, como corpóreo e incorpóreo.

Estudou que o corpóreo existe de modo denso ou sutil, age ou padece, pode interagir com outro corpóreo, e está, enfim, sujeito ao devir. O corpóreo é determinado por dois princípios: a matéria ou substância (princípio passivo) e a razão divina (princípio ativo). Por outro lado, você viu que nenhum incorpóreo está sujeito ao devir e que este é determinado uma vez que não pode ser algo diferente do que já é. Também identificou os quatro tipos de incorpóreos: o exprimível, o vazio, o tempo e o espaço.

Viu que a concatenação universal refere-se ao modo estóico de compreender a relação de causalidade e que a palingenesia refere-se ao eterno retorno de todas as coisas, não o fim, mas a regeneração contínua delas.

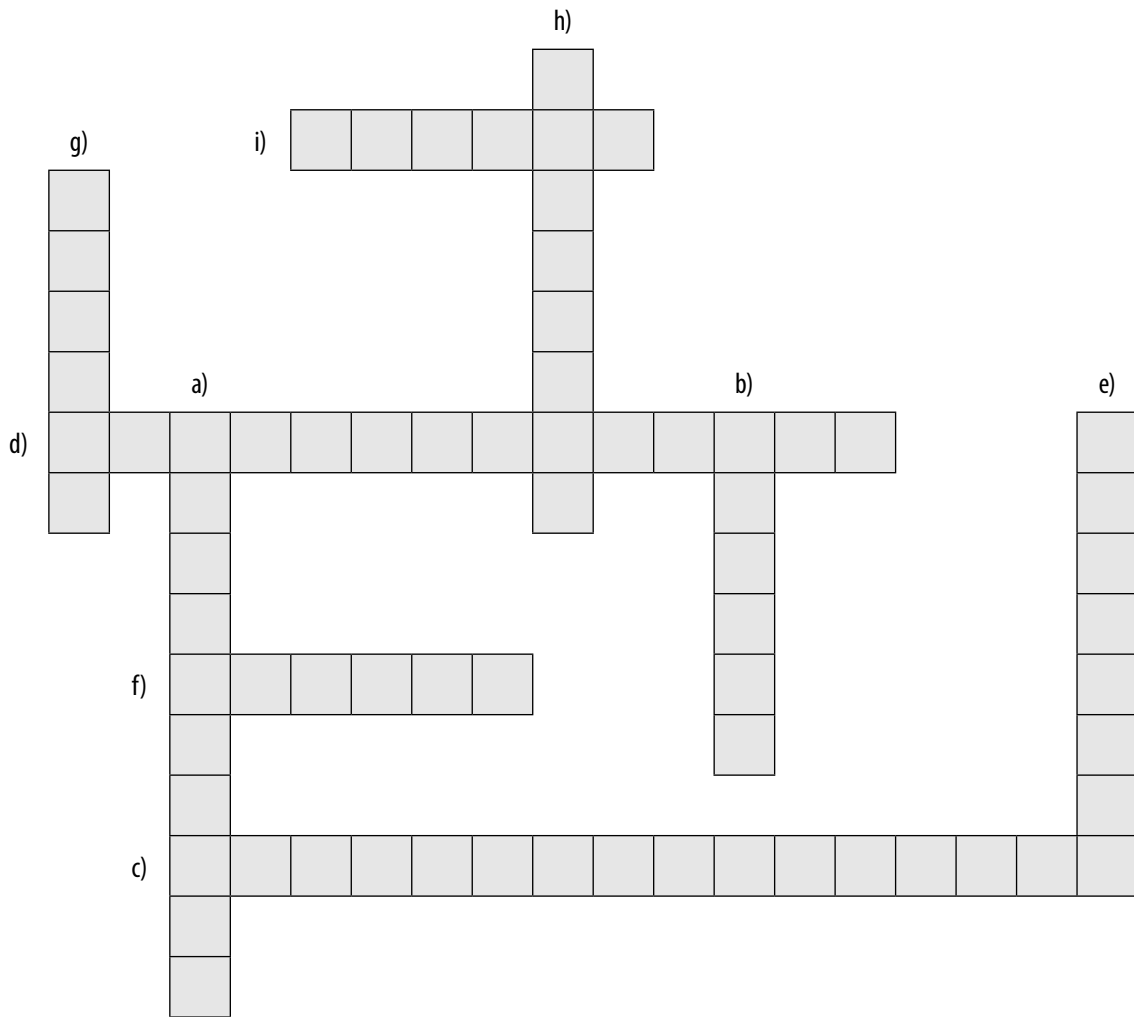
Também estudou que a Ontologia estóica está marcada por uma perspectiva onto-teo-lógica pan-naturalista e que as categorias estóicas permitem lidar com o que há e com o que não há.



Atividades de autoavaliação

Ao final de cada unidade, você realizará atividades de autoavaliação. O gabarito está disponível no final do livro-didático. Mas esforce-se para resolver as atividades sem ajuda do gabarito, pois, assim, você promoverá (estimulará) a sua aprendizagem.

- 1) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à perspectiva cética e ontológica de Pírron.
 - a) Denominação atribuída a todo sistema filosófico que transforma opiniões e hipóteses em teorias.
 - b) Atitude primeira do cético em relação ao que há.
 - c) Atitude cética consequente da dúvida e do posterior encontro de teses afirmativas e negativas sobre um mesmo aspecto do que há (também denominada de *epoché*).
 - d) Qualidade comum das coisas, consequente delas serem indiferentes, imensuráveis e indiscrimináveis.
 - e) Termo que expressa aquilo que aparece, relativo ao que há.
 - f) Tipo de problema levantado pelos céticos, que procura evidenciar o caráter fugidio do que há.
 - g) Postura cética relativa ao não se pronunciar sobre as coisas.
 - h) Postura cética pertinente ao manter-se imperturbável, mesmo diante da indeterminação das coisas.
 - i) Norte para a ação, uma vez que os sentidos e a razão estão sujeitos a dúvidas.



2) Os trechos seguintes referem-se à posição ontológica e cética de Pírron de Élis. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da posição ontológica e cética de Pírron de Élis.

a) “[...] Pírron introduziu e adotou os princípios do agnosticismo e da suspensão do juízo [...] afirmava que nada é honroso ou vergonhoso, nada é justo ou injusto, e aplicava igualmente a todas as coisas o princípio de que nada existe realmente, sustentando que todos os atos humanos são determinados pelos hábitos e pelas convenções, pois cada coisa não é mais isto do que aquilo.” (DIÓGENES LAËRTIUS, 1988, IX, 11, 61, p. 267-268).

b) “[...] Chamam-se céticos os que indagam e nunca chegam a uma conclusão [...]”. (DIÓGENES LAËRTIUS, 1988, IX, 11, 70, p. 270).

c) “[...] os cétricos eliminavam também a sentença ‘não mais’. Com efeito, da mesma forma que a previdência não é mais existente do que inexistente, ‘não mais’ não é mais existente do que inexistente [...] ‘A toda proposição contrapõe-se outra’, implica igualmente a suspensão do juízo; realmente, quando os fatos são contraditórios entre si e os juízos relativos são contraditórios e **equipolentes**, segue-se necessariamente à ignorância da verdade.” (DIÓGENES LAÉRTIUS, 1988, IX, 11, 76, p. 272).

Equipolente significa equivalente, significa ter a mesma força persuasiva.

d) “Segundo os cétricos, as coisas não são na realidade como parecem ser, mas são meras aparências.” (DIÓGENES LAÉRTIUS, 1988, IX, 11, 77, p. 272).

e) “A doutrina pirroniana [...] consiste na indicação dos fenômenos e de tudo que é conhecido de um modo qualquer pelo pensamento, e, segundo ela, todas as coisas se relacionam entre si e no confronto se revelam muito anômalas e confusas. Quanto às contradições dos pontos de vista em suas dúvidas ou na consideração crítica das coisas, ela em primeiro lugar mostrava os diversos modos em que as coisas manifestam força persuasiva, para depois destruir a crença nas mesmas, usando os mesmos métodos. Têm força persuasiva os fenômenos que segundo a percepção sensível estão de acordo entre si e tudo que nunca ou raramente sofre uma mutação e, além disso, tudo que é habitual ou disposto pelas leis e tudo que suscita prazer ou admiração. Os pirronianos demonstravam que as considerações, contrapostas àquelas relativas às coisas dotadas de força persuasiva, têm por si um grau de credibilidade.” (DIÓGENES LAËRTIUS, 1988, IX, 11, 78-79, p. 272).

f) “Os céticos chamam os filósofos dogmáticos de **estultos**, observando que aquilo que se conclui por hipótese é descrito propriamente não como investigação, mas como uma mera suposição [...]” (DIÓGENES LAËRTIUS, 1988, IX, 11, 91, p. 275).

Estulto significa tolo, estúpido, insensato etc.

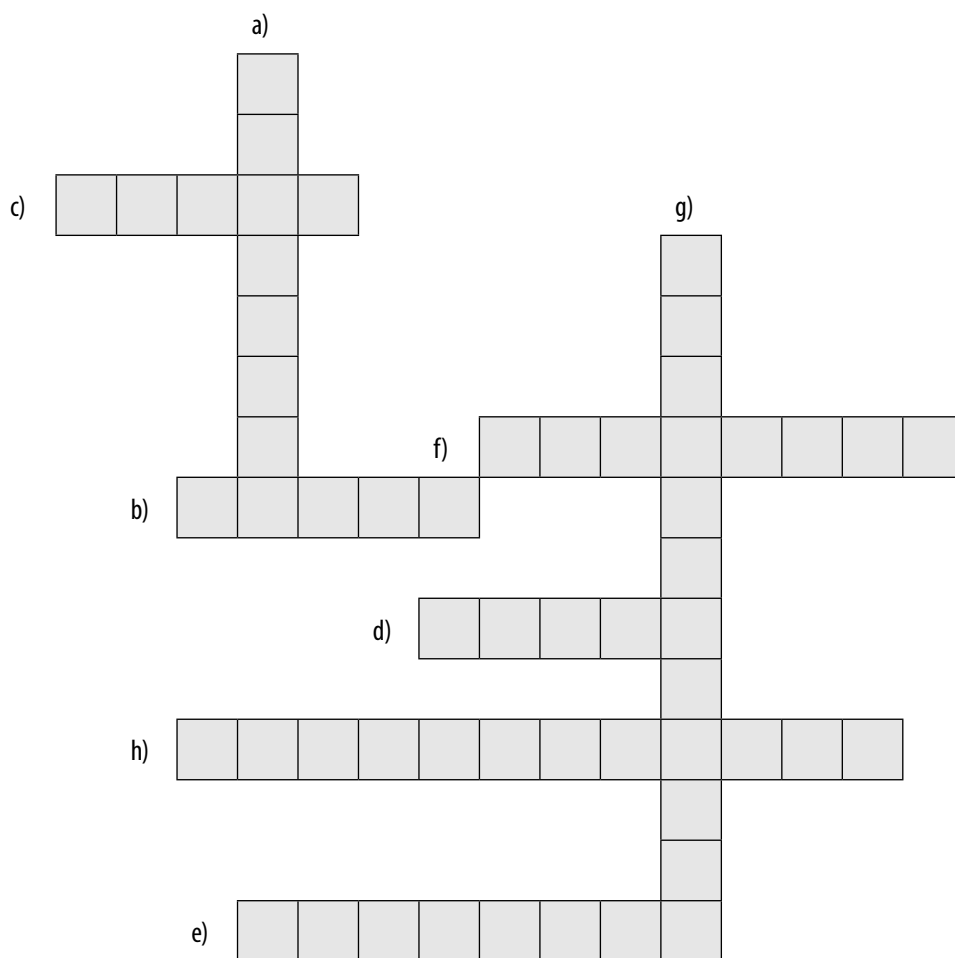
g) “Os meios para julgar são os sentidos ou a razão, mas tanto eles quanto ela estão sujeitos a dúvidas.” (DIÔGENES LAËRTIUS, 1988, IX, 11, 92, p. 276).

h) “[...] Pírron mostra que as coisas são igualmente indiferentes, imensuráveis e indiscrimináveis e, por isso, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões podem ser verdadeiras ou falsas [...] Por consequência, não se lhes deve dar confiança, mas é preciso ser sem opinião, sem inclinação, sem agitação, afirmando que cada coisa que é não mais do que não é, ou que é e que não é, ou ainda que nem é nem não é [...] Os que se põem nessa disposição conseguirão [...] a afasia, e depois a ataraxia.”. (ARISTOCLES, 6 apud REALE, 2002, p. 402).

3) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à Ontologia materialista de Epicuro.

- a) Âmbito máximo que abrange todas as coisas.
- b) Tipo de existente básico que apresenta matéria.
- c) Tipo de existente básico que não apresenta matéria – sinônimo de espaço.

- d) Corpo subsistente ao devir, imutável, indivisível, sólido, móvel e eterno – sinônimo de elemento.
- e) Corpo divisível, sólido, mutável, finito, limitado.
- f) Denominação da concepção epicurista de que os átomos desviam.
- g) Denominação do processo em função do qual os elementos que compõem um corpo podem ser separados ou reunidos.
- h) Qualificação atribuída à Ontologia de Epicuro, por considerar a matéria dos corpos como fundante para tal existência.



4) Os trechos seguintes referem-se à Ontologia materialista de Epicuro. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da Ontologia de Epicuro.

a) “[...] nada provém do nada, pois que então tudo nasceria sem necessidade de sementes. E, se se dissolvesse no nada tudo o que desaparece, todas as coisas seriam destruídas, anulando-se as partes nas quais se decompunham. E também é certo que o todo foi sempre tal como é agora e será sempre assim, pois nada existe nele que possa mudar-se. Com efeito, mais além do todo não existe nada que penetrando nele produza a sua transformação.” (EPICURO, 1988, p. 15).

b) “Também o universo é corpo e espaço: com efeito, a sensação testemunha em todos os casos que os corpos existem e, conformando-nos com ela, devemos argumentar com o raciocínio sobre aquilo que não é evidente aos sentidos. E se não existisse o espaço, que é chamado vazio, lugar e natureza impalpável, os corpos não teriam onde estar nem onde mover-se.” (EPICURO, 1988, p. 15).

- c) "Alguns corpos são compostos, e outros elementos dos compostos; e estes últimos são indivisíveis e imutáveis, visto que alguma coisa subsista na dissolução dos compostos; se assim não fosse, tudo deveria dissolver-se em nada. São sólidos por natureza, porque não têm nem onde nem como dissolver-se. De maneira que é preciso que os princípios sejam substâncias corpóreas e indivisíveis." (EPICURO, 1988, p. 15).

- d) "Não é necessário supor que num corpo limitado existam corpúsculos em número infinito nem de qualquer tamanho. Por conseguinte, não só devemos excluir a divisão ao infinito, em partes cada vez menores para não privarmos o todo da capacidade de resistência e nos vemos constrangidos, na concepção dos compostos, a reduzir os seres ao nada mediante a compressão, como também não deve supor-se que nos campos limitados exista a possibilidade de continuar passando até o infinito a partes cada vez menores. Porque, se se afirma que num corpo existem corpúsculos em número infinito e em todos os graus de pequenez, é impossível conceber como terminaria isto, e então como poderia ser limitada a grandeza de cada corpo? Qualquer que fosse a grandeza dos corpúsculos, também seria infinita a grandeza dos corpos." (EPICURO, 1988, p. 15).

e) “Os átomos têm uma inconcebível variedade de formas, pois que não poderiam nascer tantas variedades se as suas formas fossem limitadas. E, para cada forma, são absolutamente infinitos os semelhantes, ao passo que as variedades não são absolutamente infinitas, mas simplesmente inconcebíveis.” (EPICURO, 1988, p. 15).

f) “E deve supor-se que os átomos não possuem nenhuma das qualidades dos fenômenos, exceto forma, peso e grandeza e todas as outras que são necessariamente intrínsecas à forma. Porque toda qualidade muda, mas os átomos não mudam, visto que é necessário que na dissolução dos compostos permaneça alguma coisa de sólido e de indissolúvel que faça realizar as mudanças, não no nada ou do nada, mas sim por transposição.” (EPICURO, 1988, p. 16).

- g) "E o todo é infinito, pois o finito tem um limite extremo e o limite extremo se considera com referência a outro, visto que não tendo extremo não tem limite e não tendo limite é infinito e não limitado. Além disso, o universo também é infinito pela multidão dos corpos e pela extensão do vazio."(EPICURO, 1988, p. 16).

- h) "Os átomos encontram-se eternamente em movimento contínuo, e uns se afastam entre si uma grande distância, outros detêm o seu impulso, quando ao se desviarem se entrelaçam com outros ou se encontram envolvidos por átomos enlaçados ao seu redor. Isto o produz a natureza do vazio, que separa cada um deles dos outros, por não ter capacidade de oferecer resistência. Então a solidez própria dos átomos, por causa do choque, lança-os para trás, até que o entrelaçamento não anule os efeitos do choque. E este processo não tem princípio, pois são eternos os átomos e o vazio." (EPICURO, 1988, p. 16).

i) "É, além disso, necessário que os átomos se movam com igual velocidade quando avançam no vazio sem que se choquem com coisa alguma; com efeito os pesados não se moverão mais velozmente do que os pequenos e leves."(EPICURO, 1988, p. 16).

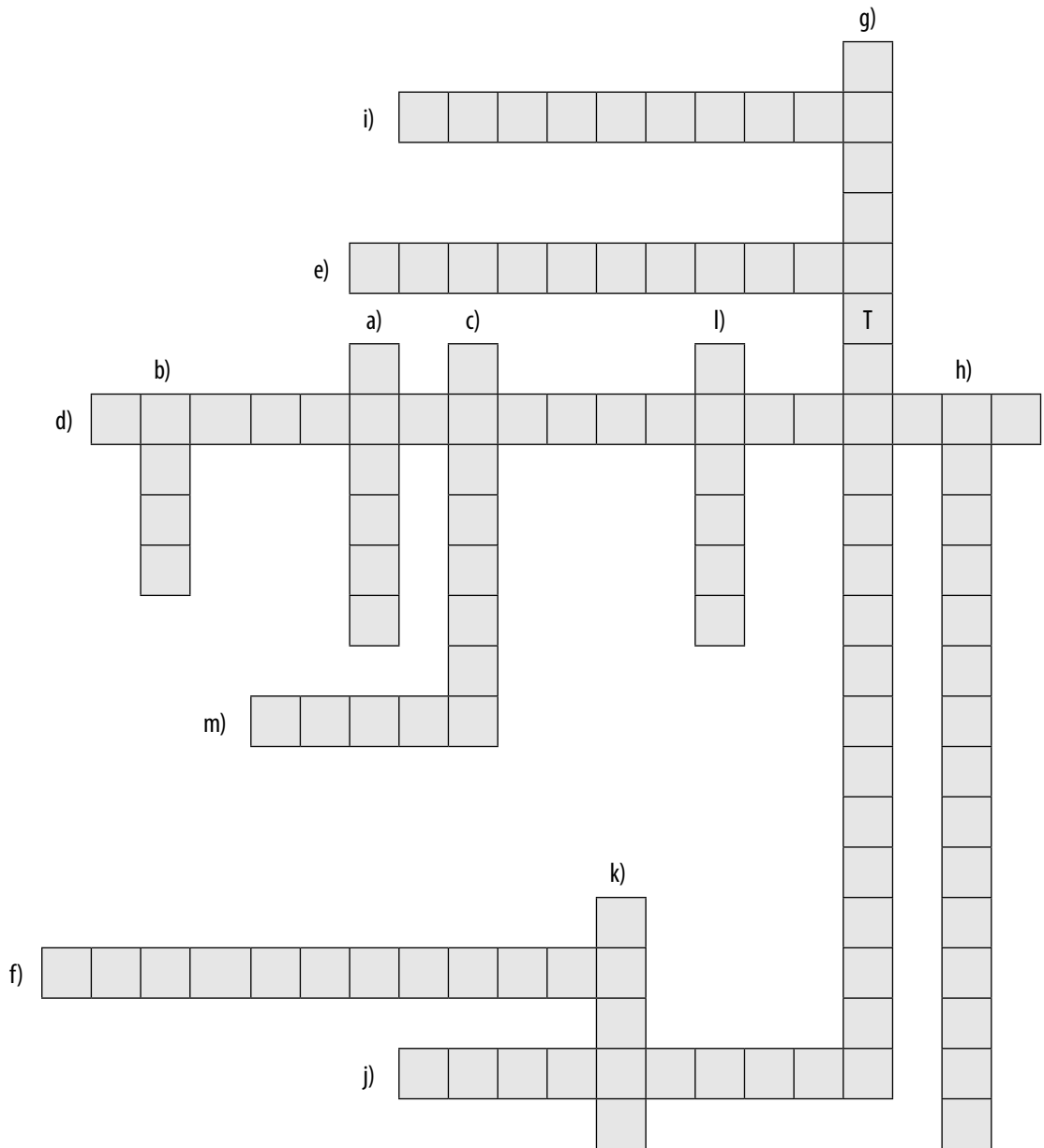
j) "Pensa (Epicuro) que os corpos indivisíveis e sólidos são arrastados em queda retilínea pelo peso, e que este é o movimento natural dos corpos [...]". (CÍCERO, De fin, I, 6, 18, MONDOLFO, 1965, Livro IV, Cap. II, III, 6, p. 103).

k) “[...] objetando que se todos fossem atraídos para baixo em linha reta, como já se disse, jamais aconteceria que um átomo pudesse tocar em outro [...] introduziu uma novidade e disse que o átomo pode sofrer um desvio de uma mínima quantidade [...] e assim formam-se as combinações, uniões e adesões dos átomos [...]”. (CÍCERO De fin, I, 6, 18, MONDOLFO, 1965, Livro IV, Cap. II, III, 6, p. 103).

l) “Há também mundos infinitos, ou semelhantes a este ou diferentes. Com efeito, sendo os átomos infinitos em número, como já se demonstrou, são levados aos espaços mais distantes. Realmente, tais átomos, dos quais pode surgir ou formar-se um mundo, não se esgotam nem em um nem em um número limitado de mundos, quer sejam semelhantes quer sejam diversos destes. Por isso nada impede a infinidade dos mundos.”(EPICURO, 1988, p. 16).

m) "Todos se dissolvem de novo, alguns mais lentamente e outros mais rapidamente, sofrendo um umas ações e outros outras."(EPICURO, 1988, p. 16).

- 5) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à Ontologia estóica.
- a) Campo de investigação básico que abarca tudo que há.
 - b) Conceito da Ontologia estóica que aborda o que existe e o que subsiste.
 - c) Denominação atribuída a algo que tem corpo, que é existente, que está sujeito ao devir.
 - d) Princípio passivo de determinação do que tem corpo e é existente.
 - e) Princípio ativo de determinação do que tem corpo e é existente.
 - f) Concepção de eterno retorno, de perpétua mudança do que tem corpo e existe, de que todas as coisas e acontecimentos não são destruídos, mas regenerados.
 - g) Modo amplo e inexorável de compreender a causalidade.
 - h) Caráter próprio do que tem corpo e existe, que o distingue e o constitui.
 - i) Denominação atribuída a algo que não tem corpo, que é subsistente, que não está sujeito ao devir.
 - j) Tipo de subsistente relacionado ao significante e ao referente, entendido como conteúdo deste nexa.
 - k) Tipo de subsistente que não existe no mundo, mas subsiste além dele.
 - l) Tipo de subsistente definido como o intervalo ocupado por um corpóreo.
 - m) Tipo de subsistente definido como intervalo do movimento.



6) Os trechos seguintes referem-se à Ontologia estóica que versa sobre corpóreos e incorpóreos. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da Ontologia estóica.

a) “Os estóicos querem estabelecer sobre este [o existente] ainda outro, um gênero mais primário... Alguns estóicos consideram ‘algo’ o primeiro gênero, e eu devo acrescentar razões pelas quais eles o fazem. Na natureza, eles dizem, algumas coisas existem, algumas não existem.” (SENECA, Letters, 58.13-15 (SVF 2.332, part) apud **LONG; SEDLEY**, 1995, 27, A, p. 162).

Todas as citações de Long e Sedley utilizadas nesta unidade foram traduzidas pelo autor deste livro didático.

b) “Mas eles fogem da dificuldade legislando para si mesmos que ‘existente’ é dito somente de corpóreos; pois neste solo eles dizem que ‘algo’ é mais genérico que aquele, sendo predicado não somente de corpóreos, mas também dos incorpóreos.” (ALEXANDER, On Aristotle’s Topics, 301, 19-25 (SVF 2.329) apud **LONG; SEDLEY**, 1995, 27, B, p. 162).

c) “[...] a palavra é corpo, pois tudo o que age e atua é corpo; ora, a palavra age e atua, porque a ouvimos e sentimos quando nos chega ao ouvido... Além disso, tudo o que se move e altera é corpo [...]” (AÉCIO, Placita, IV, 20, 2 apud MONDOLFO, 1965, Livro IV, Cap. III, III, 1, p. 126).

d) “O que age é um corpo. O bem age sobre a alma e, de certo modo, forma-a, dirige-a, atividades, estas, próprias de um corpo. Os que são bens do corpo são corpo. Portanto, o são também os que são próprios da alma. De fato, também esta é um corpo. O bem do homem é necessariamente corpóreo, enquanto ele é dotado de corpo. Eu mentiria se dissesse que tudo o que o alimenta, o conserva, restitui-lhe a saúde não é corpo; portanto, também o seu bem é um corpo. Não penso que poderias duvidar do fato de serem corpo as paixões [...] como, por exemplo, a ira, o amor, a tristeza: se duvidas, pensa como elas nos fazem mudar o rosto, como nos fazem enrugam a fronte, como tornam serena a face, como nos fazem enrubescer e como nos fazem empalidecer. E então? Por que pensa que estes sinais tão manifestos são provocados no corpo, senão por um corpo? Se as paixões são um corpo, o são também os males da alma: avareza, crueldade, vícios inveterados, que chegaram a ponto de não poder mais ser curados. Portanto, são corpos também a iniquidade e todas as suas formas, a maldade, a inveja, a soberba. Segue-se daí que também os bens são corpos, em primeiro lugar porque estão em contraste com aqueles, depois porque dão-te os mesmos indícios [...] São corpos, portanto, os que mudam a cor e o aspecto dos corpos e agem sobre eles como se fossem seu domínio [...] Todas essas coisas que citei não poderiam determinar mudanças num corpo se não o tocassem; portanto são corpóreas.” (SÊNECA, Epist. ad Lucilium, 106, 2 (= von Arnim, S.V.F., III, 84) apud REALE, 2002, p. 300).

e) "Eles [os estóicos] pensam que há dois princípios do universo, um que é ativo, que atua sobre, e o outro que é passivo, sob qual é atuado. O que é passivo é qualificado de substância, i.e., matéria; o que é ativo é a razão [logos] nesta, i.e., Deus. Pois este, visto que é eterno, constrói toda simples coisa em toda a parte e em toda a matéria." (DIÔGENES LAËRTIUS, 7.134 (SVF 2.300, part, 2.299) apud LONG; SEDLEY, 1995, 44, B, p. 268).

f) "[...] a substância [...] está sujeita a mudança. Suas partes são mudadas, mas elas não perecem de forma que sejam destruídas de algo em nada. Mas como no caso de inumeráveis bons modelos de cera, assim [...] não haveria formas ou modelos ou qualquer qualidade de nenhuma maneira intrínseca a matéria, a qual é a base de todas as coisas; ainda que esta sempre esteja unida e inseparavelmente conectada com alguma ou outra qualidade. E desde que esta é igualmente sem origem ou perecimento, porque esta não surgiu de algo não-existente e não perecerá em nada, a esta não falta sopro e vitalidade pela eternidade, configura-se na realidade em movimento, algumas vezes inteiramente, noutras vezes considerando-se suas partes." (CALCIDIOS, 292 (SVF 1.88 part) apud LONG; SEDLEY, 1995, 44, D, p. 269).

g) “Os filósofos estóicos... enumeram quatro espécies dos incorpóreos: o exprimível, o vácuo, o lugar e o tempo.” (SEXTO EMPÍRICO, *Adversus mathematicus*, X, 218 apud MONDOLFO, 1965, Livro IV, Cap. III, III, 1, p. 126).

h) “Os estóicos defendem [...] que três coisas estão ligadas conjuntamente, ‘o exprimível, ‘o significante’, e ‘o que porta o nome’. O significante é uma expressão [um signo], por exemplo, ‘Díon’; o exprimível é um estado atual de ocorrência revelado pela expressão, o qual nós apreendemos como subsistente de acordo com nosso pensamento, apesar de que ele não é entendido por aqueles cuja linguagem é diferente, ainda que eles ouçam a expressão; o que porta o nome é o objeto externo [a referência], por exemplo, o próprio Díon. Destes, dois são corpóreos – a expressão e o portador do nome; mas um é incorpóreo – o estado de ocorrências significadas e exprimíveis [...].” (SEXTUS EMPIRICUS, *Against the professors*, 8.11-12 (SVF 2.166, part) apud LONG; SEDLEY, 1995, 33, B, p. 195-196).

i) "Dizem que este mundo, sendo um e contendo em si todos os seres, e sendo governado por uma natureza vivente e racional e pensante, tem o governo eterno dos seres, de acordo com uma concatenação e uma ordem preexistentes, pelas quais os primeiros fatos são causas dos sucessivos, e desta maneira, todos necessitados um dos outros; e assim, nada acontece neste mundo que não dependa em tudo dele e não tenha algo distinto ligado a si como a causa, nem nenhum dos fatos que hão de sobrevir pode estar desligado dos precedentes, como para não acompanhá-los com o mesmo caráter de necessidade, mas a cada fato segue outro a ele vinculado necessariamente como a sua causa, e todo fato é precedido por outro, de que está suspenso como a causa. Com efeito, nada acontece no mundo sem causa, porque nele nada existe separado e desligado de todos os precedentes." (ALEXANDRE DE AFRODÍZIA, De fato, c. 22, p. 191, 30 apud MONDOLFO, 1965, Livro IV, Cap. III, III, 10, p. 132).

j) "Os estóicos afirmam que toda causa é um corpóreo, a qual se torna a causa para um corpóreo de algo incorpóreo. Por exemplo, a faca, um corpóreo, torna-se a causa para o corte, um corpo, do predicado incorpóreo 'sendo cortado'. E novamente, o fogo, um corpóreo, torna-se a causa para a madeira, um corpóreo, do predicado incorpóreo 'sendo queimado'." (SEXTUS EMPIRICUS, Against the professors, 9.211 (SVF 2.341) apud LONG; SEDLEY, 1995, 55, B, p. 333).

k) "A natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os princípios seminais, produz e conserva tudo que germina por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados condizentes com as suas fontes." (DIÔGENES LAËRTIUS, 1988, VII, 148, p. 215).



Saiba Mais

Existem várias obras que podem ajudar a ampliar sua compreensão sobre a Ontologia cética, a Ontologia epicurista ou a Ontologia estoíca. Por meio das seguintes referências, você pode saber mais sobre pelo menos um destes temas destacados:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRÉHIER, É. **La théorie des incorporeals dans l'ancien stoïcisme**. Paris: PUF, 1967.

BRUN, J. **O estoicismo**. Trad. João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.

DIÔGENES LAËRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.

FARRINGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FREDE, M. The Stoic notion of a lekton. In: **Companions to ancient thought**: 3: language. Cambridge: UPC, 1994.

GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estoíco**. São Paulo: Loyola, 1999.

HUISMAN, D. **Dicionários dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOPES DOS SANTOS, L. H. Anotações sobre Leibniz, o estoicismo, substâncias e labirintos. In: **Verdade, conhecimento e ação**. São Paulo: Loyola, 1999.

LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. **The hellenistic philosophers**. Cambridge: UPC, 1995.

MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**: desde Aristóteles até os neoplatônicos. São Paulo: Mestre Jou, 1965. v. 2.

NEVES, M. H. de M. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

REALE, G. **História da filosofia antiga**: os sistemas da era helenística. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002. v. 3.

UNIDADE 4

4

Ontologias cristãs: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino



Objetivos de aprendizagem

- Conhecer elementos da perspectiva cristã e criacionista.
- Conhecer e compreender características da Ontologia cristã de Santo Agostinho e da Ontologia cristã de São Tomás de Aquino.
- Exercitar a análise e a síntese de pensamentos ontológicos.



Seções de estudo

- Seção 1** A perspectiva cristã e criacionista
- Seção 2** Ontologia de Santo Agostinho
- Seção 3** Ontologia de São Tomás de Aquino



Para início de estudo

Nesta unidade, você conhece as perspectivas ontológicas e cristãs de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino e, ao fazê-lo, contata conceitos fundamentais como homem, alma, Deus, divino, universo – relativos à Teologia, à Ética, à Educação, à Antropologia etc. – ou seja, conceitos pertinentes à questão do ser, embora carregados de especificidade.

Tais pensadores desenvolvem uma investigação sobre o ser, a qual podemos aproximar daquilo que Wolff classifica como Metafísica Especial (formada por estudos Teológicos, Psicológicos e Cosmológicos) em oposição à Metafísica Geral (que se ocupa do ser, em sua generalidade). Contudo, não é lícito afirmar que esses pensadores cristãos deixaram de refletir sobre o ser, em sua universalidade. Ou seja, eles desenvolveram, sim, cada um, uma perspectiva ontológica.



Se formos rigorosos, os filósofos estudados nas unidades anteriores também não estão isentos de tal aproximação (de se dedicarem a uma Metafísica Especial), embora eles tenham se preocupado, em suas investigações, com o ser, em sua generalidade (logo, com uma Metafísica Geral).

Antes de identificar as perspectivas ontológicas de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino, atente para alguns dados elementares da perspectiva cristã.

Bons estudos e boa aprendizagem. Procure manter seu foco no ser, embora ele se encontre emaranhado em várias temáticas além da ontológica...

Seção 1 – A perspectiva cristã e criacionista

Guiados pela fé, os dois filósofos cristãos, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, procuram o apoio da razão para justificar perspectivas sobre o que há. Neste sentido, é célebre o jargão acerca do papel exercido pela Filosofia, como serva da Teologia.

Obviamente, muitos outros filósofos cristãos poderiam nos ajudar a compreender a questão do ser, tratada durante o período próximo e durante o que é denominado Idade Média. Todavia, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino são dois dos mais representativos expoentes daquela época – razão pela qual você os estuda aqui.



Se quiser saber mais sobre os filósofos cristãos, inclusive sobre Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, não deixe de estudar a seguinte referência:

BOERHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cusa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Embora esta obra não verse, exclusivamente, sobre perspectivas ontológicas, há teses e conceitos pertinentes a tal temática.

Jesus Cristo foi um revolucionário por muitos outros motivos. Como exemplo, considere a proposição de um “mandamento” que, se fosse seguido, o ser humano e, enfim, o mundo seria certamente melhor: “[...] Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.” (MATEUS, 22, 39, 2002, p. 2617). Há, no plano da Ética, da Antropologia, da Política etc., dizer mais fundamental que esse?

Os dois destacados filósofos cristãos fazem parte de um período que tem como marco histórico e fundamental a **evangelização iniciada por Jesus Cristo** (0-33 d.C.) e, posteriormente, desenvolvida por seus apóstolos, por São Paulo, pelos padres da Igreja etc.



Mas quem foi Jesus Cristo?

Jesus Cristo foi um revolucionário, pois anuncia, revela para um povo de origem judia, geralmente sofrido e escravo, entre outras coisas:

- a esperança e a justiça para os humildes, corretos e mansos;

- a possibilidade de redenção dos pecadores, que vivem em um plano mundano; e
- a possibilidade de salvação num plano divino, celestial, ou de condenação num plano inferior.



Mas você pode se perguntar: – Qual a origem do plano celeste? Do plano inferior? Que coisas existem, conforme a perspectiva cristã?

Muito provavelmente, você já se fez essas perguntas, ou já ouviu, uma vez que a cultura brasileira é permeada pela ótica cristã. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino pronunciaram-se sobre essas questões e, ao fazê-lo, tratam do ser.

Antes de estudar teses desses pensadores, atente para uma característica fundamental e comum aos dois e que os distingue das reflexões ontológicas estudadas nas unidades anteriores desse livro didático.



Para os pensadores cristãos Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, o que há, o que existe, tem Deus como origem, uma vez que Ele cria todas as coisas originárias – o que constitui uma **perspectiva criacionista**. Esta perspectiva é coerente com o **livro fundamental** para os cristãos: a Bíblia. Por outro lado, é distinta das perspectivas até agora estudadas neste livro didático, uma vez que, para os pensadores gregos, é tácito que nada surge do nada, e tudo aquilo que há no cosmo teve origem no próprio cosmo.

O primeiro livro da Bíblia, *Gênesis*, fundamenta esta perspectiva criacionista. Você terá oportunidade de estudar trechos do livro *Gênesis* na seção dedicada às atividades de autoavaliação, desta unidade.

Seção 2 – Ontologia de Santo Agostinho

Nesta seção você conhece, brevemente, alguns elementos da perspectiva ontológica e cristã de Santo Agostinho (354-430 d.C.), um dos mais eminentes padres da Igreja Católica. Assim, conhece, entre outras coisas, três origens para as coisas existentes e que Deus é a origem fundamental dessas; a distinção entre o que é eterno e o que está situado no tempo; que todas as criaturas são boas; que todas as criaturas podem ser distintas como mais ou menos perfeitas – mas não mais perfeitas que Deus, ser perfeito por excelência; e que o mal não existe por si, enquanto uma substância.

Acompanhe!

Três origens para as coisas existentes

Conforme Aurélio Agostinho, as coisas existem a partir de três modos distintos:

- por criação do nada;
- por geração; e
- por fabricação.

Atente para explicações sobre estes modos de existir.

Existentes originados por criação do nada (ex nihilo)

O existente criado do nada é considerado originário, em relação ao existente gerado ou fabricado. O existente criado provém do nada, por meio da palavra divina, por meio de Deus. Como exemplo há a luz, o céu, as águas, a terra, a relva, as ervas, as árvores, os frutos com suas sementes, o sol, a lua, os seres aquáticos, as aves, os répteis, as feras e o homem (conforme a imagem e semelhança de Deus). Enfim, tudo que há no universo tem uma origem criacionista.

Deus é um dos seres que existem, embora Ele seja diferente, qualitativamente, de todos os demais. Deus pode, por exemplo, criar do nada, enquanto o homem pode apenas gerar ou fabricar, tal como é abordado nos dois tópicos seguintes.



Criação, do nada, tem um sentido forte para o africano Agostinho, uma vez que se refere àquilo que tem causa divina e simplesmente não existia. A existência por criação, a partir do nada, é algo inédito em relação às perspectivas ontológicas anteriores que você estudou neste livro didático.

Existentes derivados por geração

O existente gerado provém da substância daquele que o gerou. Neste tipo de existente, há uma preservação de **identidade substancial**. Como exemplo há o filho em relação ao pai, em que a identidade substancial do gerado (filho) é determinada por seu gerador (pai). Dito de outro modo, nos existentes derivados por geração, o gerado tem as mesmas propriedades substanciais do gerador.

Este modo de existir é viável em função de razões seminais, ou seja, por Deus ter concebido a possibilidade de que certas criaturas tenham condições de originar coisas semelhantes, conforme a sua natureza.

Existentes derivados por fabricação

O existente fabricado provém de uma matéria externa em relação àquele que o fabricou. Como exemplo há todas as coisas fabricadas pelo homem, como uma estátua, um vaso, uma mesa, uma cadeira etc. Um vaso não é feito do homem, mas do material (geralmente argila) usado pelo homem na fabricação. Ou seja, o vaso é fabricado pelo homem, mas não de (matéria de) homem.



Considerando estas três origens para as coisas existentes, você pode se perguntar: Afinal, o que é Deus?

Acompanhe algumas considerações sobre Deus, Criador, assim como também sobre suas criaturas.

Deus, a Trindade, as criaturas, a matéria e a forma

Para Santo Agostinho, tratar de Deus implica lidar com a **Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo**. Embora estas designações sejam diferentes, elas se referem a uma mesma Pessoa, pois guardam uma **identidade substancial fundamental**: Deus.

Dito de outro modo, Deus é a substância comum a cada um dos elementos da Trindade, ao mesmo tempo que as Pessoas da Trindade são distintas. A **relação** entre estas Pessoas evidencia tal distinção: o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo; o Filho não é o Pai, nem o Espírito Santo; o Espírito Santo não é o Pai, nem o Filho.

Ainda...



Deus é a origem de todas as criaturas, de todos os corpos e de todas as almas. Ele é simples, eterno, imortal, imutável, imperecível, onipotente, perfeito, justo, belo, feliz, ótimo e espírito. Ele não é corpo, não gerou a si mesmo e é isento de contradição. Embora Ele tenha várias características, nenhum nome é capaz de exprimir Sua essência.

Tanto o corpo quanto a alma são tipos de substâncias criadas por Deus. Contudo, o corpo tem um caráter exterior, enquanto a alma, um caráter interior.

A impossibilidade de apanhar Deus, em toda sua plenitude, incita Santo Agostinho a criticar as dez categorias ontológicas de Aristóteles, uma vez que estas permitem lidar com a substância mundana, mas não com a simplicidade de Deus.

Falar de Deus também implica lidar com as criaturas.



As criaturas refletem a beleza, a bondade e a existência de Deus, embora elas sejam ínfimas diante Dele. Deus está acima de todas as criaturas, pois Ele é condição para a existência das segundas.

Para Santo Agostinho, as ideias divinas são imutáveis e eternas, paradigmas existentes na mente divina. As ideias são como formas usadas pelo Criador para tornar existentes as criaturas. A concepção de ideia em Santo Agostinho é um dos elementos conceituais que permitem associá-lo ao filósofo Platão.

Santo Agostinho também expõe que, quando Deus concebe as criaturas, faz por meio da **matéria e da forma**. A forma tem origem nas **ideias divinas**, nos paradigmas divinos, enquanto a matéria é **concriada** em relação às criaturas, ou seja, ela é criada ao mesmo tempo que as criaturas, pois ela também surge do nada (lembre-se de que, antes da criação, há apenas Deus e, logo, não há matéria nem criaturas).

O tempo e a eternidade

Conforme Santo Agostinho, à medida que Deus cria o universo, ele também cria **o tempo**. O tempo só tem sentido depois que o mundo, o universo, é criado, à medida que surge o movimento, podendo-se, assim, falar de um antes e de um depois, de uma alteração, de algo além do presente.



O tempo e a alteração fazem parte do existir de toda criatura.

Cada tempo (pretérito, presente e futuro) tem implicações ontológicas distintas. O que é passado não existe mais; o que é presente existe; e o que é futuro não existe ainda. Embora a denominação dos tempos (pretérito, presente e futuro) seja algo corriqueiro no cotidiano dos homens, Santo Agostinho concebe-a como inequívoca, pois é parcial toda vez que faz referência ao existir.

Para ser preciso sobre o tempo, é adequado especificá-lo como:

- **presente do passado** – situação em que nos lembramos de uma coisa passada e a tornamos “presente”;
- **presente do presente** – situação em que vemos, percebemos, intuímos uma coisa presente e a reconhecemos como tal;
- **presente do futuro** – situação em que esperamos por uma coisa futura e a tornamos “presente”.

Com este argumento, Santo Agostinho expõe que, a rigor, não há três tempos (pretérito, presente e futuro), mas flexões do presente, e que estes presentes são flexionados, sobremaneira, pela mente, alma, espírito humano.



Para Santo Agostinho, como antes da criação não há movimento, não há alteração, então, não há tempo.

Por outro lado, Aurélio Agostinho defende que, antes da criação do tempo, há **o eterno, a eternidade**, referente à existência de Deus desde sempre.



A eternidade é entendida como um presente atemporal, que não admite mudança. Isto é, a eternidade implica uma invariabilidade do presente.

Atente, assim, que o tempo tem um significado bem distinto do eterno para Santo Agostinho.

A bondade e a existência de toda criatura está associada à participação desta na ideia divina

Deus cria todas as coisas do nada e todas elas são boas, são mais ou menos perfeitas, uma vez que são Sua criação.

A “bondade” de cada criatura, o caráter “perfeito” de cada criatura decorre do fato de ela participar das ideias divinas, daquilo que foi arquitetado por Deus, pelo Ser sumamente perfeito e bom.

Logo, as criaturas como um todo refletem a bondade e a perfeição divina – embora nenhuma delas tenha sido criada da substância divina. Ainda, o conjunto de todas as criaturas é concebido como mais valioso do que qualquer criatura isolada.

Há diferentes criaturas, e umas são mais perfeitas do que outras. Por tais diferenças, é possível falar de uma hierarquia entre os seres, embora seu ápice tenha origem em Deus, Ser por excelência.

Inexistência da maldade como substância, mas como privação ou corrupção da criatura

Santo Agostinho ainda aborda que **toda criatura está sujeita à corrupção**. À medida que uma criatura é alterada, corrompida, privada de alguma bondade, de alguma “perfeição”, então ela é prejudicada. Ou seja, uma criatura pode passar a existir de modo não tão bom, não tão perfeito, à medida que é corrompida.



Neste contexto, **o mal não é considerado uma substância, mas privação de existência, de ser, como corrupção ou alteração da bondade divina**. Ainda, a radicalização da corrupção pode contribuir para a criatura deixar de existir.

Assim, nenhuma criatura criada por Deus é má em si mesma, embora os homens julguem algumas delas, isoladamente, como más.



Quer saber mais sobre a perspectiva ontológica de Santo Agostinho? Por meio da seguinte obra, você pode ampliar seus conhecimentos:

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

Atente que não há tratamento exclusivo de questões ontológicas nessa obra, embora contenha elementos pertinentes a esta temática.

Seção 3 – Ontologia de São Tomás de Aquino

São Tomás de Aquino (1221-1274) tem, assim como Santo Agostinho, uma vasta e inédita publicação. Muitos são os temas que ele trata, e um entre eles versa sobre a questão ontológica.

Se Santo Agostinho aproxima-se, em alguns aspectos, da Ontologia de Platão, por outro lado São Tomás de Aquino aproxima-se, em certos aspectos, da Ontologia de Aristóteles. Também é notório que São Tomás de Aquino percorre alguns caminhos já seguidos por Santo Agostinho.

Entre as posições ontológicas abordadas por São Tomás de Aquino, está a distinção entre ente e essência, a distinção da substância como simples ou composta, a consideração da matéria e da forma como determinantes para lidar com a essência do ente em questão.

Acompanhe!

Ente

Para São Tomás de Aquino, **tudo o que existe é considerado ente**. Entre estes entes, Deus é considerado o Supremo, pois é condição para existência dos demais. **Deus é o ente necessário e todos os demais entes são contingentes**.

Ente, causalidade e causa primeira

Para São Tomás de Aquino, todo ente está relacionado à causalidade, à concepção de que todo efeito decorre de uma causa. Ao procurarmos pela causa de um ente, como Sócrates, por exemplo, encontraremos como causa respectiva o pai e a mãe deste. Ao procurarmos a causa destes, encontraremos como causa os avôs e avós de Sócrates.

Se continuarmos neste procedimento de procura pela causa da causa da causa da causa... (de Sócrates), então encontraremos, enfim, um ente que não é efeito, mas causa pura, condição para existência de todos os entes: Deus.



Deus é o primeiro motor, primeira causa eficiente, ser necessário por si mesmo, máximo ser, ente puro, ato puro, perfeito, eterno, imutável, a origem de todos os entes e de todas as demais causas. Deus é a causa do ser, da bondade e da perfeição. Deus, por outro lado, não é efeito, nem possível, nem em potência.

Substâncias simples e substâncias compostas

São Tomás de Aquino distingue os entes como:

- substâncias simples – ou seja, entes constituídos unicamente por forma. Exemplo: anjos, almas, ideias etc.; e
- substâncias compostas – ou seja, entes constituídos tanto por forma quanto por matéria. Exemplo: **Sócrates**, mesas, vasos, estátuas etc.

Todo homem é um exemplo de um ente composto, pois é constituído de corpo (matéria) e alma (forma).



Observe que a qualificação da substância como simples depende da noção de forma, enquanto a qualificação da substância como composta requer matéria além da forma. A matéria não faz parte de qualquer substância simples.

Como você já estudou na Unidade 2, matéria, forma, substância, ato e potência são noções aristotélicas, embora, em São Tomás de Aquino, elas estejam vinculadas a Deus.



Especificamente, a matéria, uma vez que existe, existe de modo dependente de uma forma. Por outro lado, a forma não depende da matéria. Ou seja, a forma pode subsistir por si só, embora possa existir à medida que está vinculada a uma matéria. A forma tende a subsistir por si só, tanto mais ela está próxima de Deus, o primeiro princípio.

São Tomás de Aquino também retoma a distinção aristotélica de que **a substância existe de modo primário** (enquanto uma referência), ao passo que **o acidente existe de modo secundário** (pois depende da substância para existir). Considerando este contexto, São Tomás de Aquino tem que **a essência reside, primariamente, na substância; e, secundariamente, nos acidentes da substância.**

Assim entramos na questão da essência. Acompanhe.

Essência



Conforme São Tomás de Aquino, essência refere-se ao significado de um ente, refere-se à definição do ente.

Toda substância apresenta uma essência, e a substância simples tem uma essência mais pura do que a substância composta. A **pureza** relativa à essência das substâncias simples é tal que constitui causa para a existência das substâncias compostas.



A essência da substância simples abrange apenas a forma, enquanto a **essência da substância composta comporta matéria e forma.**

A pureza está associada à noção de forma, de posição em relação a Deus, ser puro por excelência. Quanto mais distante de Deus, menos puro é o ente. Contudo, todo ente implica certa pureza, uma vez que, enquanto ente, apresenta forma.

A essência pode pertencer de dois modos às substâncias, aos entes:

- a) quando a essência e a existência coincidem, no caso de Deus, Ser perfeito; e
- b) quando a essência e a existência não coincidem:
 - » nas demais substâncias simples que não Deus – as substâncias simples apresentam apenas forma, mas não matéria;
 - » nas substâncias compostas, formadas tanto por matéria quanto por forma.

Outro elemento fundamental da perspectiva ontológica de São Tomás de Aquino é a distinção do ente como:

- lógico; e
- real.

Atente para algumas explicações relativas a estes modos de existir.

Ente lógico

O ente lógico é aquele considerado na perspectiva da predicação, da possibilidade de ser um termo da proposição. O ente lógico é aquele que pode ser predicado de inúmeros modos, em uma proposição, sem que isto implique alguma alteração da “coisa” predicada.



O fato de predicarmos algo como “A terra conta com mais de um satélite natural além da lua.” não altera, necessariamente, o nosso sistema solar, embora implique a constituição de um ente (lógico) em nossa mente.

O ente no sentido lógico pode ser entendido, também, como uma privação ou uma negação, tal como a cegueira. A cegueira não existe de fato, mas se refere a uma privação relativa à faculdade de ver.

O ente lógico está na mente, como um conceito e, neste sentido, também pode ser um “**universal**”, o que designa uma espécie ou um gênero.

Um universal, como gênero ou espécie, é um ente intelectual, lógico, e adquire existência abstraída à medida que o intelecto encontra uma característica comum pertencente a uma série de indivíduos ou elementos.

Ente real

O ente real pode ser compreendido conforme as dez categorias propostas por Aristóteles. No sentido real, o ente é entendido como aquilo que “acrescenta” algo, aquilo que nos remete, de algum modo, conforme as dez categorias de Aristóteles, à substância ou a algum dos acidentes relativos à substância. Ou seja, o ente real refere-se ao que existe de fato.

Como exemplos de entes reais há a mesa, este livro ou uma pessoa, tal como Sócrates, você etc. Obviamente, para São Tomás de Aquino, Deus também é um ente real.



Quer saber mais sobre a perspectiva ontológica de São Tomás de Aquino? Por meio da seguinte obra, você pode ampliar seus conhecimentos:

AQUINO, São Tomás. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

Atente que não há tratamento exclusivo de questões ontológicas nessa obra, embora contenha elementos pertinentes a essa temática.



Síntese

Nesta unidade, você estudou, brevemente, alguns elementos da perspectiva cristã e, entre eles, que a perspectiva criacionista implica outro modo de tentar compreender a questão do ser. Também viu que a ótica cristã e criacionista fundamenta as perspectivas ontológicas de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino.

Santo Agostinho aborda, por exemplo, três origens para as coisas existentes, embora a criação do nada, a partir de Deus, caracterize-se como a origem fundamental do que há. Deus é caracterizado como ser Criador, perfeito por excelência, bom, e suas criaturas, todas as coisas existentes, refletem essa bondade, essa perfeição.

Nenhuma criatura é originada da substância divina. As criaturas são originadas das ideias divinas, à medida que Deus as cria. Nenhuma criatura é mais perfeita ou melhor que Deus. E, como há diferentes criaturas, é viável falar de uma hierarquia dos seres, conforme diferentes níveis de perfeição e de bondade, sempre considerando Deus como origem fundamental dessa hierarquia.

Para o padre africano, o mal, do ponto de vista ontológico, não existe em si mesmo enquanto uma substância, mas se refere à corrupção do ser, à medida que este está sujeito à alteração. Aurélio também distingue o eterno daquilo que está situado no tempo; e que o tempo não deve ser entendido simplesmente como passado, presente e futuro, mas como presente do passado, presente do presente e presente do futuro – uma vez que é flexionado por uma mente, uma alma, que lhe dá sentido.

Você também estudou que São Tomás de Aquino defende que os entes podem ser distintos como reais e lógicos. Os entes reais são aqueles que existem de fato. Os entes lógicos são aqueles que existem na mente humana.

Viu que ente é o termo que designa genericamente o que existe; que essência refere-se ao que define ou expressa um ente; que a substância é simples ou composta e que a primeira é composta de forma, enquanto a segunda compõe-se de matéria e de forma.

Também estudou que Deus é o Ser por excelência, causa fundamental para a existência dos demais entes.



Atividades de autoavaliação

Ao final de cada unidade, você realizará atividades de autoavaliação. O gabarito está disponível no final do livro-didático. Mas esforce-se para resolver as atividades sem ajuda do gabarito, pois, assim, você promoverá (estimulará) a sua aprendizagem.

- 1) O trecho seguinte foi transcrito do primeiro livro do *Antigo Testamento*, contido na Bíblia: o Gênesis, que trata da criação. Assim que ler a passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e de síntese de um fragmento fundamental para a Ontologia cristã que, por sua vez, influenciou as respectivas filosofias de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino.
 - a) No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava

sobre as águas. Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas: à luz Deus chamou “dia”, e às trevas chamou “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia. Deus disse: “Que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas!” Deus fez o firmamento para separar as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento. E assim se fez. E Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o segundo dia. Deus disse: “Que as águas que estão debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o chão seco”. E assim se fez. E Deus chamou ao chão seco “terra”, e ao conjunto das águas “mar”. E Deus viu que era bom. Deus disse: “Que a terra produza relva, ervas que produzam semente, e árvores que dêem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente, cada uma segundo a sua espécie”. E assim se fez. E a terra produziu relva, ervas que produzem semente, cada uma segundo a sua espécie, e árvores que dão fruto com a semente, cada uma segundo a sua espécie. E Deus viu que era bom. Houve uma tarde e uma manhã: foi o terceiro dia. Deus disse: “Que existam luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite e para marcar festas, dias e anos; e sirvam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra”. E assim se fez. E Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para regular o dia, o luzeiro menor para regular a noite, e as estrelas. Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra, para regular o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. Houve uma tarde e uma manhã: foi o quarto dia. Deus disse: “Que as águas fiquem cheias de seres vivos e os pássaros voem sobre a terra, sob o firmamento do céu”. E Deus criou as baleias e os seres vivos que deslizam e vivem na água, conforme a espécie de cada um, e as aves de asas conforme a espécie de cada uma. E Deus viu que era bom. E Deus os abençoou e disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham as águas do mar; e que as aves se multipliquem sobre a terra”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o quinto dia. Deus disse: “Que a terra produza seres vivos conforme a espécie de cada um: animais domésticos, répteis e feras, cada um conforme a sua espécie”. E assim se fez. E Deus fez as feras da terra, cada uma conforme a sua espécie; os animais domésticos, cada um conforme a sua espécie; e os répteis do solo, cada um conforme a sua espécie. E Deus viu que era bom. Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra”. E Deus disse: “Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês. E para todas as feras, para todas as aves do céu e para todos os seres que rastejam sobre a terra e nos quais há respiração de vida, eu dou a relva como alimento”. E assim se fez. E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Houve

uma tarde e uma manhã: foi o sexto dia. Assim foram concluídos o céu e a terra com todo o seu exército. No sétimo dia, Deus terminou todo o seu trabalho; e no sétimo dia, ele descansou de todo o seu trabalho. Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador." (GÊNESIS,1, 1 – 31; 2; 1 – 3, 2004, p. 14 – 15).

- 2) Os trechos seguintes referem-se à posição ontológica e cristã de Santo Agostinho. Assim que ler cada passagem, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da posição ontológica e cristã de Santo Agostinho.
- a) "As *Dez Categorias* de Aristóteles pareciam falar-me claramente da substância: o homem, por exemplo; do que nela se contém com a figura do homem; a estatura, quantos pés mede; o parentesco, de quem é irmão; onde se acha; quando nasceu; se está de pé ou sentado, calçado ou armado; se faz alguma coisa; se padece algo; e, enfim, toda a infinidade de coisas que se encontram nestes nove gêneros de que cite alguns exemplos ou no próprio gênero da substância. De que me aproveitava isto, se só me prejudicava? Julgando que tudo estava incluído nos dez predicamentos, esforçava-me por igualmente Vos compreender a Vós, meu Deus, que sois admiravelmente simples e imutável, como se estivesse *subordinado* à vossa grandeza e beleza, ou como se fôsseis um corpo, onde estes atributos se radicavam." (SANTO AGOSTINHO, 2000, IV, 16, p. 117).

- b) “[...]ó Deus verdadeiro que criastes não só as nossas *almas* mas também os nossos *corpos*, e [...] ainda todos os seres e todas as coisas [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2000, VII, 3, p. 174).

- c) “Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse. De fato, a corrupção é nociva, e, se não diminuísse o bem, não seria nociva. Portanto, ou a corrupção nada prejudica – o que não é aceitável – ou todas as coisas que se corrompem são privadas de *algum bem*. Isto não admite dúvida. Se, porém, fossem privadas de *todo* o bem, deixariam inteiramente de existir. Se existissem e não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneceriam incorruptíveis. Que maior monstruosidade do que afirmar que as coisas se tornariam melhores com perder todo o bem? Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse uma substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper. Vi, pois, e pareceu-me evidente que criastes boas todas as coisas, e que certissimamente não existe nenhuma substância que vós não criásseis. E, porque as não criastes todas iguais, por esta razão, todas elas, ainda que *boas* em particular, tomadas conjuntamente são *muito boas*, pois o nosso Deus criou ‘todas as coisas muito boas’. Em absoluto, o mal não existe nem para Vós nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas de suas partes, certos elementos não se harmonizam com outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros, e por isso são bons (no conjunto) e bons em si mesmos [...] abarcando tudo com o pensamento, via que os elementos superiores são incontestavelmente mais perfeitos que os inferiores. Mas um juízo mais sensato fazia-me compreender que a criação em conjunto valia

mais que os elementos superiores tomados isoladamente.” (SANTO AGOSTINHO, 2000, VII, 12-13, p. 187-189).

Como você deve se lembrar,
Anaxímenes defendia o ar como
arkhé de todas as coisas.

d) Quem é Deus? Perguntei-o à terra e disse-me: “Eu não sou.”. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos, os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós.”. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com seus habitantes, responderam-me: “**Anaxímenes** está enganado; eu não sou o teu Deus.”. Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras.”. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: “Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d’Ele.”. E exclamaram com alarido: “Foi ele que nos criou.”. A minha pergunta consistia em contemplá-las; a sua resposta era a sua beleza. Dirige-me, então, a mim mesmo, e perguntei-me: “E tu, quem és?” “Um homem.”, respondi. Servem-me um corpo e uma alma; o primeiro é exterior, a outra interior. Destas duas substâncias, a qual deveria eu perguntar quem é o meu Deus, que já tinha procurado com o corpo, desde a terra ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? À parte interior, que é a melhor. Na verdade, a ela é que os mensageiros do corpo remetiam, como a um presidente ou juiz, as respostas do céu, da terra e de todas as coisas que neles existem, e que diziam: “Não somos Deus; mas foi Ele que nos criou.”. O homem *interior* conhece esta verdade pelo ministério do homem *exterior*. Ora, eu, homem interior – alma –, eu conheci-a também pelos sentidos do corpo. Perguntei pelo meu Deus à massa do Universo, e respondeu-me: “Não sou eu; mas foi Ele quem me criou.”. Mas não se manifesta esta beleza a todos os que possuem sentidos perfeitos? Por que não fala a todos do mesmo modo? Os animais, pequenos ou grandes, vêem a beleza, mas não a podem interrogar. Não lhes foi dada a razão – juiz que julga com o que os sentidos lhe anunciam. Os homens, pelo contrário, podem-na interrogar, para verem as perfeições invisíveis de Deus, considerando-as nas obras criadas. Submetem-se, todavia, a estas pelo amor, e, assim, já não as podem julgar. Nem a todos os que a interrogam respondem as criaturas, mas só aos que as julgam. Não mudam a voz, isto é, a beleza, se um a vê simplesmente, enquanto

outro a vê e a interroga. Não aparece a um de uma mesma maneira e a outro de outra... Mas, aparecendo a ambos do mesmo modo, para um é muda e para outro fala. Ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz vinda de fora com a verdade interior. (SANTO AGOSTINHO, 2000, X, 6, p. 264-265).

- e) "A mesma evidência é a voz com que o céu e a terra nos falam. Vós, Senhor, as criastes. Porque sois belos, eles são belos; porque sois bom, eles são bons; porque existis, eles existem. Não são tão formosos, nem tão bons nem existem do mesmo modo que Vós, seu Criador. Comparados convosco, nem são belos, nem bons, nem existem." (SANTO AGOSTINHO, 2000, XI, 4, p. 314).

f) "Todas as criaturas Vos louvam como Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, de onde viria essa matéria que Vós não criáveis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe e não exija a vossa existência? Portanto é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós os criastes pela vossa palavras." (SANTO AGOSTINHO, 2000, XI, 5, p. 315).

g) "Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente." (SANTO AGOSTINHO, 2000, XI, 11, p. 320).

h) “É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três. Diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa [...] contanto que se entenda o que se diz e não se julgue aquilo que é futuro já possui existência ou que o passado subsiste ainda [...]”. (SANTO AGOSTINHO, 2000, XI, 20, p. 327-328).

i) “Enalteçam-Vos as vossas obras [...] Elas têm princípio e fim no tempo, nascimento e morte, progresso e decadência, beleza e imperfeição [...] Foram feitas por vós do nada, não porém da vossa substância ou de certa matéria pertencente a outrem ou anterior a Vós, mas de matéria *concriada*, isto é, criada por Vós ao mesmo tempo que elas, e que, sem nenhum intervalo de tempo, fizestes passar da informidade à forma. É certo que a matéria do céu é diferente da da terra [...] Vós as criastes, contudo, ao mesmo tempo, a matéria e a forma, porque entre a criação da matéria e a da forma não mediou nenhum espaço de tempo.” (SANTO AGOSTINHO, 2000, XIII, 33, p. 413).

- 3) Os trechos seguintes referem-se à posição ontológica e cristã de São Tomás de Aquino. Assim que ler cada passagem, que tem abrigo na obra *O Ente e a essência*, interprete-a e procure expressar as principais características ontológicas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de análise e síntese da posição ontológica e cristã de São Tomás de Aquino.
- a) “Importa saber que, segundo afirma o Filósofo no quinto livro da *Metafísica*, o ente em si mesmo comporta duas acepções: [...] divide-se nas dez categorias, e [...] designa a verdade das proposições. A diferença desses significados está no fato de que, na segunda acepção, pode-se dizer que o ente constitui tudo aquilo acerca de que se pode construir uma proposição afirmativa, embora isto nada acrescenta à coisa; neste [...] sentido as privações e as negações são consideradas entes, e assim é que dizemos que a afirmação é oposta à negação e que a cegueira está nos olhos. Todavia, considerando-se a primeira acepção, não pode ser chamado ente senão aquilo que acrescenta algo à coisa. Daí que, neste primeiro sentido, a cegueira e outros conceitos congêneres não constituem entes. Eis a razão pela qual o termo essência não deriva do termo ente, tomado na segunda acepção, visto que neste caso se denominam entes algumas coisas que são destituídas de essência, como é evidente em se tratando das privações. O termo essência deriva, porém, de ente, se este se tomar na primeira acepção [...] É por isso que o Comentador (de Aristóteles, isto é, Avicena), no lugar acima citado, afirma: o ente, tomado no primeiro sentido, é aquilo que significa a substância de alguma coisa. Uma vez que [...], o ente, considerado na primeira acepção, se divide nas dez categorias, necessariamente essência significa algo comum a todas as naturezas através das quais os diversos entes são englobados nos diversos gêneros e espécies, assim como, por exemplo, a “humanidade” (isto é, o fato de ser homem) constitui a essência de homem, e assim por diante.” (AQUINO, 2000, I, 1-2, p. 25-26).
-
-
-
-
-
-

b) "Já que o ente se predica absoluta e primariamente das substâncias e secundária e analogicamente dos acidentes, isto resulta que a essência reside própria e verdadeiramente nas substâncias, ao passo que nos acidentes se encontra em sentido secundário e só analogicamente ou em sentido menos próprio. Algumas das substâncias são simples, ao passo que outras são compostas, sendo que em ambas existe uma essência. Todavia, nas substâncias simples a essência reside em sentido mais verdadeiro e mais elevado, mesmo porque possuem um ser mais nobre, e além disso constituem causas das substâncias compostas. Isto ocorre, pelo menos, com aquela substância primeira e simples por excelência, que se denomina Deus." (AQUINO, 2000, II, 1-2, p. 27).

c) "Tampouco é somente a forma de uma substância composta que se pode denominar essência [...] a essência é aquilo que é significado ou expresso pela definição de uma coisa. Ora, a definição das substâncias naturais compreende não apenas a forma, senão também a matéria, pois, se assim não fora, não existiria diferença entre as definições das coisas naturais e as definições matemáticas." (AQUINO, 2000, II, 3, p. 28).

d) “Dizemos que o homem se compõe de corpo e alma, expressando com isto que de duas coisas se constitui uma terceira, a qual não se identifica com nenhuma das duas.” (AQUINO, 2000, III, 2, p. 33).

e) “[...] a noção de espécie se aplica à natureza humana segundo aquele ser que possui no intelecto. Efetivamente, esta natureza tem na inteligência uma existência abstraída de todas as notas individualizantes, e conseqüentemente tem um conceito uniforme para todos os indivíduos concretos que existem fora do intelecto, visto que é a imagem de todos eles, enquanto são homens, e, porque tem uma relação com todos os indivíduos concretos, o intelecto descobre o conceito de espécie e o atribui a si.” (AQUINO, 2000, IV, 2, p. 38).

f) "Ora, a relação entre a matéria e a forma é tal, que esta última dá o ser à matéria, e por conseguinte é impossível existir alguma matéria sem forma, embora seja possível existir uma forma sem matéria, já que a forma não tem, enquanto forma, dependência em relação à matéria. Se, todavia, houver algumas formas que não podem subsistir a não ser na matéria, isto acontece na medida em que estão distantes do primeiro princípio, que constitui o ato primeiro e puro. Consequentemente, aquelas formas que estão muito próximas ao primeiro princípio são formas que subsistem em si mesmas, sem matéria." (AQUINO, 2000, V, 1, p. 41).

g) "[...] a essência da substância composta se diferencia da essência da substância simples pelo fato de que a essência da substância composta compreende não só forma nem só matéria, mas forma e matéria, ao passo que a essência da substância simples consta exclusivamente de forma. Desse fato nascem duas outras diferenças entre as substâncias simples e as compostas. A primeira é que a essência da substância composta pode ser tomada como todo ou como parte, o que ocorre devido à designação da matéria [...] Ao contrário, a essência de uma coisa simples, que é a sua forma, não pode ser tomada senão como um todo, visto que ali nada existe, além da forma, que fosse como que um recipiente para a forma". (AQUINO, 2000, V, 2, p. 41).

h) “[...] é necessário que exista uma determinada coisa que seja a causa do ser para todas as outras coisas, pelo fato de ela ser puro ser; do contrário, iríamos até o infinito, em termo de causalidade, já que toda coisa que não é puro ser tem a causa do seu ser em outro [...] É evidente, por conseguinte, que o intelecto é forma e ser, como é patente também que tem existência do primeiro ser, que é exclusivamente ser: este ser é a causa primeira, isto é Deus.” (AQUINO, 2000, V, 4, p. 43).

i) “[...] existem três modos segundo os quais a essência pode encontrar-se nas substâncias. a) Primariamente, existe algo, como Deus, cuja essência é o seu próprio ser ou existência [...] este ser que é Deus é de tal condição, que nada se lhe pode adicionar [...] Embora Deus seja exclusivamente ser, não segue daí que lhe faltem as demais perfeições e outras qualidades nobres. Pelo contrário, possui todas as perfeições existentes [...] razão pela qual se denomina o Perfeito pura e simplesmente [...] b) a essência se encontra concretizada nas substâncias criadas intelectuais, nas quais o ser ou existência difere da essência, embora a essência nelas exista sem a matéria. Daí que o ser destas substâncias não é absoluto, mas recebido, e por conseguinte limitado e finito, conforme a capacidade da natureza recipiente [...] Em se tratando de tais substâncias, não existe multiplicidade de indivíduos dentro de uma espécie [...] a não ser na alma humana, devido ao corpo ao qual é unida [...] disto não se deve concluir [...] que, ao perecer o corpo, pereça também a [...] alma. Com efeito, uma vez que alma tem um ser absoluto, desde que adquiriu o seu ser individualizado, pelo fato de ter-se tornado a forma deste determinado corpo, o seu ser permanecerá individualizado para sempre [...] c) a essência se encontra concretizada nas substâncias compostas de matéria e forma, nas quais o ser é recebido e também finito, pelo fato de terem o ser de outros [...]” (AQUINO, 2000, VI, a-c, p. 45-48).

- 4) Identifique uma semelhança entre a perspectiva ontológica de Santo Agostinho e a perspectiva ontológica de Platão; assim como uma semelhança entre a perspectiva ontológica de São Tomás de Aquino e a perspectiva ontológica de Aristóteles. Para tanto, atente para o uso da terminologia comum.



Saiba Mais

Conheça os cinco argumentos, as cinco vias de São Tomás de Aquino que almejam justificar a existência de Deus:

[...] Esta é a 'primeira via, que é a mais manifesta'. É certo, e verificado pelos sentidos, que algo é movido neste mundo. Ora, tudo que é movido é movido por outro; porque nada é movido senão enquanto está em potência relativamente àquilo que é movido. Pois mover outra coisa não é senão levar alguma coisa da potência ao ato (ato = realidade). Ora, só uma coisa real pode levar algo da potência ao ato; assim, o calor realmente existente, ou o fogo, torna a madeira de **cálido** potencial em cálido atual, e dessa maneira a move e transforma. Pois bem: é impossível estar em ato e em potência ao mesmo tempo e sob o mesmo ponto de vista, mas só sob pontos de vista diversos. Pois o cálido atual não pode simultaneamente ser cálido potencial, mas é frio em potência. Logo, e pela mesma razão, é impossível uma coisa ser motora e ser movida do mesmo ponto de vista e do mesmo modo, ou seja, é-lhe impossível mover-se a si mesma. Por conseguinte, tudo o que é movido há de sê-lo por outro. Se, portanto, o motor é por sua vez movido, também ele deve ser

Cálido, neste contexto, significa ardente.

Báculo significa bastão.

movido por outro, e este por outro. Ora, não se pode proceder assim ao infinito, pois não haveria nenhum princípio motor, e por conseguinte não haveria absolutamente nenhum motor; pois os motores segundos (ou subordinados) não movem senão quando são movidos pelo primeiro motor: como não se move o **báculo** sem ser movido pela mão. Logo, é necessário chegar a um primeiro motor que não seja movido por nenhum outro, ao qual todos dão o nome de Deus [...] Nas coisas sensíveis observamos uma ordem de causas eficientes. Entretanto, não concebemos – por impossível – que uma coisa seja causa eficiente de si própria; pois, já que a causa eficiente precede, pelo menos logicamente, ao efeito, a referida coisa deveria ser anterior a si mesma; o que é impossível. Mas é impossível proceder-se até o infinito na série de causas eficientes; pois em todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é causa da média, e esta, da última, sejam as médias muitas ou uma só. E como, removida a causa, removido fica o efeito, logo, se nas causas eficientes não houver primeira, não haverá última nem média. Procedendo-se ao infinito nas causas eficientes, não haverá causa eficiente primeira, nem efeito último nem causas eficientes intermediárias. O que manifestamente é falso. Logo, é necessário admitir uma causa eficiente primeira, à qual todos dão o nome de Deus [...] Entre as coisas, encontramos algumas que podem ser e não ser, porquanto podem ser geradas ou corrompidas, do que se segue que podem ser e não ser. Ora, é impossível que todas as coisas desta natureza existam sempre; pois o que pode não existir, alguma vez não existiu. Se, portanto, todas as coisas podem não existir, houve tempo em que nenhuma existia. Mas, se tal fosse o caso, ainda agora não existira coisa alguma; pois o que não existe, só pode começar a existir por uma coisa já existente. Ora, nenhum ente existindo, é impossível que algum comece a existir, e portanto, também agora nada existiria. Logo, nem todos os seres são puramente possíveis, mas é forçoso que haja algo necessário. Ora, tudo o que é necessário, ou tem de fora a causa da sua necessidade ou não a tem. Mas não é possível proceder ao infinito nos seres necessários que têm uma causa de sua necessidade, como já se provou. Por onde é forçoso admitir um ser necessário por si mesmo, não tendo de fora a sua necessidade, antes, sendo causa da necessidade dos outros: e tal ser, todos chamam Deus [...] Verificamos, nas coisas, um mais e um menos de verdade, de nobreza e de outras qualidades semelhantes. Ora, o mais e o menos não se dizem de coisas diversas senão enquanto estas se aproximam em proporção diversa de algo que contém o máximo deste ser; assim, o mais cálido é o que mais se aproxima do maximamente cálido. Há portanto algo verdadeiríssimo, ótimo e nobilíssimo e, por conseguinte, maximamente ser. Pois o que é maximamente verdadeiro é maximamente ser. Ora, o que é maximamente tal num gênero, é causa de tudo o que esse

esse gênero compreende; assim o fogo, maximamente cálido, é causa de todos os cálidos [...] Logo, há um ser que é causa do ser, da bondade e de toda e qualquer perfeição; e este ser chama-se Deus. [...] Observamos que algumas coisas, carecentes de conhecimento, tais como os corpos naturais, operam em vista de um fim; o que se conclui do fato de operarem sempre ou quase sempre do mesmo modo, para conseguirem o que é ótimo. Donde resulta que chegam ao fim, não pelo acaso, mas pela intenção. Ora, o que não possui conhecimento só chega ao fim quando dirigido por algo conhecedor e inteligente, com a seta pelo arqueiro. Há, pois, algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais se ordenam ao fim, e a que chamamos Deus." (AQUINO, *Suma teológica*, 1-3 apud BOERHNER; GILSON, 1988, p. 453-456).

Existem várias obras que podem ajudar a ampliar sua compreensão sobre a perspectiva cristã e criacionista, sobre a perspectiva ontológica de Santo Agostinho e a perspectiva ontológica de São Tomás de Aquino. Por meio das seguintes referências, você pode saber mais sobre pelo menos um desses temas destacados:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, São Tomás. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **Súmula contra os gentios**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **Compêndio de teologia**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BOERHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1988.

HUISMAN, D. **Dicionários dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REALE, G.; ANTISSERI, D. **História da filosofia antiga:** patrística e escolástica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** São Paulo: Nova Cultural, 2000.



Para concluir o estudo

Caríssimo(a), parabéns por todo o esforço, disciplina e comprometimento que você investiu para compreender um dos temas mais difíceis da Filosofia: a Ontologia. Espero que você tenha apreciado a aprendizagem relativa às diversas perspectivas ontológicas.

Ao final do livro didático Ontologia I, você deve ter percebido que a questão sobre o ser é ampla, que há inúmeras respostas sobre essa questão e, em função delas, deve ter suspeitado que não há a resposta absoluta sobre a questão.

Atente que todas as perspectivas ontológicas aqui abordadas são merecedoras de maior aprofundamento, o que, quando efetivado, permite evidenciar, ainda mais, que as discussões e teorizações sobre “o que há” não se esgotam, mas estão em fase de construção, continuam em busca de uma resposta mais satisfatória que a anterior...

Tal procura contínua é própria do filósofo, que não se contenta com o já dado, que procura inquirir em função da necessidade de saber...

Neste sentido, convido-o(a) a não apenas dedicar-se a esta aventura de aprofundar os conhecimentos relativos às posições adotadas pelos filósofos, pelos clássicos pensadores da Ontologia, mas, também, exercitar as suas habilidades de autonomia, de reflexão, de crítica e de criatividade – à medida que você pensa de modo inédito como filósofo(a), como ontólogo(a), o que é que há, o que é que existe.

Sucesso em sua caminhada acadêmica, nobre colega, estudioso(a) da Filosofia.

Grrrrrrrande abraço!

Professor Leandro Kingeski Pacheco



Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, São Tomás. **Compêndio de teologia**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **Súmula contra os gentios**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ARISTÓTELES. Categorias. In: **Organon**. Lisboa: Guimarães, 1985. v. 1.

_____. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

AUBENQUE P. **A filosofia pagã: de Platão a São Tomás de Aquino**. Lisboa: Dom Quixote, 1981.

AZEVEDO, Fal Vitiello de. Fogo. **Flickr**. 26 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/dropsdafal/page130/>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

BARNES, J. **Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. Metaphysics. **The Cambridge companion to Aristotle**. New York: Cambridge, 1995. p. 66-108.

BATALHA do Riachuelo. **Portal São Francisco**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/guerra-do-paraguai/batalha-do-riachuelo-1.php>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

BÍBLIA. Português. L. C. C. Publicações Eletrônicas, 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/nacionais/acrobatebook.html>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **Bíblia sagrada**: edição pastoral. 53. imp. São Paulo: Paulus, 2004.

CHRISTIAN Wolff, German philosopher. **Science photo library**. [200-]. Disponível em: <<http://www.sciencephoto.com/media/141448/enlarge>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

ITTAR, E. C. B. **Curso de filosofia aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri: Manole, 2003.

- BLANC, M. F. **Introdução à ontologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BOERHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Trad. e notas de Raimundo Vier. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1988.
- BORNHEIM, G. A. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRÉHIER, É. **La théorie des incorporeals dans l'ancien stoïcisme**. Paris: PUF, 1967.
- BRUN, J. **O estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CASSIN, B. **Ensaio sofisticos**. São Paulo: Siciliano, 1990.
- CHÂTELET, F. **História da filosofia, ideias, doutrinas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. 8. v.
- CHAUI, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. v. 1.
- CORAZZON, R. **Ontology**: a resource guide for philosophers. 2008. Disponível em: <<http://www.formalontology.it>>. Acesso em: 15 fev. 2008.
- DA SILVA, M. B. **Metafísica e assombro**: curso de ontologia. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- DIÔGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1988.
- EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA. **Antologia de textos**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FARRINGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FILOSOFIAS Ribeirinhas. **Uxu Kalhus**. 26 fev. 2007. Disponível em: <http://uxukalhus.blogspot.com/2007_02_01_archive.html>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.
- FREDE, M. The Stoic notion of a lekton. In: **Companions to ancient thought**: 3: language. Cambridge: UPC, 1994.
- GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estóico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- GONÇALVES, Daniel. Blow away. **Flickr**. 13 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/dpg/213606370/meta/>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os filósofos gregos**: de Tales a Aristóteles. Lisboa: Presença, 1987.
- HUISMAN, D. **Dicionários dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- JACOB Lorhard. **Wikipédia**. 30 mar. 2011. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Jacob_Lorhard>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

- JAEGER, W. **Paideia**: a formação do homem grego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- KAHN, C. H. **Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser**. Rio de Janeiro: NEFA-PUCRJ, 1997.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**: história crítica com seleção de textos. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- KNEALE, W.; KNEALE, M. **O desenvolvimento da lógica**. Trad. M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.
- KREMER, Diana. Imagem de Rudolf Goclenius. **Wikipédia**. 16 fev. 2005. Disponível em: <<http://it.wikipedia.org/wiki/File:Rudolf-Goclenius-1.jpg>>. Acesso em: 2 ago. 2011. il.
- LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. **The hellenistic philosophers**. Cambridge: UPC, 1995.
- LOPES DOS SANTOS, L. H. Anotações sobre Leibniz, o estoicismo, substâncias e labirintos. In: **Verdade, conhecimento e ação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MOLINARO, A. **Léxico de metafísica**. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. **Metafísica**: curso sistemático. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**: desde Aristóteles até os neoplatônicos. São Paulo: Mestre Jou, 1965. v. 2.
- _____. **O pensamento antigo**: história da filosofia greco-romana. São Paulo: Mestre Jou, 1964. v. 1.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORATÓ, J. C.; RIU, A. M. **Diccionario de filosofía en CD-ROM**. 2. ed. Barcelona: Herder, 1998.
- MORENTE, M. G. **Fundamentos de filosofia**: lições preliminares. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- NEVES, M. H. de M. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- NEW Science Theory: exemplified by physics theory. [200-?]. Disponível em: <<http://www.new-science-theory.com/>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.
- OS CÍRCULOS evolutivos. **Arc Mandalas**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.arcmandalas.com.br/materiascircuitosintro.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.
- PIETTRE, B. **A República**: livro VII. Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília: UnB, 1989.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **A república**: livro vii. Brasília/São Paulo: UnB/Ática, 1989.

_____. **Fedão**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **O sofista**. 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **Parmênides**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

_____. **Teeteto**. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural: 1978.

REALE, G. **História da filosofia antiga**: I. das origens a Sócrates. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. v.1.

_____. **História da filosofia antiga**: os sistemas da era helenística. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002. v. 3.

_____. **História da filosofia antiga**: Platão e Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.

REALE, G; ANTISSERI, D. **História da filosofia antiga**: patrística e escolástica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.v. 2.

RODRIGUES, Sônia. Aproximação simbólica à especificidade da Filosofia. **Filosofia Prática**. 18 ago. 2009. Disponível em: <<http://filosofiapraticasoniarodrigues.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

ROSS, D. A Metafísica de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SOCRATES in Dublin. **Flickr**: Galeria de MacGBeing. 5 maio 2007. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/macgbegins/485750155/>>. Acesso em: 3 ago. 2011. il.

TUGENDHAT, E. **Propedêutica lógico-semântica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VALVERDE, J. M. **História do pensamento**: filosofia, ciência, religião, política. vol. I, n. 7, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: DIFEL, 1984.

XENOFONTE. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. In: **Sócrates**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.



Sobre o professor conteudista

Leandro Kingeski Pacheco é bacharel (1994), licenciado (1997) e mestre (2005) em Filosofia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Junto ao Centro de Educação a Distância (CEAD) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atuou (2001-2005) como professor de Filosofia, de Direitos Humanos e Cidadania, de Educação e Meio Ambiente, de Tecnologia, Educação e Aprendizagem e de Metodologia da Educação a Distância, assim como desenvolveu atividades de Supervisor Pedagógico. Também lecionou Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação (FAED) da UDESC. Por esta universidade, é co-autor dos seguintes livros didáticos: *Filosofia Moderna e Contemporânea*; *Direitos Humanos e Cidadania*; *Globalização e Cidadania*. Pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), atuou de 2005 a 2008 como designer instrucional, no setor de Desenho Educacional do Campus UnisulVirtual e atua como docente em algumas disciplinas deste campus. Pela UNISUL, é coautor dos seguintes livros didáticos: *Filosofia*; *Fundamentos Filosóficos, Sociológicos e Antropológicos da Educação da Infância*; *Ética no Poder Judiciário e Lógica I*; e, atualmente, exerce a função de assistente pedagógico, na educação presencial, vinculado à Gerência de Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus Norte da UNISUL.

Seu currículo lattes está disponível para consulta on-line no site do CNPq, por meio do endereço:
<<http://lattes.cnpq.br/1051742419851088>>.

Respostas e comentários das atividades de autoavaliação



UNIDADE 1

1) Complete as palavras cruzadas. Esta atividade visa exercitar sua capacidade de identificação e compreensão dos conceitos pertinentes à perspectiva cética e ontológica de Pírron.

a) C I Ê N C I A D O S E A R K H É
 b) S E R
 c) E N T O L O G I A
 d) U N I V E R S A L I D A D E
 e) R A C I O N A L I D A D E
 f) R A D I C A L I D A D E
 g) R U D O L F G O C L E N I U S
 h) O G D O S A T A F Í S L A C A T E S I P
 i) F O G O C L E N I U S
 j) S E R E N Q U A N T O S E R
 k) O N T O L O G I A
 l) M O L O G I A
 m) C O S M O L O G I A
 n) A R K H É
 o) P H Y S I S
 p) T
 q) Á G U A
 r) Á P E I R O N
 s) A
 t) F O G O
 u) U
 v) U
 x) H O M O S T A F I S L A C A T E S I P
 y) Á

2) Todas as alternativas são verdadeiras. Logo, devem ser assinaladas como a letra 'V'.

3)

a) P

b) A

c) P

d) A

e) P

f) A

g) P

4)

I)

a) É pertinente destacar que Tales defende a matéria água como *arkhé*. O princípio deve ser entendido como a fonte original de todas as coisas existentes e aquilo que persiste como existente, quando algo é gerado, alterado ou destruído. Tales também é considerado o primeiro investigador da cosmologia.

II)

a) É pertinente destacar que Anaximandro defende o *ápeiron* como *arkhé* e parece ter sido o primeiro a propor o termo *arkhé*. *Ápeiron* deve ser entendido como indefinido ou infinito. As mudanças causadas pelo *ápeiron* sempre ocorrem no tempo.

b) É pertinente destacar que Anaximandro defende o *ápeiron* como *arkhé* material. Também defende o movimento como eterno.

c) É pertinente destacar que Anaximandro defende o *ápeiron* como *arkhé*, como causa da origem e da destruição de todas as coisas. As gerações, alterações e destruições que podem ocorrer nas coisas estão associadas à compreensão do movimento como infinito e cíclico.

III)

a) É pertinente destacar que Anaxímenes defende o ar como *arkhé* de todas as coisas. Todas as coisas são feitas de ar e diferenciam-se tão somente pelo grau de rarefação e de densidade. Ainda defende que o movimento caracteriza-se como perpétuo e que, por meio dele, é possível identificar a mudança das coisas.

- b) É pertinente destacar que Anaxímenes defende o ar como *arkhé* de todas as coisas. Embora o ar seja “invisível”, ele pode ser revelado por um dos quatro modos: frio; calor; umidade; e movimento. As coisas mudam à medida que o ar está em movimento.
- c) É pertinente destacar que, para Anaxímenes, o ar é o *arkhé* de todas as coisas, aquilo que subsiste às diversas alterações.

IV)

- a) É pertinente destacar que Heráclito defende que, em cada coisa, assim como em nós, existem opostos.
- b) É pertinente destacar que, para Heráclito, cada coisa é uma unidade, assim como há uma multiplicidade de coisas.
- c) É pertinente destacar que Heráclito reconhece a natureza fugidia da constituição das coisas.
- d) Heráclito defende que há uma harmonia entre a tensão exercida pelos opostos de cada coisa.
- e) É pertinente destacar que a guerra identifica-se como princípio de todas as coisas.
- f) É pertinente destacar que o exemplo das águas do rio corrobora a tese de que tudo flui, que o devir é uma regra que vale para todas as coisas.
- g) É pertinente destacar que o fogo é identificado como *arkhé* de todas as coisas. Tal princípio manifesta-se conforme uma ordem imperecível.

V)

- a) É pertinente destacar que, para os pitagóricos, as coisas têm uma natureza análoga à do número.
- b) É pertinente destacar que, para os pitagóricos, as coisas são formadas por número, pois, caso contrário, elas não poderiam ser pensadas nem conhecidas.
- c) É pertinente destacar que, para os pitagóricos, o número é *arkhé* de todas as coisas.

VI)

- a) É pertinente destacar que Parmênides expõe que há dois caminhos de investigação. Um que trata do ser e está associado à verdade. O outro caminho trata do não-ser e está associado à impossibilidade de discernimento, já que não pode ser conhecido nem expresso.
- b) É pertinente destacar que Parmênides identifica o ser com aquilo que é pensado e com aquilo que existe.
- c) É pertinente destacar que ser como imperecível, inabalável, completo, todo, único, contínuo, perfeito, não sujeito ao devir, inviolável, homogêneo, indivisível. O não-ser é impensável e indizível. O pensar

identifica-se com o que é. O ser é limitado pela identidade, pois é ou não é, não podendo não-ser. A identidade implica duas opções contrárias, lógicas. Ainda, se o caminho do não-ser é inexprimível, o caminho do ser é autêntico.

VII)

- a) É pertinente destacar que Empédocles identifica o fogo, a terra, a água e o ar como *arkhé*. Todas as coisas são compostas pelos quatro elementos. A partir deles, origina-se a diversidade de coisas.
- b) É pertinente destacar que as coisas, para Empédocles, não devem ser encaradas como sujeitas ao nascimento e morte, mas como decorrentes da mistura e troca.
- c) É pertinente destacar que Empédocles identifica dois tipos de “motores do movimento”: a Cólera, que separa as coisas; e o Amor, que as une.

VIII)

- a) É pertinente destacar que, para Anaxágoras, admitir o nascer (como surgimento de algo novo) e o morrer (como o fim de algo) é pouco diante das coisas como são. Muito pouco se cria ou se perde. União e separação são os processos elementares do movimento das coisas.
- b) É pertinente destacar que, para Anaxágoras, nada há isolado. Todas as coisas têm uma participação de tudo.
- c) É pertinente destacar que, conforme Anaxágoras, em cada coisa que existe, há uma parte de tudo, enquanto sementes.
- d) É pertinente destacar que, para Anaxágoras, as homeomerias formam o *arkhé* de todas as coisas.

IX)

- a) É pertinente destacar que o *arkhé* de Leucipo é o átomo, elemento indivisível que está sempre em movimento. As formas do átomo são infinitas.
- b) É pertinente destacar que tanto Leucipo quanto Demócrito pensam o átomo como *arkhé*. O átomo é, por definição, indivisível, compacto e sem espaços vazios. Há um número infinito de átomos.
- c) É pertinente destacar que, para Leucipo e Demócrito, o átomo refere-se ao que é (ao ser); e o vazio refere-se ao que não é (ao não-ser). Átomo e vazio constituem-se como coisas materiais. As coisas diferenciam-se pela disposição do átomo: forma (ritmo), ordem (contato) e disposição (revolução).

5)

Conflito ontológico protagonizado pelas ideias de Heráclito e de Parmênides		
Pontos de tensão	Heráclito	Parmênides
Qual <i>arkhé</i> defendido?	Fogo/guerra/discórdia.	Uno – que se identifica com o único ser existente.
O que existe?	Há uma multiplicidade de coisas existentes. Cada coisa comporta opostos, embora cada uma exista em harmonia. Cada coisa é considerada uma unidade.	Só há um ser, fixo, inalterável. Não existe algo além do uno. Não existe o não-ser.
Qual a concepção sobre o devir	Todas as coisas estão sujeitas ao devir. Tudo flui.	O devir é uma ilusão. Não há movimento, não há devir.

UNIDADE 2

- 1)
- a) P
- b) P
- c) G
- d) G
- e) S
- f) S
- g) S

2)

Diagrama de uma palavra cruzada com as seguintes palavras preenchidas:

- Horizontal:**
 - l) P A R T I C I P A Ç Ã O
 - a) S E G U N D A N A V E G A Ç Ã O
 - g) I
 - c) D A N A V E G A Ç Ã O
 - h) I D E A L I S T A
 - q) P E R S E I D A D E
 - d) M U N D O S E N S Í V E L
 - o) P L E N I T U D E
 - j) C O I S A S S E N S Í V E I S
- Vertical:**
 - k) I M I T A Ç Õ E S D A S O I S A S E N S Í V E I S
 - b) T O R I S S A S
 - s) A R G U M E N T O D E T R A C T O R I O M
 - g) I É L I E A G O I R D I É A I D E A A D C E A B V E E M R A
 - t) O I R D I É A I D E A A D C E A B V E E M R A
 - r) U N D I D G I B I L I D A D E
 - m) I N T E L I G I B I L I D A D E
 - p) I M U T A B I L I D A D E
 - e) U N D I S M O
 - i) B J E T O S M A T E M Á T I C I O S
 - n) I O C O R P O R A L

3)

- a) É pertinente destacar que a segunda navegação representa uma crítica à valoração de alguns pré-socráticos aos sentidos, ao corpo, assim como ao reconhecimento de causas físicas, materiais, para todas as coisas. Por outro lado, evidencia a necessidade de considerar a razão como meio para encontrar a causa das coisas.
- b) É pertinente destacar que Platão defende que há dois tipos de coisas: as coisas visíveis (sensíveis) e as coisas inteligíveis (enquanto ideia, essência). As primeiras são denominadas de múltiplas enquanto as segundas são denominadas únicas. As coisas visíveis não são inteligíveis, enquanto as ideias são inteligíveis, mas não visíveis.
- c) É pertinente destacar que Platão generaliza que toda coisa sensível existe à medida que participa de uma essência, do que é em si.
- d) É pertinente destacar que há duas espécies de seres: visíveis ou sensíveis e inteligíveis ou invisíveis. A ideia, a essência, ser inteligível, é sempre do mesmo modo, em si e só pode ser apreendida pelo raciocínio. Os seres sensíveis, múltiplos, não são jamais idênticos, nem em relação a eles mesmos nem em relação às ideias, e podem ser apreendidos pelos sentidos.
- e) É pertinente destacar que as ideias são como paradigmas, modelos, para as coisas sensíveis. As coisas sensíveis são como cópias das ideias, em função da participação.
- f) É pertinente considerar a perspectiva de que ideias têm existência própria.
- g) É pertinente destacar que Platão formula o argumento do 3º homem e que, em essência, propõe que uma ideia participe de outra ideia, implicando uma infinidade de ideias novas. Embora não esteja explícito nesta passagem, lembre que Platão não aceita esse argumento.

4)

a) F I L O S O F O F I A P R I M E R I A R A

b) T Á B U A D A S C A T E G O R I A S

c) S U B S T Â N C I A

d) Q U A R T O C I N H O

e) C A T E G O R I A

f) S U J E I T O

g) P R E D I C A D O

h) Q U A R T O

i) F O R M A L

j) M A T R I C I A

k) F I C H A

l) R I A

m) F I L O S O F O F I A P R I M E R I A

n) S U B S T Â N C I A S E G U I N D A

o) R E A L I D A D E

p) A T O

q) P O T E N T E

r) M A R T A

s) F I C H A

- 5)
- a) É pertinente destacar que “ser” é aplicável à substância assim como às demais categorias. Porém, a substância é primariamente, enquanto as demais categorias, secundariamente.
 - b) É pertinente destacar que tanto a substância quanto as demais categorias apresentam uma essência. Contudo, a essência pertence primariamente às substâncias e secundariamente às demais categorias, em relação à substância – pois a essência da substância é primaz, um referente, enquanto a essência das demais categorias acrescenta ou subtrai algo da substância.
 - c) É pertinente identificar a célebre tábua de categorias. Por meio dela, são classificadas, em gêneros supremos, as palavras significativas: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, ação e paixão.
 - d) É pertinente destacar a tese da correspondência categorial existente entre o que é (ontológico) e o que é dito (semântico, significativo).
 - e) É pertinente destacar que o ser pode ser dito de muitos modos, mas todos estão ancorados na substância, referência fundamental.
 - f) É pertinente destacar que o ser pode comportar contrários ao mesmo tempo, quando considerado em potência. Em ato, o ser não admite contrários.
 - g) É pertinente destacar que não é necessário que aquilo que exista em potência seja atualizado.
 - h) É pertinente identificar a formulação clássica do axioma, princípio, da não-contradição: (sobre uma coisa em ato) não se pode afirmar algo e seu contrário, ao mesmo tempo, pois isto implica contradição. Observe que este axioma não se limita ao âmbito lógico, mas aborda, fundamentalmente, o âmbito ontológico.
 - i) É pertinente identificar a formulação clássica do axioma, princípio, do terceiro excluído: há dois valores passíveis de serem atribuídos às predicções, consideradas como afirmação ou negação: verdadeiro ou falso – não havendo uma terceira opção, um terceiro valor. Tais valores, verdadeiro e falso, decorrem da compreensão ontológica do que é e do que não é. Observe que este axioma não se limita ao âmbito lógico, mas aborda, fundamentalmente, o âmbito ontológico.
 - j) É pertinente identificar a realidade como o âmbito em função do qual se julga uma proposição. É a (in)existência da coisa que permite atribuir um juízo verdadeiro ou falso, ao conteúdo expresso pela proposição.

UNIDADE 3

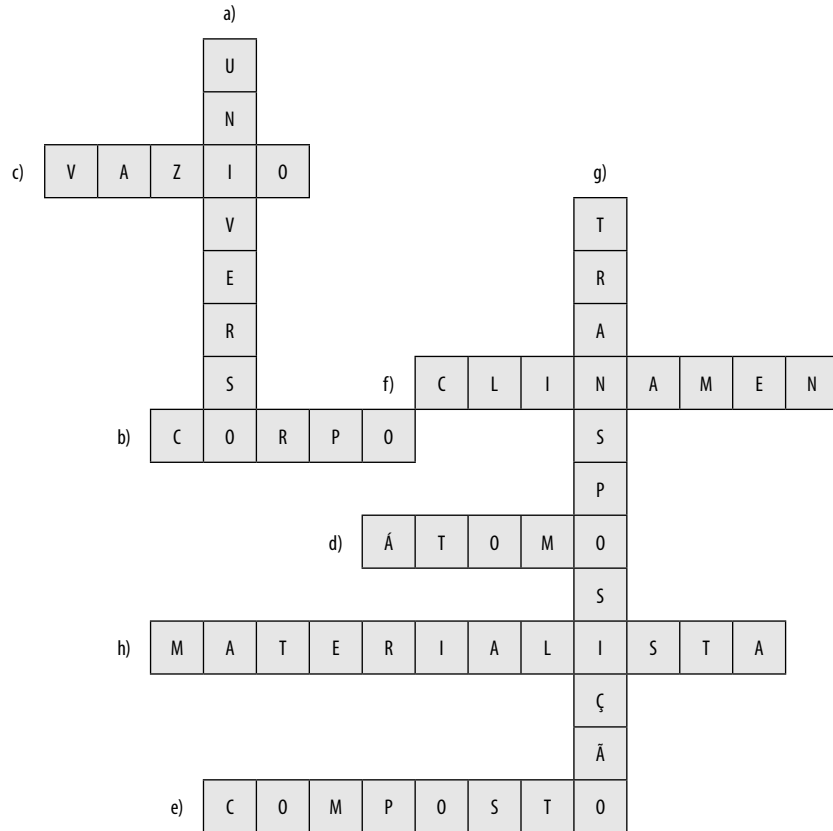
1)

															h)																																			
															A																																			
															i) H Á B I T O																																			
															A																																			
															R																																			
															A																																			
															X																																			
															a)																	b)																	e)	
															I N D E T E R M I N A D A S																	F																		
															A																	A																	E	
															O																	Ú																	N	
															G																	V																	O	
															M																	I																	M	
															f) A P O R I A																	D																	E	
															T																	A																	N	
															I																	S U S P E N S Ã O D O J U Í Z O																	O	
															c) S U S P E N S Ã O D O J U Í Z O																	M																	O	
															M																	O																		
															O																																			

2)

- a) É pertinente identificar, conforme a perspectiva ontológica, que Pírron propõe que nada existe “realmente”; a atitude de suspender os juízos diante da impossibilidade de precisar as coisas que de fato existem. Por outro lado, ele elege o hábito como base para o agir humano.
- b) É pertinente identificar a atitude cética de indagar sem se posicionar dogmaticamente sobre uma tese.
- c) É pertinente considerar a ignorância da verdade, como consequência da possibilidade de estabelecer proposições contraditórias, em função de os fatos “serem” contraditórios.
- d) É pertinente identificar que as coisas não são como parecem, mas como ‘a’parecem.
- e) Conforme o pensamento pirrônico, as coisas, quando confrontadas, revelam-se confusas. A análise crítica das coisas evidencia as crenças frágeis que se pode ter sobre elas. Contudo, certos fenômenos apresentam um caráter persuasivo, permitindo falar de um grau de credibilidade.
- f) É pertinente identificar que, para os céticos, a postura dogmática enfatiza a suposição em detrimento da investigação.
- g) É pertinente identificar que o julgamento está comprometido, uma vez que tanto os sentidos quanto a razão não são absolutos.
- h) É pertinente identificar que as coisas são caracterizadas como indiferentes, imensuráveis e indiscrimináveis. Logo, o ser é indeterminável, fugidio.

3)



4)

- a) É pertinente identificar que nenhuma coisa surge do nada, nem se dissolve em nada. As coisas podem ser decompostas, partidas, assim como transformadas. Assim, o “todo”, o mundo, o universo é sempre o mesmo, no sentido que abarca tudo o que existe e nada mais pode ser inserido neste.
- b) É pertinente identificar a composição do universo: corpo e espaço. O espaço ou vazio é definido como o lugar onde os corpos estão ou movem-se. A sensação permite testemunhar o que existe. O raciocínio, harmonizado em relação à sensação, permite argumentar sobre aquilo que não é evidente à sensação.
- c) É pertinente identificar que os corpos são considerados compostos ou elementos. Os elementos são indivisíveis, imutáveis, sólidos, imutáveis. Os elementos são os corpos que subsistem, quando um corpo composto é dissolvido. As substâncias corpóreas e indivisíveis são consideradas princípios.

- d) É pertinente identificar que, em um composto, os elementos não são infinitos nem de tamanho variável. A divisão infinita do elemento não é aceitável, pois implicaria admitir a infinidade dentro de um composto que, por sua vez, é limitado, finito.
- e) É pertinente identificar que há uma infinidade de átomos semelhantes para cada forma. Contudo, as formas de átomo não são infinitas, mas tão somente inconcebíveis.
- f) É pertinente identificar que os átomos apresentam forma, peso, grandeza, solidez e imutabilidade. Todo composto muda. A mudança do que é composto ocorre por processo de transposição, considerando o átomo como o elemento subsistente de tal processo.
- g) É pertinente identificar a distinção entre infinito e finito. O que é finito tem um limite extremo. O que é infinito é ilimitado. O todo, o universo, é infinito e abriga os corpos e a extensão do vazio.
- h) É pertinente identificar que os átomos estão, eternamente, em movimento contínuo. Os átomos e o vazio também são eternos. O movimento permite que os átomos aproximem-se ou se afastem uns dos outros. Os átomos podem “desviar” uns dos outros e, ao fazê-lo, entrelaçam-se. Os átomos também podem ter outros átomos enlaçados ao seu redor, separados pelo vazio. Durante o movimento dos átomos, por eles serem sólidos, eles se chocam e são jogados para trás, até a ocasião em que o entrelaçamento não anula mais os efeitos do choque.
- i) É pertinente identificar que, no vazio, os átomos movem-se com igual velocidade, independentemente do fato de serem leves ou pesados, sem se chocarem com nada.
- j) É pertinente identificar que os átomos naturalmente movimentam-se, caindo de modo retilíneo.
- k) É pertinente identificar que o desvio permite que os átomos possam combinar-se, de modo diferente do cair meramente retilíneo.
- l) É pertinente identificar que há infinitos mundos, semelhantes ou diferentes. Os átomos são infinitos, inesgotáveis e podem formar tais mundos.
- m) É pertinente identificar que todos os mundos estão sujeitos à mudança, embora esta mudança seja variável em intensidade.

5)

g)

C
O
N
C
A
T
E
A
Ç
Ã
O
U
N
I
V
E
R
S
A
D
A
D
E

i) I N C O R P Ó R E O

e) R A Z Ã O D I V I N A

a) F c) C l) E

b) M A T É R I A O U S U B S T Â N C I A

L
G
O

S
I
C
A

R
P
Ó
R
E

P
A
Ç
O

m) T E M P O

k) V

f) P A L I N G E N E S I A

j) E X P R I M Í V E L

Z
O

- 6)
- a) É pertinente identificar algo como o conceito de maior abrangência, que abarca o existente e o inexistente.
 - b) É pertinente identificar algo como o conceito de maior abrangência, que abarca o existente como corpóreo e o inexistente como incorpóreo.
 - c) É pertinente identificar que aquilo que tem corpo tem a capacidade de agir, atuar, mover e alterar. A palavra é um exemplo de corpo.
 - d) É pertinente identificar aspectos sutis do que é corpo, do que é corpóreo. A alma e os sentimentos são exemplos de corpóreos. Agir é pertinente ao que é corpóreo.
 - e) É pertinente identificar dois princípios das coisas que existem no universo como corpóreas: um passivo, entendido como matéria (substância); e outro ativo, entendido como razão eterna e divina.
 - f) É pertinente identificar a substância, a matéria, como aquilo que é eterno, imperecível, embora sujeito a mudança. Se a forma pode mudar, como em um modelo de cera, a substância (a matéria) não pode ser destruída.
 - g) É pertinente identificar os quatro tipos de incorpóreos: exprimível, vácuo, lugar e tempo.
 - h) É pertinente identificar a distinção entre o exprimível, o significante e a referência nomeada. O exprimível é um incorpóreo, algo que subsiste nas mentes humanas. A referência nomeada e o signo expresso (que pode ser falado ou escrito) são corpóreos, existentes.
 - i) É pertinente identificar que todas as coisas existentes e acontecimentos no mundo estão condicionados a uma concatenação universal, ordenadora, eterna, divina, causal.
 - j) É pertinente identificar o corpóreo como causa dos incorpóreos, tal como o caso de um corpóreo em relação ao exprimível.
 - k) É pertinente identificar que embora haja movimento (devir) no mundo, a coisa decorrente de uma alteração é sempre coerente com a sua própria natureza.

UNIDADE 4

- 1)
- a) É pertinente identificar Deus como criador das criaturas, das coisas originárias. Ele criou, pela palavra, o céu, a terra, a luz, o dia, a noite, o mar, a relva, as ervas, as árvores que produzem frutos que, por sua vez, produzem sementes, o sol, a lua, os seres aquáticos, os seres voadores, os animais domésticos, os répteis, as feras, o homem e a mulher. Estes dois últimos foram criados conforme a imagem e semelhança de Deus.

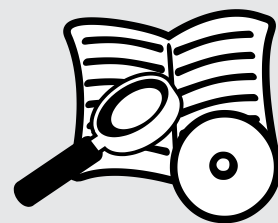
- 2)
- a) É pertinente identificar, conforme Agostinho, que as dez categorias ontológicas propostas por Aristóteles, para lidar com a substância, não são capazes de lidar com tudo, uma vez que Deus, por exemplo, simples e imutável, difere de todas as coisas mundanas.
 - b) É pertinente identificar Deus como origem criadora de todas as coisas e de todos os seres. Também Ele cria as almas e os corpos.
 - c) É pertinente identificar Deus como criador de todas as coisas. Todas as coisas criadas são boas, uma vez que tem Deus como origem, como criador. No conjunto, todos os seres são muito bons, pois são criaturas de Deus. As coisas que existem estão sujeitas à corrupção, pois elas podem ser privadas de algum bem que as caracterizam. Há seres superiores (mais perfeitos) e seres (menos perfeitos). O mal não é uma substância, pois não existe por si e não pode desmanchar a ordem já estabelecida por Deus. Contudo, o fato de alguns seres não se harmonizarem com outros induz os seres humanos a considerá-los como maus. A corrupção, grosso modo, é nociva à medida que diminui o bem de algo existente. Uma coisa privada parcialmente de algum bem é prejudicada e uma coisa privada totalmente de algum bem deixa de existir. Ainda, o conjunto da criação vale mais do que qualquer ser criado que seja tomado isoladamente.
 - d) É pertinente identificar que, ao se inquirirem as coisas que existem (terra, mar, abismos etc.) sobre a hipótese de elas serem Deus, Agostinho ouve, metaforicamente, sempre uma resposta negativa, a de que elas não são Deus, mas criaturas de Deus e, portanto, belas e perfeitas. Deus situa-se acima das criaturas, o que implica uma relação hierárquica de fundação das segundas a partir da Primeira. Ao inquirir a si mesmo sobre sua constituição, Agostinho descreve-se como homem, de corpo e alma. O corpo e a alma são dois tipos de substância, respectivamente, uma exterior e outra interior. O corpo já lhe permitiu inquirir as coisas que existem sobre a existência de Deus; mas a alma é a sua melhor parte, pois, conforme um juiz, permite ajudar-lhe a responder sua questão: "Quem é Deus?".
 - e) É pertinente identificar que Deus criou o céu e a terra. Enquanto criadas, toda criatura reflete a beleza, a bondade e a existência de Deus. Contudo, as criaturas são ínfimas diante do Criador.
 - f) É pertinente identificar que Deus não cria as coisas a partir de uma matéria, mas a partir da palavra divina. Toda criatura que existe depende da existência de Deus.
 - g) É pertinente identificar que, para Santo Agostinho, eternidade implica a invariabilidade do presente. Por outro lado, tempo indica algo além do presente.
 - h) É pertinente identificar a reflexão de Agostinho sobre o tempo. Pretérito, presente e futuro não devem ser encarados como tempos

de implicação ontológica idêntica. O que é futuro não existe ainda; o que é passado não existe mais. A perspectiva do tempo está ancorada no sujeito, na mente do homem: a lembrança da coisa passada implica tornar presente algo do passado; a visão das coisas presentes implica reconhecer o presente do presente; e a esperança das coisas futuras almeja tornar presente algo ainda futuro.

- i) É pertinente identificar que Deus cria todas as coisas à medida que cria a matéria e a forma destas. As coisas foram criadas do nada e estão situadas no tempo, o que implica que estão sujeitas a alteração. A matéria é dita concriada em relação às coisas, à medida que ela foi criada ao mesmo tempo em que estas.
- 3)
- a) É pertinente identificar que o ente pode ser entendido de dois modos distintos: i) conforme as dez categorias (sentido real); ou ii) conforme constitui uma proposição (sentido lógico). No sentido lógico, o ente pode ser predicado de inúmeros modos, em uma proposição, sem que isto implique alguma alteração da coisa predicada (O fato de eu poder predicar algo sobre o sol, não altera o sol). O ente no sentido lógico pode ser entendido como uma privação ou negação, tal como a cegueira. No sentido real, o ente é entendido como aquilo que acrescenta algo à coisa, aquilo que nos remete, de algum modo, conforme as dez categorias, à substância da coisa, ao que existe de fato. A essência de um ente real implica considerar aquilo que é comum à espécie ou ao gênero.
- b) É pertinente identificar que as substâncias são basicamente simples ou compostas. Há essência em cada um desses tipos de substâncias. Na substância simples, a essência reside em sentido mais vigoroso do que na substância composta. A essência reside primariamente na substância; e, secundariamente, nos acidentes da substância. A substância simples constitui causa das substâncias compostas.
- c) É pertinente identificar que a essência refere-se ao significado de um ente, refere-se à definição do ente. A essência de cada ente composto, natural, abrange tanto a matéria quanto a forma.
- d) É pertinente identificar que o homem é algo composto e assim distinto das duas coisas que o constituem: seu corpo e sua alma.
- e) É pertinente identificar a noção de espécie como ente intelectual, de existência abstraída, à medida que o intelecto encontra uma característica comum pertencente a uma série de indivíduos concretos.
- f) É pertinente identificar a relação entre a matéria e a forma. Toda matéria que existe tem sua existência dependente de uma forma. A forma não depende da matéria. Neste sentido, a forma pode: i) existir por si só, sem matéria, sendo subsistente, quando está próxima de Deus, primeiro princípio; e ii) existir à medida que está vinculada à matéria.

- g) É pertinente identificar duas diferenças entre a essência da substância composta e a essência da substância simples: i) a essência da substância composta comporta matéria e forma, enquanto a essência da substância simples abrange apenas a forma; e ii) a essência da substância composta pode ser tomada como parte ou como todo, enquanto a essência da substância simples pode ser tomada apenas como todo.
- h) É pertinente identificar que toda coisa existente, todo ente, existe em função de uma relação necessária de causalidade. Ou seja, todo existente tem uma causa que o originou. As causas não têm uma origem infinita ou imprecisa, mas uma causa primeira, base para todas as demais causas: Deus, isto é, o Ser puro.
- i) É pertinente identificar três modos em que a essência está nas substâncias: a) quando a essência identifica-se com o que existe, no caso de Deus, ser perfeito; b) quando a essência não se identifica com a existência, quando há forma, mas não matéria, como é o caso de genéricos entes lógicos e de cada específica alma humana; e c) quando a essência está presente nas substâncias compostas de matéria e forma.
- 4) É pertinente identificar, entre outras coisas, que Santo Agostinho utiliza o termo ideia próximo ao que Platão entende por esta expressão, o que permite justificar certa “semelhança” entre estes dois pensadores. Já São Tomás de Aquino utiliza os termos substância primeira, substância segunda, acidente, essência, matéria, forma, com sentido “próximo” ao que Aristóteles os compreende, o que permite justificar certa “semelhança” entre os dois pensadores. Obviamente, semelhança diverge de identidade, pois estes quatro filósofos não usam conceitos homônimos de um modo idêntico.

Biblioteca Virtual



Veja a seguir os serviços oferecidos pela Biblioteca Virtual aos alunos a distância:

- Pesquisa a publicações on-line
<www.unisul.br/textocompleto>
- Acesso a bases de dados assinadas
<www.unisul.br/bdassinadas>
- Acesso a bases de dados gratuitas selecionadas
<www.unisul.br/bdgratuitas>
- Acesso a jornais e revistas on-line
<www.unisul.br/periodicos>
- Empréstimo de livros
<www.unisul.br/emprestimos>
- Escaneamento de parte de obra*

Acesse a página da Biblioteca Virtual da Unisul, disponível no EVA, e explore seus recursos digitais.

Qualquer dúvida escreva para: bv@unisul.br

* Se você optar por escaneamento de parte do livro, será lhe enviado o sumário da obra para que você possa escolher quais capítulos deseja solicitar a reprodução. Lembrando que para não ferir a Lei dos direitos autorais (Lei 9610/98) pode-se reproduzir até 10% do total de páginas do livro.

